

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

MULHERES DO MANGUE

Trabalho, memória e cotidiano das marisqueiras de Fortim – CE.

Gustava Bezerril Cavalcante

Fortaleza
Maio, 2004

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

MULHERES DO MANGUE

Trabalho, memória e cotidiano das marisqueiras de Fortim – CE.

Gustava Bezerril Cavalcante

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de mestre em História Social à Comissão Julgadora da Universidade Federal do Ceará, sob a orientação do Prof. Dr. Franck Pierre Gilbert Ribard.

Fortaleza
Maio, 2004

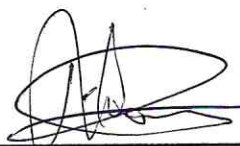
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

MULHERES DO MANGUE

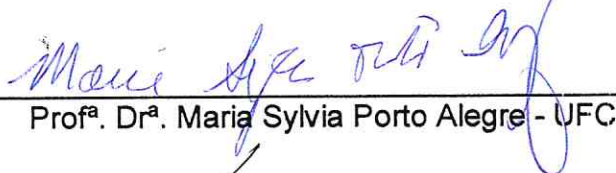
Trabalho, memória e cotidiano das marisqueiras de Fortim – CE.

Gustava Bezerril Cavalcante

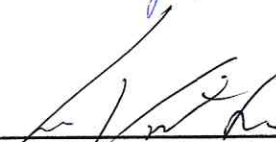
Esta Dissertação foi julgada e aprovada, em sua forma final, pelo orientador e membros da banca examinadora, composta pelos professores:



Prof. Dr. Franck Pierre Gilbert Ribard - UFC
Orientador



Profª. Drª. Maria Sylvania Porto Alegre - UFC



Prof. Dr. Edson Vicente da Silva - UFC

Fortaleza
Maio, 2004

FICHA CATALOGRÁFICA

C365M

Cavalcante, Gustava Bezerril.

Mulheres do Manguê: trabalho, memória e cotidiano das marisqueiras de Fortim – CE / Gustava Bezerril Cavalcante. – Fortaleza, 2004. 200 p.

Orientador: Franck Pierre Gilbert Ribard

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará.
Mestrado em História Social.

1. Marisqueira – Memória – Fortim (CE). 2. Marisqueira – Cotidiano – Fortim (CE). 3. Marisqueira – Sustentabilidade – Fortim (CE). I. Ribard, Franck Pierre Gilbert. II. Universidade Federal do Ceará. Mestrado em História Social. III. Título.

Dedico este trabalho:

Às marisqueiras, pela alegria e vontade de viver que possuem.

A meu filho Pedro, por fazer-me sentir o amor a cada momento da vida.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é algo que considero muito importante, principalmente quando se trata de enfrentar um grande desafio. Sem as marisqueiras, meu orientador, minha família, meus professores, meus amigos e amigas e tantos outros, nada do que está nestas páginas poderia ter sido construído.

Agradeço, em primeiro lugar, às marisqueiras o carinho, atenção e interesse por este trabalho, sempre tão alegres e disponíveis para falar sobre suas experiências. Eu gostaria que soubessem que os momentos de pescarias, reuniões, entrevistas, festas e dificuldades em que pude acompanhá-las significaram para mim aprendizagem, troca, crescimento profissional e pessoal. Esses momentos sempre ficarão guardados na minha memória e no meu coração.

Aos pescadores que me receberam tão bem em suas casas, como foi o caso dos “contadores de histórias”, seu Pedro de Viçosa e seu Miguel da sede de Fortim, meus agradecimentos.

A seu Mundoca, pelas importantes informações sobre a história de Fortim, muito obrigada!

Aos moradores de Fortim, Josélia Simões, Joselene Simões, Josinilda Simões (Nina) e Mario de Deus Barbosa Júnior, por terem cedido suas fotografias para enriquecer este trabalho, meus agradecimentos.

A meu orientador Franck Ribard, por ter acreditado desde o começo na importância deste trabalho, pela sua grande disponibilidade, pelas suas imprescindíveis contribuições, por ter respeitado o meu “tumultuado” ritmo de vida, pela parceria que construímos durante todo este tempo de elaboração e convivência, muito obrigada!

A minha família, em especial a minha mãe, meu filho Pedro, companheiros de todas as horas boas e difíceis.

A Cláudio por ter dividido momentos de pesquisa junto às marisqueiras.

A Robson, Rafaela, Daniele e Socorro, pela presença amiga.

Agradeço a meus professores Eurípedes, Regis Lopes, Fred, Sylvia Porto Alegre, Ivone, Adelaide e Sulamita, pelas contribuições e pelo crescimento que me

proporcionaram. O comprometimento com a Educação neste país foi algo que percebi existir nesse grupo.

Eu gostaria de agradecer em especial à professora Ivone Cordeiro o imenso apoio que me proporcionou durante o curso, acreditando e investindo neste trabalho. Ivone, aproveito este espaço não somente para agradecer por tudo que você fez, mas principalmente por tudo que você é. Obrigada!

Agradeço à Adelaide Gonçalves e aos alunos do primeiro semestre do curso de graduação em História da UFC, pelos valiosos momentos em que estivemos juntos em sala de aula e em Fortim, durante o estágio em docência realizado em junho de 2003. Obrigada, Adelaide, por sua infinita disponibilidade, praticidade, inteligência e alegria.

Aos integrantes do GEMB (Grupo de Estudos de Moluscos Bivalves), em especial a Maximiano Pinheiro Dantas Neto, agradeço pelas oportunidades de convívio, pelas caronas e pelo carinho com que fui acolhida.

A todos os meus colegas de turma: Antonio, Ana Carla, Benedito, Diocleciana, Glória, Gleison, Henrique, Ivaneide, Iza, Luiz, Mirtes e Rose.

Em especial meu muito obrigado a:

Antonio, por ter compartilhado comigo de maneira tão amigável, os bons e os maus momentos.

Glória, por sua disponibilidade e atenção.

Henrique, por seu apoio e amizade.

Mirtes, por sua alegria, apoio e amizade.

Rose, por sua agradável presença e pela acolhida.

Às amigas Cris, Claudiana e Paulinha, por toda a força e pelos bons e necessários momentos extra-universidade que passamos juntas.

À Geny, pela disponibilidade de contribuir de maneira tão perspicaz e elucidativa com a revisão deste trabalho.

A Daniel, Júlia, Rafaela e Felipe, pelo apoio e pela maravilhosa acolhida em Fortim.

A Benilson e Graça, pela viagem a Fortim.

Às amigas das Ciências Sociais Débora, Francisca, Cris e Violeta, pela amizade que nasceu.

Aos amigos e excelentes profissionais Susy, Valdênia, Walter e Daniel Paulo, obrigada pelo trabalho compartilhado e pelos sonhos que nasceram.

A Beethoven pela importante revisão realizada.

A Guiomar pela valiosa ajuda nos momentos de conclusão deste trabalho. Obrigada pela amizade e atenção.

À Nuno Gonçalves pelo apoio e carinho nos momentos de fechamento da dissertação.

À CAPES pelo imprescindível apoio financeiro, sem o qual tudo seria ainda mais difícil.

A todos que de alguma forma participaram e se interessaram por este trabalho, muito obrigada!

Resumo

A presente dissertação de mestrado trata essencialmente do trabalho desenvolvido por um grupo de mulheres que se autodenominam *marisqueiras*. Estas mulheres vivem da pesca de mariscos como ostra, sururu e búzio no manguezal situado às margens do Rio Jaguaribe, no município cearense de Fortim.

O cotidiano e a memórias das marisqueiras constituem uma história de resistência e de busca de uma vida melhor para suas comunidades ribeirinhas e litorâneas.

A história que está registrada nestas páginas possui na memória da mariscagem um forte elo com um passado que se expressa nas lembranças sobre a vida nas comunidades ribeirinhas e principalmente se afirma com significância no conhecimento que as marisqueiras possuem sobre a pesca no mangue, repassado de geração em geração.

As análises sobre o trabalho das marisqueiras foram realizadas com base na convivência com o grupo durante três anos e na prática da História Oral. No decorrer dos estudos, a relação com a natureza, as relações de gênero, a história de enfrentamento dos problemas cotidianos, a organização comunitária e a conquista de parcerias, se fizeram presentes particularizando e enriquecendo o contexto das experiências sociais construídas pelas *mulheres do mangue*.

As marisqueiras estão vivenciando um momento histórico de tentativa de saída da invisibilidade, colocando em discussão a importância do seu trabalho e a necessidade de valorização da mulher trabalhadora do manguezal. Aliado a isto, também vem à tona o problema da destruição dos mangues que ameaça a vida nas comunidades do litoral cearense, pois contribui com a redução dos estoques naturais de pesca e o aumento da pobreza, caracterizando um cenário insustentável do ponto de vista cultural, social, econômico e ambiental.

Essas mulheres estão buscando com habilidade e criatividade construir seus próprios rumos e saídas para garantir uma vida melhor para as atuais e futuras gerações.

Résumé

Cette dissertation de mestrado aborde essentiellement le travail effectué par un groupe de femmes qui se présentent comme "marisqueiras" (pêcheuses de fruits de mer).

Ces femmes vivent de la pêche de fruits de mer comme huître, moule et bulot présents dans la mangrove située sur les marges du Fleuve Jaguaribe, dans la municipalité cearense de Fortim

Le quotidien et les mémoires des "marisqueiras" constituent une histoire de résistance et de recherche d'une vie meilleure pour les communautés présentes en bord de rivière et sur le littoral.

L'histoire qui est gravée dans ces pages possède, à travers la mémoire, un lien fort avec un passé qui s'exprime dans les souvenirs de la vie des communautés de bord de rivière et s'affirme principalement et de manière significative dans la connaissance que les "marisqueiras" possèdent en relation à la pêche dans la mangrove, transmise de génération em génération.

Les analyses sur le travail des "marisqueiras" ont été réalisées prenant pour base la cohabitation avec le groupe pendant trois ans et la pratique de l'Histoire Orale. Durant la recherche, la relation avec la nature, les relations de genre, l'histoire de l'affrontement des problèmes quotidiens, l'organisation communautaire et la conquête de partenariats se firent présents, rendant particulier et enrichissant le contexte des expériences sociales construites par les *femmes de la mangrove*.

Les marisqueiras vivent un moment historique de tentative d'échapper à l'invisibilité en mettant en objet de discussion l'importance de leur travail et la nécessité de la valorisation de la femme travailleuse de la mangrove. À ça vient s'ajouter le problème de la destruction des mangroves qui menace la vie des communautés du littoral du Ceará, puisqu'il contribue à la réduction des stocks naturels de la pêche et l'augmentation de la pauvreté qui caractérisent un scénario insoutenable du point de vue culturel, social, économique et du milieu naturel.

Ces femmes cherchent avec habilité et créativité à construire leurs propres chemins et solutions pour garantir une vie meilleure pour les générations actuelles et futures.

SUMÁRIO

Introdução – Seguindo a memória	12
1. Mangue: lugar de vida e de memória	22
1.1. O litoral como contexto	25
1.2. O município de Fortim	32
1.3. O mangue sob as lentes das marisqueiras	51
2. O trabalho no manguezal: saberes e luta por valorização	76
2.1. A mariscagem assumindo valor	79
2.2. Cotidiano e trabalho	83
2.2.1. Trabalho, sexualidade e violência	92
2.3. Novas práticas, novos rumos	99
2.4. O movimento de luta e busca de parcerias	119
3. Desafios e perspectivas das marisqueiras de Fortim	148
3.1 Sustentabilidade e conservação dos recursos naturais	149
3.2 Os sonhos	170
CONSIDERAÇÕES FINAIS	185
Lista de fotos	191
Lista de mapas	192
Lista de gráficos e tabela	192
Fontes	192
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	193



Introdução - Seguindo a memória

Introdução - Seguindo a memória

...o passado não revela verdades escondidas, ele apenas permite possíveis novas interpretações. Isto talvez porque o olhar para o passado seja sempre o olhar do presente, um olhar amalgamado pela experiência daquele que olha, pelas escolhas que faz, pelo lugar social que ocupa.

Carmen Lúcia Soares¹

Procurei estar junto ao mar durante quase toda minha vida, primeiro, atraída pela sua beleza e imensidão, e depois, em busca de respostas para questões que são uma mistura de curiosidade e interesse profissional.

Durante seis anos, tive a oportunidade de conviver com as comunidades litorâneas do Ceará, desenvolvendo numa Organização Não Governamental - ONG projetos que visavam contribuir com a melhoria da qualidade de vida, através da educação formal e da Educação Ambiental. Pude então, durante esse tempo, aproximar-me dos povos do mar, sempre atenta a questões relativas às problemáticas socioambiental, cultural e de gênero.

O potencial dessas comunidades, os recursos naturais e também os problemas existentes levaram-me à pesquisa, que julgo ser um importante complemento de uma atuação comprometida com a "vida" no litoral cearense, principalmente por saber da carência de trabalhos relativos à memória dos povos do mar.

A vida nas comunidades litorâneas e ribeirinhas suscita muitas reflexões devido ao potencial humano e natural que possuem. A problemática ambiental, a organização social e o trabalho desenvolvido em áreas de mangue estão imbricados entre si, trazendo para discussão, entre outros elementos, a pesca, a terra, o acesso a direitos essenciais como saúde, educação, trabalho, moradia e lazer, fundamentalmente colocando em questão a própria importância e existência dos povos do mar e da biodiversidade do litoral cearense.

Partir para a investigação de um grupo de mulheres trabalhadoras do manguezal do município de Fortim-CE, situado no litoral leste, foi um desafio que assumi com a intuição e a satisfação de quem já sentia, desde o início, a

¹ SOARES, Carmen Lúcia. Corpo, Educação e Natureza. In: *PROJETO HISTÓRIA: Corpo & Cultura*. Nº 25. São Paulo: PUC, EDUC/FAPESP, 2002, p.70.

relevância do objeto escolhido. As “marisqueiras”, como se autodenominam, passaram a fazer parte de minha vida, assim como o rio que vai ao encontro do mar. Foi durante um trabalho de assessoria a esse grupo, que na época buscava o auxílio de ONG's para iniciar discussões sobre organização comunitária, que tive a oportunidade de conhecê-las e logo percebi a importância que possuem como sujeitos de uma história de trabalho e luta por valorização, reconhecimento e respeito.

A história das marisqueiras possibilita a investigação de relações internas ao grupo que pertencem e também discussões que vão além do município de Fortim. A experiência dessas mulheres do mangue em elaborar de maneira multifacetada formas de resistência e de relacionamento com o mundo me chamou a atenção pelo enfrentamento de antigos problemas e pela criatividade que esboçam ao seguir adiante, tentando resolver com habilidade, os entraves postos no dia-a-dia.

O trabalho das marisqueiras é o cerne de meus estudos, que se articulam com discussões sobre a relação com o mangue (natureza), a dinamicidade da história e da cultura, a memória e questões relativas ao gênero. Esta formulação é fruto de observações e práticas desenvolvidas por mim no contexto do litoral, assim como também é influenciada por concepções que julgo procedentes e valiosas por “tratarem” os seres humanos, independentemente de classe social, etnia, crença e valores, como sujeitos de suas histórias.

Pensar o trabalho das marisqueiras não como uma categoria analítica, mas sim, como uma possibilidade de atuação no mundo, foi o desafio que se abriu diante dos meus olhos. Partindo desta perspectiva, mobilizei forças para realizar um exercício de percepção do que é essencial dentro da problemática vislumbrada, sempre considerando os indícios que as marisqueiras me forneciam como algo fundamental para as análises construídas.

A atuação dessas mulheres está imbricada em infinitas e interessantes discussões: a memória da mariscagem, a sexualidade, o gênero, a violência, a sustentabilidade das comunidades ribeirinhas e litorâneas, a conservação e o manejo dos recursos naturais, dentre outras.

Por outro lado, também procurei ter o cuidado de não reduzir as marisqueiras à função que desempenham enquanto trabalhadoras, como tão

brilhantemente nos alerta Rubem Alves,² quando ele diz que as pessoas “desapareceram”, pois passaram a ser identificadas primeiramente pela função que desempenham, em vez de serem reconhecidas pelo que sentem e desejam.

Concordando com Rubens Alves, segui adiante, tentando construir uma elaboração sobre o trabalho das marisqueiras que não ofuscasse seus sentimentos, desejos e sonhos. Afinal, o trabalho é uma invenção do ser humano, que possui dimensões articuladas com a “interioridade” dos indivíduos, dentre outros elementos.

Um diferencial importante para este estudo é pensar a natureza, além dos aspectos físicos, sobretudo como um produto social e histórico da cultura humana. A natureza, que é, segundo Simon Schama, *composta tanto de rochas como de lembranças*, foi trabalhada aqui com a dinamicidade que possui. Guio-me, então, pela idéia central que o autor enfatiza: *“nem todas as culturas abraçam a natureza e a paisagem com igual ardor, e as que as abraçam conhecem fases de maior e menor intensidade”*.³

Foi justamente sobre essas intensidades históricas e culturais que me debrucei, buscando articular história e memória com o objetivo de ampliar as possibilidades de percepção das experiências vividas pelas mulheres do mangue.

As marisqueiras estão vivenciando um momento de projeção e visibilidade, fase importante que me suscitou um olhar voltado para a história que vem sendo construída ao longo do tempo, delineada em permanências e transformações. Associada a isto, a memória dessas mulheres é percebida e trabalhada como o principal subsídio para reflexões e interpretações sobre a dinâmica social investigada.

Na tentativa de trabalhar com a noção de cultura de uma maneira não-universalizante, mas sim, situando-a em contextos históricos bem específicos, optei pela idéia de Thompson, que compreende a cultura como “*diferentes*

² ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez, 1993, p.15.

³ SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo, Companhia das Letras, 1996, p. 25.

recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é a arena de elementos conflitivos".⁴

Aliada a esta concepção, Marshall Sahlins⁵ contribui com a idéia de *resistência cultural*, onde de maneira elucidativa se critica o fato de a cultura ser considerada apenas como um instrumento de diferenciação social. Em "O Pessimismo Sentimental", o autor alerta para a necessidade de entender como as culturas, diante de tantas investidas destruidoras, se reorganizam em função de novos elementos.

Compreender, a partir da memória, como a cultura muda e permanece significa, entre outras coisas, sintonizar-se com os processos de transformação assumidos pelos sujeitos que constroem uma dinâmica local. Esta concepção incentivou uma ampliação dos horizontes dos estudos desenvolvidos.

Para o autor, mudar não significa obrigatoriamente findar, pois a cultura no seu movimento constante e dialético está sempre mudando para permanecer. Por trás de um sentimento de nostalgia, expresso por alguns teóricos saudosos de culturas "puras", existe uma concepção de cultura intocável, romântica e primitiva. Assim, ao invés de acreditar na morte da cultura, podemos enquanto pesquisadores, lembrar que esta é, antes de mais nada, *invenção*. Para tanto, torna-se fundamental acreditar no poder de um povo em definir e produzir relações de acordo com o contexto histórico que está sendo vivido.

Diante desses elementos, são lançados desafios para aqueles que desejam compreender esses novos processos de reapropriação através da historicidade dos fenômenos e da memória.

Nesta perspectiva, Antropologia e História se aproximam para dialogar sobre essa reordenação, já que diferentes culturas conduzem a diferentes historicidades, possibilitando também que a memória se torne cada vez mais um campo compartilhado por ambas.

⁴ THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.17.

⁵ SAHLINS, Marshall. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte I). *Revista Mana. Estudos de Antropologia Social*, vol. 3, número 1, abril de 1997, pp.41- 73.

*“... o problema agora é fazer explodir o conceito de história pela experiência antropológica da cultura. As conseqüências, mais uma vez, não são unilaterais; certamente uma experiência histórica fará explodir o conceito antropológico da cultura...”*⁶.

As marisqueiras estão experimentando, vivenciando e recriando novas formas de afirmação diante do mundo através da discussão e da transformação de seu trabalho, de seus sentimentos e desejos em algo que possa ser reconhecido e valorizado.

Aliado a isto, o manguezal de Fortim para essas mulheres é *lugar* de múltiplas conotações, pois se expressa em observação, conhecimento, trabalho, lazer, patrimônio, transmissão de práticas, aprendizagem, contemplação, simbologia, dentre outros aspectos. Lembrando sempre que é precioso perceber que estas dimensões se manifestam imbricadas, assumindo significados bem específicos, que estão relacionados com a cultura local e também com a conjuntura global, delineando modos de ser, pensar e atuar no mundo.

As trajetórias das marisqueiras constituem-se como possibilidades de pesquisa, também por abrirem um rico campo de reflexão sobre relações de gênero. A história destas mulheres tem estado no anonimato e pouco surge como referência, quando o assunto em voga é o litoral cearense ou, mais especificamente, o mangue. As maneiras como são construídas as relações entre mulheres e homens em Fortim acrescentam ao texto produzido elementos valiosos, os quais facilitaram a compreensão sobre questões relativas aos modos de vida e de visões de mundo das pessoas com as quais tive a oportunidade de conviver durante a pesquisa.

As experiências particulares captadas durante as entrevistas e os momentos de convívio com as marisqueiras por vezes me fizeram lembrar também as condições de vida de mulheres de outros contextos, mas que vivenciam situações semelhantes.

Partindo da compreensão do gênero como uma categoria analítica relacional, mulheres marisqueiras e homens pescadores foram tratados aqui,

⁶ SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987, p.19.

não em separado, mas como universos que possuem suas especificidades e sua complementaridade. A idéia não é exaltar as mulheres como as heroínas de uma história em ascensão, mas sim discutir a atuação, as experiências e importância dessas trabalhadoras do mangue para a história de suas comunidades, assim como também para um contexto maior, procurando superar dicotomias que se situam entre a vitimização e os sucessos femininos⁷.

Fazer uma leitura sobre o grupo de mulheres marisqueiras também requer voltar o olhar para o município de Fortim, com suas comunidades ribeirinhas e litorâneas, para o trabalho desenvolvido nos mangues e para o contexto do litoral. Tudo isso, tentando perceber a complexidade das experiências do grupo de mulheres através da memória que possuem de si e do lugar onde vivem.

Para discutir esta experiência histórica, foram utilizados como fontes de pesquisa, depoimentos de marisqueiras e de pescadores, reunindo um total de doze entrevistas⁸, depoimentos de mais dois pescadores, duas marisqueiras e um comerciante⁹ conseguidos durante momentos de reuniões e de convívio nas comunidades de Fortim, atas de reuniões encontradas na Colônia de Pescadores de Fortim Z-21,¹⁰ revistas e livros encontrados na sede do município sobre a história oficial de Fortim e, por fim, fotografias registradas pelas próprias marisqueiras e fotos antigas cedidas por moradores.

A fotografia foi trabalhada especificamente no primeiro capítulo como material de pesquisa, por proporcionar o aprofundamento da análise da relação que as marisqueiras construíram ao longo do tempo com o mangue, bem como pelo caráter de registro que a fotografia possui, pelo estímulo que favorece a memória e pela dinamicidade e o "diálogo" que proporcionaram aos estudos.

⁷ SOLER, Angélica e MATOS, Maria Izilda (org). *Gênero em debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUC, 1997.

⁸ As entrevistas compreenderam o período de agosto de 2001 a janeiro de 2004, sendo que a maior parte foi concluída em 2002. As entrevistas de 2003 e 2004 foram realizadas com base em oportunidades preciosas que surgiram durante as visitas conclusivas dos estudos ao município.

⁹ O comerciante Raimundo Facundo da Silva, de 73 anos, mais conhecido como seu "Mundoca", foi entrevistado por ser um dos "Guardiões da memória" de Fortim. Todas as marisqueiras e também pescadores contactados fizeram referência a seu Mundoca como uma pessoa importante para a pesquisa.

¹⁰ A pesquisa das Atas de reuniões da Colônia foi iniciada maio de 2001 e sua análise foi concluída em dezembro de 2003.

As próprias marisqueiras foram as autoras das fotos do sub-item 1.3, inclusive tecendo comentários e selecionando as melhores e mais significativas.¹¹

A metodologia utilizada durante os estudos baseou-se na observação participante, na História Oral e na análise documental.

O trabalho de observação participante teve início logo com o ingresso ao mestrado, em 2001, pois na época eu já sabia que demandaria tempo e esforço adentrar no universo das marisqueiras da maneira como eu desejava, ou seja, conquistando gradativamente espaços alicerçados no respeito e na confiança mútua.

Observar e partilhar alguns momentos das vidas das mulheres do mangue, como, por exemplo, o trabalho, as festas, as reuniões da Colônia de Pescadores Z-21 de Fortim, os períodos difíceis, as conversas de quintal e de calçada, entre outros, tudo isso se transformou numa experiência que para mim ultrapassou os objetivos dos estudos, pois proporcionou mudanças na minha forma de perceber, de sentir e estar no mundo.

A História Oral, na verdade, é o “coração” do trabalho, caminho escolhido por ser potencializador de uma “pulsção” da memória. Através dos caminhos da oralidade, busquei compreender o universo de vida e de trabalho das marisqueiras, a partir das narrativas realizadas com as mulheres que fazem parte do grupo, o qual atualmente chega a um número de cento e cinquenta trabalhadoras, assim como também com pescadores.

Para isso, entrevistas foram realizadas com base num roteiro de perguntas previamente elaboradas sobre importantes questões constituintes da problemática estudada. Poucas perguntas eram feitas para proporcionar a fluidez das narrativas.¹² Pretendeu-se, por meio disto, fazer com que a narrativa oral trouxesse para a discussão a dinamicidade das percepções individuais e coletivas sobre o contexto elaborado e vivenciado fundamentalmente pelas marisqueiras. No decorrer do aprofundamento dos estudos, novas questões foram sendo reveladas e incorporadas, assim como

¹¹ As fotografias dos capítulos dois e três não foram registradas pelas marisqueiras, mas por mim, ou retiradas do próprio acervo da Colônia de Pescadores Z-21 de Fortim.

¹² É claro que dependendo da pessoa entrevistada o processo previamente idealizado mudava, pois algumas pessoas mais tímidas necessitaram de uma insistência maior para se sentirem à vontade para contribuir.

também outras foram abandonadas. Esse movimento de construção fez parte do trabalho desenvolvido de maneira bastante constante.

“A História Oral é uma ciência e uma arte do indivíduo. Embora diga respeito – assim como a sociologia e a antropologia – a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, visa aprofundá-los, em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada uma. Portanto, apesar de o trabalho de campo ser importante para todas as ciências sociais, a História Oral é, por definição, impossível sem ele. O significado e a ética dos contatos humanos diretos, na experiência do trabalho de campo, são imprescindíveis ao significado e à ética no exercício de nossa profissão”.¹³

Durante as entrevistas, as próprias marisqueiras forneceram indicações de pessoas interessantes que poderiam ser contactadas, ou então, procurei descobrir através dos momentos de convívio, quais sujeitos poderiam contribuir de alguma maneira para o enriquecimento dos estudos. Um exemplo foi a indicação para entrevistar seu Pedro, seu Miguel e seu Mundoca (o único que não trabalha com pesca) que partiu das marisqueiras. Vale frisar ainda que as entrevistas passaram por um trabalho criterioso de transcrição, seleção e análise.

A perspectiva de desenvolver um trabalho de campo para ouvir aqueles que ainda não tinham sido ouvidos possibilitou, entre muitos ganhos, uma percepção sobre algo que considero fundamental para meus estudos: o *reconhecimento da diferença e da igualdade*.¹⁴ Diferença pelo fato de as marisqueiras fazerem parte de um universo social, cultural, ambiental e econômico específico, e igualdade por se tratar de cidadãos que possuem direitos que necessitam ser respeitados, sejam relativos ao trabalho ou a qualquer outro aspecto.

Foi realizada também uma pesquisa documental¹⁵ que consistiu na busca, organização e análise dos livros de atas das reuniões da Colônia de

¹³ PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um Pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral In: *Projeto História*, Nº 15, São Paulo: PUC, abr. 1997, pp.15 – 16.

¹⁴ PORTELLI, Alessandro. Op. Cit., p.18.

¹⁵ Vale destacar que a idéia de trabalhar com documentos que à primeira vista pareceriam sem importância foi um dos ganhos que atribuo ao Mestrado de História Social. Em um dado momento dos estudos, descobri que o trabalho com as Atas de reuniões poderia contribuir para o enriquecimento do trabalho com História Oral. Muito do que encontrei nas Atas já havia sido narrado pelas marisqueiras, o que fortaleceu ainda mais os estudos, assim como também novos elementos surgiram para a discussão.

Pescadores Z-21 que compreendem o período de 1993 a 2001.¹⁶ A escolha dos livros de atas se deu devido à riqueza de informações que podem ser encontradas nesse tipo de material e também pela ausência de registro da história das marisqueiras através de outras vias escritas.

Feitas essas considerações, passo a apresentar a estrutura e o conteúdo específico do texto produzido, a partir de uma síntese de cada capítulo.

O capítulo um, intitulado *Mangue: lugar de vida e de memória*, trata do litoral como contexto, enfatizando as condições de vida dos povos do mar, salientando Fortim, de maneira a possibilitar que a história das mulheres marisqueiras seja um elemento constituinte do cenário que se projeta. A vida em comunidade, a pesca, a relação com a natureza, os conflitos, as ameaças e dificuldades vivenciadas desenham uma história, na qual a presença das mulheres produz percepções, experiências e tratamentos diferenciados das questões relativas ao cotidiano, nas suas diversas dimensões. Aliadas a essas discussões, o capítulo traz imagens sobre o manguezal apreendidas pelas próprias marisqueiras, como já foi dito anteriormente, utilizadas como material para enriquecer as análises, a partir de seus olhares e percepções sobre o mangue de Fortim.

O capítulo dois, intitulado *O Trabalho no manguezal: saberes e luta por valorização*, trata mais notadamente do trabalho desenvolvido pelas marisqueiras, com ênfase nas experiências cotidianas, ressaltando as novas práticas e os novos rumos que a mariscagem vem assumindo e proporcionando ao grupo. E ainda, a busca de parcerias e o movimento de resistência por reconhecimento e valorização são também pontos discutidos, trazendo para a reflexão as transformações que ocorrem ao longo do tempo. Aqui, o trabalho das marisqueiras é percebido, fundamentalmente, como um mundo de simbologia, resistência e memória.

O capítulo três, *Desafios e Perspectivas das marisqueiras de Fortim*, contempla discussões sobre os desafios maiores com os quais o grupo se depara, no que refere-se à utilização sustentável dos recursos naturais, à conquista de novos espaços e, principalmente, às perspectivas vislumbradas

¹⁶ Esses eram os únicos livros de atas disponíveis na Colônia de Pescadores Z-21 de Fortim durante o período da pesquisa.

diante das difíceis condições de vida dos povos do mar. O referido capítulo trata sobre *sustentabilidade*, situando algumas interpretações a respeito do assunto, associando a estas a questão da preocupação histórica com o equilíbrio ambiental e a conservação e o manejo dos recursos naturais. Em meio a isso, a experiência das marisqueiras se projeta como uma construção sustentável que se harmoniza com a perspectiva de mudança dos rumos das comunidades litorâneas do Ceará. Com o intuito de aprofundar mais as discussões, foram retomados alguns pontos levantados nos capítulos um e dois, interessando mais uma vez saber das marisqueiras o que elas “reconhecem” como elementos-chave para o desencadeamento de processos de gestão social, manejo e conquista de novos espaços.

E por fim, um trabalho sobre os *sonhos* das marisqueiras traz à tona elementos que considero importantes para a existência das gerações atuais e futuras. O que mais desejam as marisqueiras para suas vidas e de suas famílias? Quais são os seus sonhos? Que sonhos se identificam com os desafios postos ao grupo? Em que patamar a memória sobre a mariscagem contribuiu para os desejos e perspectivas do grupo? São essas algumas questões que norteiam a última parte do terceiro capítulo.

Faz-se necessário ressaltar que os estudos realizados foram conduzidos com o objetivo de criar um espaço no qual o mundo das marisqueiras com suas diversas “possibilidades” pudesse encontrar um “ambiente” propício para fluir. É importante deixar claro que não existiu nenhuma pretensão de explicação fechada sobre as questões que foram levantadas e trazidas para a reflexão, mas sim, o desejo de explorar o possível deste rico mundo das mulheres do mangue através dos caminhos da memória, dando vazão a um olhar interpretativo, dentre tantos que ainda podem surgir sobre a experiência histórica, cultural e social das marisqueiras de Fortim.

A leitura das páginas seguintes é, sobretudo, adentrar em um mundo desafiador, constituído de matéria viva que transita entre história, cultura e memória.

A photograph of a mangrove landscape. The foreground is a wide, flat, light-colored area, possibly a mudflat or a large, open field. In the middle ground, there is a body of water with a greenish-brown hue, likely due to the presence of mangrove vegetation. The background is a dense, dark green mangrove forest that stretches across the horizon. The sky is a pale, overcast blue.

1. Mangue: Lugar de vida e de memória

1. Mangue: Lugar de vida e de memória

Corpo de lama

... Que o sol não seque os
pensamentos
Mas a chuva mude os sentimentos
Se o asfalto é meu amigo
Meu caminho
Como aquele grupo de
caranguejos¹
Ouvindo a música dos trovões

(...)

Esse mangue que de longe que tu
vê
É apenas a imagem
É tu
(...)

Chico Science e Jorge Du Peixe

Mangue, ecossistema que sustenta a vida marinha, possui importância manifestada em águas, lama, fauna, flora e, principalmente, se fazendo imprescindível na vida de populações ribeirinhas que habitam as margens dos rios.

Mangue lugar de vida e de memória, por possuir uma natureza depositária de lembranças e acontecimentos que marcam o imaginário social de toda uma população.

É sobre esse universo que lanço não apenas o meu olhar, mas também aguçoo outros sentidos para compreender o trabalho e os significados das relações construídas no cotidiano por um grupo de mulheres que se autodenominam *marisqueiras*.

Pensar o mangue de Fortim exige, entre outras coisas, adentrar em um mundo onde a natureza é surpreendente e onde mulheres e homens constroem uma história que abre margem para muitas interpretações. É justamente devido à relevância que possui que esta história necessita sair do anonimato.

A história de Fortim é importante para o Estado do Ceará. O rio Jaguaribe e o mangue compuseram no passado um cenário repleto de acontecimentos, tais como: a formação de um porto natural que recebeu estrangeiros colonizadores ávidos por terras férteis para conquistar; a presença

¹ Afrociberlíia (1996), Chaos / Sony Music.

de povos indígenas que com a chegada do homem branco foram catequizados ou dizimados; a construção de salinas; as charqueadas, principal atividade desenvolvida na região durante os séculos XVII (final) e XVIII.

Fortim é um lugar que tem sua "história oficial" contada a partir de fatos destacados pelo valor comercial e econômico das atividades desenvolvidas localmente. A vida dos pescadores já foi objeto de trabalhos realizados com base no período em que o município ainda fazia parte da antiga Aracati. Todavia, ao buscar informações sobre as mulheres pescadoras da região, não encontrei registros mais significativos.

As mulheres têm aparecido prioritariamente nos documentos sobre a história de Fortim ligadas à atividade doméstica ou à atividade artesanal. No entanto, uma parte delas também realiza a pesca no mangue há muito tempo, informação constatada em depoimentos que revelam uma antiga herança cultural.

Essa invisibilidade e marginalidade que marcam o trabalho realizado por mulheres e homens nos manguezais do Brasil também se deram em Fortim, até que as mulheres marisqueiras começaram a se manifestar e se organizar por valorização, direitos trabalhistas, reconhecimento e respeito, indicando novos tempos baseados na afirmação da existência e da importância do trabalho feminino.

As marisqueiras têm demonstrado que o trabalho que desenvolvem vem mudando por motivos sociais, culturais, políticos e econômicos. A dinâmica local tem assumido novas conotações, a partir da projeção que as mulheres do mangue, têm alcançado dentro e fora da comunidade. Espaços da vida pública foram conquistados, e a vida privada no mínimo está sendo "sacudida" por velhos e novos valores, geradores de posicionamentos bem ilustrativos da diversidade de desafios que vivenciam atualmente.

Com tudo isso, há em Fortim um turbilhão de práticas, permanências e emoções que se entrelaçam constantemente, tecendo relações impulsionadoras de reflexão e pesquisa.

Falar sobre as comunidades litorâneas do Ceará é trazer a história de mulheres e homens que vivem da pesca no mar e no mangue, mundos entrelaçados de sentidos e significados muito próprios.

Viver próximo ao mar e trabalhar no manguezal são circunstâncias que caracterizam maneiras de pensar e de agir sob a presença de uma natureza marcadamente importante para a construção das relações sociais produzidas pelos povos do mar.

Este cenário tão peculiar também faz parte de um contexto maior - o *mundo globalizado*. Nesta perspectiva, é possível observar que mudanças vêm assumindo um ritmo assustadoramente rápido, causando à maioria da população mundial muito mais angústias e pobreza do que benefícios propriamente ditos. Por outro lado, movimentos contrários a essa dinâmica têm emergido. A meu ver, a experiência social e histórica das marisqueiras de Fortim é ilustrativa dessa "reação" aos problemas existentes. As marisqueiras remam verdadeiramente contra a "maré", rumo a outros horizontes e perspectivas.

A onda globalizante que se configura como uma nova roupagem do sistema capitalista não atinge seu objetivo de homogeneizar o mundo, pois comunidades como as de Fortim, pequenas em tamanho, mas grandes em possibilidades, em um ritmo bem particular, manifestam o desejo de se fazer ouvir através da "diferença".

O trabalho no manguezal desenvolvido pelas marisqueiras significa hoje a possibilidade de proteção desse ecossistema e de projeção do grupo de mulheres do mangue.

Estar no mangue e viver do mangue proporciona sentido à vida das marisqueiras, de tal forma que se torna difícil, para elas, ver as comunidades locais perdendo o manguezal.

Os processos fragilizadores que a globalização impõe, como, por exemplo, a percepção da natureza enquanto recurso natural "inesgotável" e vendável, consolidam um terreno fértil para a destruição dos manguezais e um empobrecimento ainda maior das comunidades litorâneas e ribeirinhas, que já começaram a ter problemas, como o comprometimento dos estoques pesqueiros naturais, fato esse que acarreta, por conseguinte, a miséria de milhares de famílias.

A "terra do sol", como é conhecido o Ceará, nacional e internacionalmente, necessita refletir sobre a história dos povos do mar para compreender melhor *as investidas contra a vida*, realizadas desde tempos

remotos e advindos da busca desenfreada do lucro e da exploração indevida e irresponsável dos recursos naturais existentes. Faz-se urgente tornar pública a situação das diversas famílias que dos recursos naturais têm sobrevivido sem a certeza de que poderão garantir o presente e o futuro para as suas gerações.

Dentro desse contexto, o trabalho das marisqueiras ampliou-se de tal maneira, que atualmente constitui-se não apenas como uma atividade desenvolvida e repassada por gerações, mas vem afirmando-se no desejo de mudança, como uma reação à pobreza e ao descaso por que passam os povos do mar.

Ressaltar a importância de iniciativas como esta das marisqueiras significa, dentre muitas coisas, unir forças contra iniciativas e visões de mundo, onde a desigualdade, a falta de ética e o arrivismo prevalecem acima de tudo.

1.1. O litoral como contexto

... Que eu siga
em qualquer direção
se eu sou um rio marinho
o mar é meu ninho
meu leito e meu chão.

Paulinho da Viola e Sérgio Natureza²

O Litoral é um contexto repleto de possibilidades para reflexões sobre a “vida” nas mais diversas dimensões, sejam elas culturais, sociais, ambientais, históricas, políticas ou econômicas. Contexto onde estão inseridas populações que, apesar de participarem da dinâmica desta verdadeira imensidão, expressa em água, lama, terra, ciclos da lua, rochas, dunas, fauna e flora, têm sua história ainda pouco discutida e compreendida.

Diante disto, procurei durante os meus estudos “acompanhar o movimento de encontro do mar com o rio”, pois o mar aqui é o grande elemento significativo do contexto do litoral e o mangue que é banhado pelo rio e se faz lugar de memória e vida para as marisqueiras.

Na verdade, mar e mangue, se constituem enquanto mundos diferentes, possuindo, ao mesmo tempo, complementaridade e ligação. Esta ligação se dá através das águas e das populações que sobrevivem e interagem com uma

² Trecho da música Mar Grande, álbum Paulinho da Viola – Bebadachama (1996) / BMG.

natureza que é ao mesmo tempo, física e social. Física, por ela possuir uma dinâmica natural, e social, por essa natureza também ser produto de relações objetivas e subjetivas vivenciadas e construídas por mulheres e homens.

Águas tranqüilas ou tempestuosas formam o contexto da história dos povos do mar, num vai-e-vem que merece não apenas um olhar de contemplação, tão comum aos que pelas margens caminham, seduzidos pelas belas paisagens e pela imprevisibilidade de seu movimento, mas sim, um olhar atento e voltado para a profundidade.

"É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. Não mais inteiramente a vida, nem mais inteiramente a morte, como as conchas na praia quando o mar se retira da memória viva."³

Essas são as águas da vida e da memória que trazem, como nos diz Pierre Nora, a história. Seguir o caminho destas águas, percebendo seus fluxos e refluxos, para promover uma "interpretação", significa seguir os povos do mar.

Sobre o mesmo assunto, Simon Schama nos diz que os rios, as árvores e as rochas são depositários intensos de memória. A natureza manifesta-se inseparável da percepção humana e não como campo distinto. A partir desta perspectiva, faz-se necessário considerar, sobretudo, as transformações que a "cultura humana" provoca de maneira positiva ou negativa sobre os sistemas naturais. "*Antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rochas*".⁴

O autor faz avançar a discussão sobre a relação homem e natureza, a partir da história e da busca do *autoconhecimento*, explorando não uma estratégia ecológica, mas o que ele denomina de *caráter sagrado da natureza*. Natureza que aqui assume significados diversos, nos quais se manifestam ativamente cultura, política e simbologia, celebrando "existências" através das lembranças.

³ NORA, Pierre. Entre Memória e História – A Problemática dos Lugares. In: *Projeto História*, N.º. 10. São Paulo: PUC, 1993, p.13.

⁴ SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.17.

Litoral, contexto da imensidão, do grande e do pequeno, das águas e da terra e do encontro entre ambas, que se transformam na lama do mangue.

Beira-mar, território que muitos procuram! Lugar de simbolismo, no qual se dá a busca de um refúgio interior, ou seja, da natureza adormecida pelas atribulações do dia-a-dia.

Através da brisa e da maresia, são sentidos bálsamos necessários para fazer o pensamento fluir e o corpo sentir. A intensidade deste contato sintoniza-se com a liberdade, a solidão e o silêncio.

Alain Corbin acrescenta que, desde o século XVIII, a beira-mar tem se apresentado para além de um refúgio interior e diz:

“Readquirindo uma antiga função, faz-se de novo lugar privilegiado dos enigmas do mundo. Vai-se a ela para interrogar sobre o passado da terra e as origens da vida. Melhor do que em qualquer outra parte, ali é possível, de fato, efetuar a leitura da multiplicidade dos ritmos temporais, perceber o alongamento da duração geológica, observar a indecisão das fronteiras biológicas, a incerteza dos reinos e as curiosas transições entre eles”.⁵

À beira-mar vivem as comunidades litorâneas favorecidas pelo convívio com o oceano. E aqueles mais atentos e abertos “dialogam” com sua profundidade e imensidão.

Mar, organismo gigantesco que esconde ao bater nas rochas com suavidade ou com violência, um mundo enigmático, ao mesmo tempo em que traz à praia as conchas que, também revelam em sua pequenez, um universo: a casa, a deformidade, a intimidade.

Como nos diz Gaston Bachelard,⁶ *conchas são panelas de bruxa em que se trama a animalidade!*

O oceano também “avisa” quando está em perigo e passa a ter ameaçadas sua fecundidade e sua vitalidade, pois a exploração indevida resulta em escassez e destruição.

O litoral também é lugar de conflitos e tensões, já que o mar é de uso comum e patrimônio da humanidade. Os interesses e o acesso às riquezas das

⁵ CORBIN, Alain. *O Território do Vazio*. A praia e o imaginário ocidental. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 109.

⁶ BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. Seleção de textos de José Américo Mota Pessanha. Tradução de Joaquim Moura Ramos. São Paulo: Abril, 1978. Col. Os Pensadores, p. 268.

costas marinhas são disputados cotidianamente entre outros, por pequenos pescadores e pela indústria da pesca, caracterizando assim, uma competição totalmente injusta, devido à preponderância da estrutura pesqueira industrial. O problema agrava-se com a prática da pesca predatória.⁷

Outro elemento importante para a discussão sobre o contexto do litoral constitui-se na *ocupação da terra*. As populações que vivem à beira-mar ou nas margens dos mangues enfrentam graves problemas. As terras das costas litorâneas pertencem à união e são motivos de conflito, visto que especuladores imobiliários e a indústria do turismo predatório não hesitam em tentar usufruir dos benefícios do litoral, alegando a posse, chegando muitas vezes a expulsar as famílias de pescadores que estão há muitas gerações vivendo nesses locais.

A problemática do mar e da terra possui complementaridade, inclusive quando estamos tratando de conflitos. O mar é explorado quase sempre sem testemunhas e a terra é vendida por preços irrisórios, não raras às vezes, com o apoio ou a omissão do poder público. As comunidades são afastadas dos rios e do mar, de onde tiram seu sustento, sem que o fato assuma as devidas implicações legais que poderiam revelar uma outra realidade. Tudo acontece de baixo dos olhos dos que estão acostumados a enxergar o litoral como objeto de divertimento e refúgio.

O litoral é a vida dos povos do mar, o qual vem sendo alvo de concepções de mundo que compreendem a natureza como mercadoria e a condição humana como algo dissociado deste contexto. A idéia disseminada e banalizada é: "explorar até esgotar todas as possibilidades e em seguida partir para outro lugar, de preferência ainda inexplorado e potencialmente belo".

Diante de todas estas questões, o mar "convida" os navegantes a uma viagem por sua infinitude espacial e temporal.

No Ceará, o litoral possui uma costa de 573 km e estima-se que cerca de cento e cinquenta mil pessoas dependam atualmente da pesca para sobreviver.⁸ Este dado que chama atenção com relação à extensão e

⁷ A pesca predatória é aquela praticada de forma prejudicial à existência da espécie capturada, também causando o comprometimento do equilíbrio ambiental. Esta problemática será tratada no capítulo 3.

⁸ Dados encontrados na revista Universidade Pública – Pesca e Pescadores do Ceará. Nº 09, ano III, dezembro de 2001/janeiro de 2002.

importância que o mesmo assume para as populações tradicionais litorâneas está associado a uma realidade de pobreza e analfabetismo. Um pescador artesanal chega a receber, em média, um salário mínimo por mês, para arcar com o sustento da família. Aliado a isto há também pouco trabalho para as novas gerações.

Como a oferta de trabalho ainda é muito limitada, a grande maioria das mulheres se engaja em atividades como artesanato, comércio ou educação. Com relação à pesca, poucas se dizem pescadoras, mesmo que estejam envolvidas de alguma maneira com a atividade, como, por exemplo, na confecção e conserto das artes de pesca.

A vida dos povos do mar assume um ritmo bastante próprio, onde a natureza influencia as práticas, permanências e transformações. As marés e os ventos regem a atividade humana. O pescador desde cedo aprende a respeitar o mar e a compreender a sua dinâmica.

Povo de vida simples⁹ que tem sua cultura marcada pelo convívio com a natureza, pelo conhecimento adquirido e pelo contato com o "outro".

Destas relações com a natureza e com o outro - que pode ser aqui denominado de "turista"¹⁰, especulador imobiliário, atravessador, etc. - surgem formas de sociabilidade e práticas que influenciam a fluidez da dinâmica das comunidades tradicionais litorâneas. Vale ressaltar que, aspectos de implicações diversas nascem destas relações, ocasionando elementos de distinção e de identificação que merecem ser observados.

Mesmo com tantas influências e manifestações externas, os pescadores mantêm a prática da pesca artesanal, enquanto uma atividade que possui seu ritmo e suas especificidades. A dinâmica de trabalho permanece há muitos anos. A pesca em alto-mar inicia-se por volta das três, quatro horas da manhã, pois a captura dos peixes precisa começar antes do nascer do sol, para que se torne mais rentável. A grande maioria das embarcações é artesanal,

⁹ Quando uso aqui o termo "simples", estou me referindo especificamente às condições materiais.

¹⁰ O turista tem uma convivência com a praia que assume conotações e variações históricas. As relações observadas podem manifestar-se a partir de diversas variáveis, que vão desde os desbravadores e aventureiros, passam pelos amantes da natureza e podem chegar aos que compreendem a natureza como objeto de exploração e pretendem usufruir sem limites e restrições dos recursos encontrados. Qualquer que seja seu perfil, com certeza sua passagem não é despercebida, influenciando com maior ou menor intensidade a dinâmica das comunidades.

confeccionadas de madeira e movidas à vela. Aproximadamente quatro homens compõem a tripulação de uma jangada, sendo que um deles é o mestre, profissional que possui maior experiência e habilidade para conduzir o grupo, fato que caracteriza uma hierarquia do trabalho. Durante a pescaria, os pescadores se revezam para garantir o sucesso da viagem, pois é preciso controlar o curso, cuidar da vela, capturar os peixes e cozinhar. A dormida acontece também em regime de revezamento e os pescadores descansam em um espaço limitado dentro da jangada, em baixo do piso. O mestre sempre fica mais próximo da entrada, pois se houver qualquer problema, este tem que ser o primeiro a sair, para tentar solucionar o impasse.

Com relação ao tempo de pescaria, há dois tipos de pesca, aquela em que a jangada sai e volta no mesmo dia, e aquela chamada “pescaria de dormida”, que pode durar dias, dependendo do objetivo do grupo de pescadores. Durante a pescaria, eles enfrentam as oscilações das ondas e de temperaturas que transitam de um calor escaldante ao frio intenso da noite. Quando retornam às suas comunidades, os pescadores iniciam um sistema de divisão do pescado, que obedece à hierarquia do trabalho. Assim que encostam suas jangadas em terra firme, eles doam os peixes de menor valor comercial, para as pessoas mais carentes da comunidade, fato que indica a existência da solidariedade nas práticas pesqueiras tradicionais.

Poucos são os registros de mulheres pescando em alto-mar para sobreviver. Esta é uma atividade que tem predominância masculina, apesar de acontecerem esporadicamente algumas exceções.¹¹

Freqüentemente, os pescadores dizem que mulher em pescaria traz má sorte! Só permanecem nesta atividade aquelas que são tidas como corajosas e se destacam às vezes mais do que os homens, fato também comumente observado em outras categorias de trabalho, quando as mulheres precisam superar todos os desafios impostos, para provar que podem alcançar os objetivos desejados. No caso das pescadoras, muitas vezes, constata-se que são viúvas que perderam seus maridos no mar e, sem outra alternativa, recorrem ao mesmo para sustentar a família.

¹¹ Durante o período em que estive no litoral desenvolvendo trabalhos, tive notícia de mulheres pescando em alto-mar na Prainha do Canto Verde – Beberibe e em Guajiru -Trairi.

A pesca mais comumente praticada pelas mulheres no Brasil é a coleta de mariscos e de algas. São as *marisqueiras*, que se ligam mais à terra do que ao mar, caracterizando, assim, uma pesca feminina.¹²

Como já foi dito antes, as mulheres têm sua história pouco registrada ou, até mesmo, não mencionada, quando o assunto é a vida das comunidades litorâneas cearenses. Isto no mínimo é curioso, pois o universo feminino é referência inclusive, para o estabelecimento de algumas correspondências, relativas à natureza.

“A correspondência percebida entre o ciclo das marés e o ciclo menstrual, entre a alternância do fluxo e do refluxo e o ritmo nictemeral, entre a escansão das ondas e os batimentos cardíacos, incita à escuta cenestésica, somatiza a busca de si.”¹³

Gilbert Durand¹⁴ ao refletir sobre as estruturas do imaginário, situa que o universo feminino e o sentimento da natureza caminham lado a lado, fazendo referência a várias obras poéticas em que as imagens da terra e da água contribuem para constituir uma *reabilitação da feminilidade*. Em meio a fantasias aquáticas, o mar é aquele que embala e faz adormecer, como a mãe. A imagística das águas em seus recortes literários não está relacionada à purificação, como surgem nas obras de teor religioso, mas sim à noite, ao desejo, ao engolimento, à imersão, à volúpia, à felicidade.

Como poderiam, então, as mulheres estar à margem da história das comunidades litorâneas, se as mesmas inspiram esta relação de correspondência simbólica com a natureza, assim como também contribuem efetivamente para a continuidade da vida no litoral?

Tendo os homens que enfrentar um ritmo de trabalho difícil em alto-mar, as mulheres acabaram por assumir os cuidados com a casa e com os filhos, praticamente por completo. Elas acordam antes, ou junto com seus maridos, para preparar o café e, ao vê-los partir, iniciam suas tarefas de casa, desde

¹² Em 1986, Simone Maldonado, em seu livro “Pescadores do mar”, já chamava atenção para a existência das marisqueiras e suas reivindicações como trabalhadoras, que lutavam para mudar a realidade de descaso em que se encontravam.

¹³ CORBIN, Op., Cit., p.182.

¹⁴ DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário: introdução à arqueologia geral*. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

cinco da manhã, varrendo o terreiro e preparando o alimento da família que em geral é bastante numerosa. Em seguida, elas cuidam das roupas, da arrumação e dos animais, puxam água do poço (quando o possuem) para encher os potes e durante o restante do dia se dedicam a costurar, fazer o labirinto, consertar redes de pesca ou outras atividades. Permanecem elas sempre esperando os maridos chegarem da pescaria com o peixe ou a lagosta para o sustento.

Esperar é um ato que acompanha a mulher. Esperar o marido voltar vivo do mar, esperar o momento certo para conseguir o que quer, esperar o filho crescer no ventre, esperar por dias melhores!

A prolongada ausência dos maridos impõe que o ritmo de vida em terra seja administrado pelas mulheres. Em alguns momentos estas convivem com situações de miséria e em outros, com situações de abundância, pois o mar e o rio fornecem iguarias como a lagosta, o camarão e o peixe fresco, que somente aqueles mais abastados das cidades grandes podem ter acesso.

Esse é apenas um fragmento do que é o litoral como contexto. Água e terra, pobreza e riqueza, escassez e abundância, mulher e homem, trabalho e contemplação, mistério, profundidade e lama. Tudo isso, e muito mais, em um movimento de complementaridade, oposições e temporalidades bastante próprios, que compõem esse universo.

1.2. O município de Fortim

Nosso rio tem cheiro de passado e futuro. Nele estão inscritas todas as cicatrizes. Todas as agonias. Sua história é longa e sangrenta. Seu cheiro é forte e marcante. Seu gosto é o gosto da lama. É o gosto amargo. É o gosto sujo. É o gosto profundo do amor. Gosto travoso das tiranias e dos desrespeitos. Gosto irônico das falas e dos silêncios. Das presenças e das ausências. O gosto seco do desgosto. O gosto farto da alegria. O gosto ingrato. O gosto amigo. Suas lembranças se misturam com as nossas num véu de teia de aranha que se estende pelos vácuos da vida. Sem medo ele segue rumo ao mar. Sem segredo ele desemboca na vida.

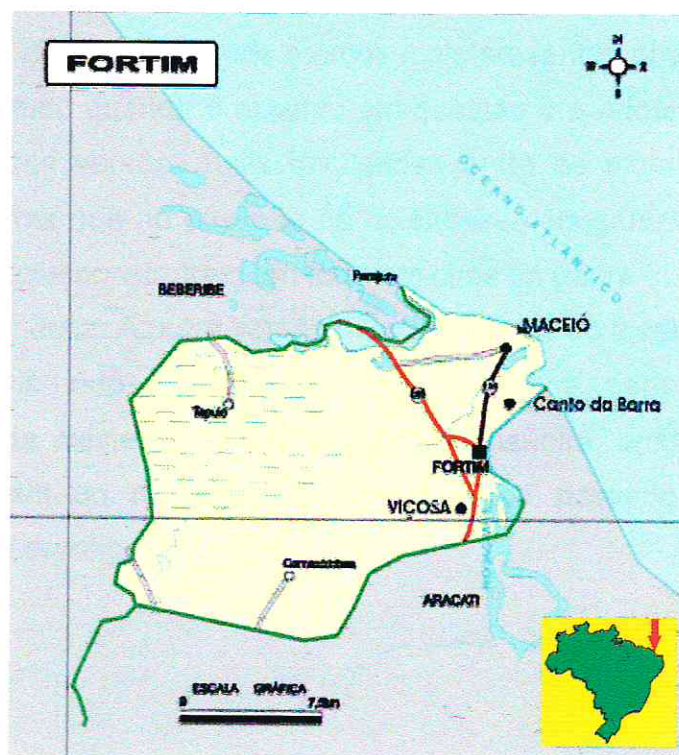
Nuno Gonçalves¹⁵

Para compreender melhor a história de Fortim, decidi trabalhar com relatos orais, *segundo a memória* de mulheres e homens, que me levaram por

¹⁵ GONÇALVES, Nuno. *O canto das onças*. In: revista Arraia Pajéurbe Nº 2. Fortaleza, 2003.

caminhos muito próprios de marcação de tempo e de experiências vividas. Associado a isto, encontrei em Fortaleza e no próprio município, em meio a conversas com moradores e realizando uma pesquisa fundamentada em documentos, material sobre a história do lugar, que julguei importante associar e inter-relacionar às narrativas dos sujeitos com os quais tive a oportunidade de compartilhar bons momentos de pesquisa e de vivência da História Oral.

Fortim é um município que está situado a 140 km a leste de Fortaleza. Emancipou-se de Aracati, em 1992, e atualmente possui uma população estimada em 21.972 habitantes.¹⁶ Sua história é marcada pela pecuária intensiva, extração do sal, atividade portuária e pesca. Compõe-se pelas comunidades ribeirinhas do Canto da Barra, Viçosa, Guajiru, Fortim sede, Jardim, Campestre e pela comunidade praiana Pontal de Maceió.



Mapa 1 - Fortim e suas comunidades.

Fortim possui forte descendência indígena. É banhado pelo rio Jaguaribe, que no Tupi significa *rio da onça*, sendo este o maior rio do Estado do Ceará, com um curso que mede cerca de 760 km. Atualmente sua profundidade chega a atingir 7 m. O Jaguaribe nasce no Inhamuns,

¹⁶ Dados pesquisados no documento *Perfil Básico Municipal – Fortim*, editado pelo IPLANCE, em 2000.

acompanhado pelas serras da Joaninha, Mombaça e Ibiapaba. É chamado de alto Jaguaribe, quando recebe o rio Salgado; Médio Jaguaribe até o Boqueirão do Cunha; e do Boqueirão até a foz do rio é denominado Baixo Jaguaribe.

A natureza para aqueles que vivem nas comunidades ribeirinhas de Fortim constitui-se como uma importante referência para a construção da memória individual e coletiva. De acordo com esta perspectiva, grandes marcos são verificados durante as entrevistas realizadas com marisqueiras e pescadores que envolvem elementos, tais como: a pedra do chapéu,¹⁷ o rio Jaguaribe e o mangue.

“O forte de Fortim eu nunca vi! Eu comecei a andar no Fortim em 21 de setembro de 1936. Os antigos diziam que o forte era na pedra do chapéu.” (Mundoca, 73 anos- comerciante, jan. de 2004).

A pedra do chapéu é um dos marcos mais presentes nos discursos dos moradores, sobretudo quando o assunto em questão é a origem do município de Fortim. Há duas versões mais divulgadas entre os moradores sobre o assunto. Uma afirma que no passado os holandeses chegaram à região para conquistar as terras e construíram um forte em cima da pedra do chapéu, como nos conta seu Mundoca. A outra versão diverge apenas do local de construção do forte que teria sido erguido no Canto da Barra perto de um farol abandonado, ainda existente hoje. De qualquer maneira, ambas as versões associam a origem do município à existência no passado de um forte denominado *São Lourenço*.

¹⁷ Formação rochosa que possui o formato de um chapéu, situada na sede de Fortim.



Foto 1 - Pedra do Chapéu em 1968.



Foto 2 - Pedra do Chapéu em 2004.

Através das duas fotografias acima é possível visualizar a curiosa formação rochosa denominada pedra do chapéu e também observar as mudanças que ocorreram ao longo dos trinta e cinco anos que se passaram. A primeira fotografia,¹⁸ tirada em 1968, mostra uma paisagem isenta de construções. A segunda, tirada em 2004 sob um ângulo bastante semelhante, revela um Fortim bem mais aferido pela ação humana. Muitas casas foram construídas desde então, inclusive mansões de veraneio.

¹⁸ A fotografia mais antiga da pedra do chapéu pertence a Mário de Deus Barbosa Júnior, comerciante de 39 anos que a cedeu de seu acervo particular.

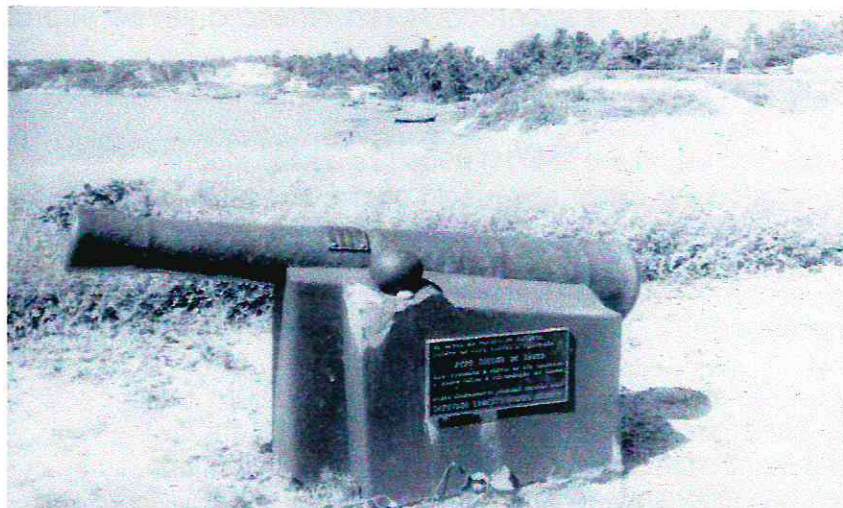


Foto 3 - Canhão

Durante uma conversa com sr. Mundoca, fiquei sabendo que “os antigos”, como ele diz, contavam que o canhão foi encontrado em Pontal de Maceió, enterrado em meio a areia das dunas e levado para a pedra.

Ao solicitar das marisqueiras informações sobre a origem do município, obtive respostas como a de D. Maria de Aquino:

“Já, já tinha morador aqui. Parece que aqui não sei bem muito esta história de Fortim, mas aqui foi o esconderijo dos holandeses, a pedra do chapéu lá, eles se escondiam lá. Aí chamam Fortim, porque Fortim veio de “forte”, porque aqui era um local conhecido assim como uma coisa forte, aonde recebia as pessoas, muita gente se esconderam aqui e eu sei que tem uma história de um forte no meio ai, e desse forte saiu Fortim.” (Maria de Aquino - 52 anos, marisqueira, dez. de 2001).

Muitas informações estão presentes neste depoimento de D. Maria de Aquino, que cita a pedra do chapéu como sendo um importante elemento da História da comunidade. A natureza aqui desperta a memória, estimulando lembranças de um passado de lutas, conquistas de terras e de “esconderijo”. Pensar na pedra do chapéu, a partir desta perspectiva dinâmica, abre a possibilidade de perceber que à natureza foram, ao longo da história, atribuídos significados. Neste caso, até as rochas ganharam vida através das lembranças do povo ribeirinho.

Um aspecto interessante a ser observado em Fortim, assim como também em outras comunidades ribeirinhas, é a manifestação do *encantamento*, elemento presente em lendas e histórias relacionadas às águas

do rio e ao mangue. A pedra do chapéu é considerada também como lugar encantado que se faz presente nas lembranças e no dia-a-dia dos moradores do município.

“Aquela casa do Chapéu foi feita pra brigar com quem aparecesse lá! A parede é toda bloqueada assim pra botar uma boca... Tem até um canhão lá, no chapéu!

A pedra do chapéu foi feita pra escravidão! Lá quem morava antigamente era o senhor, era o chefe chamado senhor...

E lá na pedra do chapéu morreu dois escravos, tão enterrados lá, tem até um túmulo, lá tem um quarto subterrâneo. É na pedra do chapéu. E lá é mal assombrado, todo mundo tem medo de lá!”
(Miguel –74 anos, pescador, jan.de 2002).

O sr. Miguel conta que *a pedra do chapéu foi feita para brigar*, justamente se referindo ao tempo em que os conflitos pelo território cearense eram intensos. Fala de escravidão e do domínio dos senhores brancos e de um esconderijo subterrâneo que tornou-se mal assombrado, segundo o povo da região.

O sr. Miguel comenta, assim como também outros moradores de Fortim, que havia até bem pouco tempo uma casa antiga construída em cima da pedra, que possuía uma parte subterrânea reservada antigamente aos escravos. Esta casa foi destruída para ser erguida uma propriedade particular.

Outro elemento interessante surge na narrativa de sr. Miguel, quando este afirma que *todo mundo tem medo de lá!* O mal-assombro, as figuras encantadas de escravos e seres aquáticos surgem também nos depoimentos dos pescadores e das marisqueiras como manifestações de dimensões diferentes, onde se articulam o mundo real e o mundo encantado das águas do mar, dos rios e do mangue. Em vários momentos, ambos entrelaçam-se desfazendo uma fronteira tênue, desenhando um imaginário social muito rico.¹⁹

Segundo sr. Pedro, um pescador de caranguejos e um contador de histórias, destes que são tidos como verdadeiros guardiões da memória local, a Mãe-d'água aparece nas águas encantadas do rio, quando ela se “engraça” por alguém, chegando a ajudar na pescaria.

¹⁹ Durante o trabalho de campo os pescadores tocaram mais neste assunto do que as marisqueiras, mas com certeza estas também possuem seus “encantados”.

“...apareceu aquela mulher com cabelo grande, mas diz não sei se era uma moça, era uma Mãe-d’água na certa né, porque ela, quando se engraça de uma pessoa, ela vai dizer onde é que ta o peixe, onde tem, onde não tem. Aí na minha mente era a Mãe d’água, não era a moça, era um tipo de moça, cabelão grande medonho...” (Pedro – 71 anos, pescador, out. de 2001).

O sr. Pedro narra uma aparição que o deixou em dúvida com relação à definição de qual “ser” se tratava. No entanto, mais adiante, diz que *na minha mente era a Mãe d’água*, reafirmando que para ele aquele tipo de aparição era possível.

As figuras encantadas das águas são relatadas por pescadores como fazendo parte de suas vidas, em momentos de aflição, necessidade, ou quando menos esperam. Por conseguinte, os seres encantados sempre suscitam “reflexões” sobre a necessidade de respeito à natureza e/ou sobre a manutenção de valores culturalmente repassados de geração em geração, pelas populações ribeirinhas.

Considero todas as pessoas com que tive o prazer de conviver em Fortim, muito interessantes, mas não posso negar que algumas em particular me chamaram ainda mais a atenção. Entre elas, posso dizer que D. Esmeralda é uma destas pessoas que não esquecemos.

Dona Esmeralda, que por si, já possui uma história muito instigante, tinha 85 anos quando a entrevistei. Ela foi a professora das crianças de Pontal de Maceió - comunidade litorânea de Fortim. Atualmente deixou de ensinar e é poetisa. Costuma dizer que gosta de escrever sobre a comunidade, pois tem saudade do “Pontal de ontem”. Detentora de sabedoria e talento ela escreve sobre as “coisas da vida”.

Como era o Pontal ontem

Baile de harmônica e tambor
Reco-reco e violão
Da sala para o terreiro
Pegando o sol com a mão

Jovens de trajés compridos
Com as mangas cobrindo as mãos
No chote, valsa e bolero
Na maior predileção.

Mazurca, samba e marcha
 Era que o tempo passava
 Olhando o clarão da sua
 Rapaz e velho dançava

Na hora da maré secar
 A gente ia ao Pontal
 Falar com a mãe-d'água
 Tomar um banho legal.

Feito em rima encadeada
 Que a inteligência traz
 E.G.S, em Maceió
 Só lembranças e nada mais.

...

Esmeralda Gaudêncio da Silva - 85 anos, poetisa.

Dona Esmeralda traz em seus versos relatos de festas que interpreta como manifestação de um tempo feliz. Nos versos estão presentes as mudanças pelas quais passaram os jovens, com relação a comportamento, vestimenta e preferências musicais, manifestações diferentes das vivenciadas nos dias de hoje. Um trecho interessante dos escritos e das lembranças da autora, constitui-se na referência feita à Mãe-d'água, figura que acaba fazendo parte do cotidiano da comunidade com a mesma naturalidade com que D. Esmeralda descreve o momento em que se retira da festa, para tomar banho e conversar com a mulher encantada.

O rio ²⁰ foi cenário de práticas que permaneceram e mudaram ao longo do tempo e sob a presença de suas águas deram-se histórias de trabalho, resistência e encantamento.

Aliado a isto, o mangue configura-se como um universo de muitas variáveis e dimensões manifestas nas vidas das marisqueiras e dos pescadores de Fortim. Este ambiente afirma-se enquanto lugar de memória.

A pedra do chapéu, as águas do rio Jaguaribe, as árvores do mangue são elementos que alimentam a memória do lugar. Falar da história de Fortim é algo que suscita nos sujeitos, relatos que possuem como referência à natureza.

Durante meus estudos, constatei que os depoimentos das marisqueiras e dos pescadores remetem-se a tempos não lineares que possuem, em meio a lembranças do passado, fortes correspondências com os ciclos da natureza.

²⁰ Sobre a riqueza do contexto dos rios ver LEONARDI, Victor Paes de Barros. *Os historiadores e os rios. Natureza e Ruína na Amazônia Brasileira*. Brasília:Paralelo 15, Editora Universidade de Brasília, 1999.

Os conflitos, as conquistas, as lendas, o trabalho, o patrimônio e outros elementos emergem das narrativas, demarcados pelo movimento da barra, pela presença da pedra do chapéu, pelo rio Jaguaribe, pela força das águas e pelo mangue.

D. Maria Helena, por exemplo, me forneceu informações sobre a igreja localizada na sede de Fortim que, segundo *uma memória do lugar*, foi levada no “fim dos tempos” pelas águas do rio, durante uma enchente. Com isso a marisqueira situa a história num período distante, num outro século, talvez, de maneira meio apocalíptica, destacando a ação da natureza.

“Conversa que o pessoal mais velho conta, eu não sei, porque eu sou bem dizer de agora né, ai é o povo de antigamente. O pessoal dizia também, que a igreja de Aracati, no fim dos tempo, e o terreno é na boca da Barra, ai ela deu uma enchente tão grande, que iam pegar essa igreja na boca da Barra.” (Maria Helena – 53 anos, marisqueira, dez.2001).

Assim como D. Helena, sr. Mundoca também traz uma narrativa sobre a mesma igreja de Fortim, só que desta vez situando um período histórico mais preciso.²¹

“A igreja é de 21 de setembro de 1913. É uma data que eu me lembro porque meu pai dizia muito e eu nunca me esqueci.” (Mundoca, 73 anos- comerciante, jan. de 2004).

A partir da narrativa de D. Helena e de sr. Mundoca, verifiquei que acontecimentos do passado que possuem a natureza como foco foram guardados fortemente na memória dos moradores locais, de geração.

De acordo com relatos dos próprios moradores de Fortim, acredita-se que o lugarejo iniciou seu crescimento através do comércio de carne bovina. A região foi a primeira no Brasil a explorar a venda da carne seca. O couro de cabra e o couro salgado de boi também gradativamente foram ganhando espaço no comércio local. Vale ressaltar que, a posição litorânea de Fortim e a predominância de um porto natural na foz do rio Jaguaribe, facilitavam o transporte marítimo. As embarcações aportavam, abasteciam Jaguaribe, Crato e Inhamuns e vinham em busca de carne e couro, deixando em troca, para

²¹ Com relação à data de construção da igreja, há dúvidas entre os moradores de Fortim.

serem consumidos pelos fazendeiros da região, artigos finos e iguarias vindas de Portugal.²²

Alguns fatores são indicados como determinantes para o declínio do comércio da carne de charque na região: as inundações e períodos de seca (1790-1793), associados aos altos impostos cobrados aos comerciantes; o crescimento da Vila de Fortaleza; o comércio do algodão; e os limites físicos do porto de Fortim, que possuía águas não tão profundas para receber constantemente navios de grande porte que necessitavam evitar o contato com os bancos de areia.

Com o passar do tempo, a agricultura e a extração do sal ganharam espaço como alternativa econômica.

“Isso aí era uma salina (aponta para a frente de sua casa que corresponde a praça central de Fortim). Isso aí era limpo, bem dizer que nem isso aqui (e aponta para calçada de sua casa), mas fizeram a salina, tinha motor tinha tudo ali, mas não deu sal, porque em cima é lama e embaixo é areia, então aquela areia chupa a água todinha, aí não criou sal aí! Começaram dali, ali se chama Barraco no Carnaubal, até lá na Cambôa Grande que é o paredão. Não criou sal, porque em riba é lama, embaixo é areia. Aí foi a companhia abandonou, hoje vão é dizer você viu a salina? Vão dizer que eu to mentindo. Mas aí, já foi salina daqui atéeeee longe...” (Miguel –74 anos, pescador, jan.2002).

O sr. Miguel fala da extração do sal e dos motivos pelos quais a atividade não prosseguiu, pois as condições naturais não foram favoráveis; aliado a isto, sabe-se também que ocorreram mudanças de interesse econômico por parte dos investidores.

Ainda com relação à extração do sal, sr. Mundoca acrescenta:

“Foi construída uma estrada de ferro para transportar o sal de Canoé para Fortim. Essa estrada tinha 21 km e meu pai trabalhou nela. Funcionou durante oito ou dez anos e foi desativada em 1911. A extração do sal terminou em 1974 é coisa de agora, é coisa nova.” (Mundoca, 73 anos-comerciante, jan. de 2004).

A pesca sempre esteve presente no cotidiano das comunidades de Fortim, que antigamente faziam parte de Aracati, garantindo a sobrevivência da

²² As informações sobre a história de Aracati foram encontradas e compiladas na revista *Aracati*, produzida pelo Banco do Nordeste do Brasil S. A, em 1982, e também no livro *Pequena corografia do município de Aracati*, de Abelardo Gurgel Costa Lima, publicado em 1956.

população. No final da década de 50, a pescaria ganha destaque através da exploração da lagosta, constituindo-se enquanto um importante recurso natural.

Outro elemento que situa melhor o contexto local compreende a presença de povos indígenas ocupando e acompanhando o leito do rio Jaguaribe. Alguns estudiosos ressaltam que há registros de que no passado de Fortim, quando este ainda era Aracati, viveram os povos Guanacé, Wanacé ou Anacé.²³ Destes, os que escaparam do lamentável extermínio foram aldeados e catequizados, marcando lutas entre culturas e visões de mundo totalmente diferentes, principalmente no que se refere à relação com a natureza e com a terra.

Essa forma de convivência com a fauna e a flora talvez tenha sido herdada dos povos indígenas, pois as comunidades tradicionais e ribeirinhas de Fortim ainda aprendem com a natureza e dela dependem para sobreviver. Os conhecimentos que possuem sobre as dinâmicas naturais permanecem até os dias de hoje, sendo repassados de pai para filho, de geração em geração, mesmo com todas as mudanças que os tempos modernos impõem. O ritmo de vida ainda é regido pela lua, pelo sol, pelas marés e pelas chuvas.

Dona Maria de Aquino, presidenta da Colônia de Pescadores Z-21 de Fortim, ao relatar o trabalho das marisqueiras, deixa bem claro a dinâmica estabelecida pelas mulheres que vivem do mangue.

“É, essa luta é séria, o trabalho de marisco é difícil! É assim, as marisqueiras, a gente só trabalha com marisco, tem horário, horário determinado, por conta da maré né, nós só podemos trabalhar no mangue, tanto no mangue, como no cultivo, com a maré seca. Então, se a maré amanhecer o dia bem cedinho, ela já tá seca, aí as mulher sabe, todo mundo conhece as hora das marés, ou então pergunta os maridos, os homens, os pescadores e ela já tá preparada - “bem amanhã é tal hora, então eu tenho que acordar cedo, pra fazer as coisa de casa pra poder ir pro cultivo ou então pro mangue”. Se a maré for tarde, se a maré for depois do almoço, então vai anoitecer, não dar certo, vamos deixar para o outro dia que a maré ta boa. Então a gente é da natureza é da maré.” (Maria de Aquino - 52 anos, marisqueira, dez.de 2001).

O modo de convivência com o “tempo da natureza”, as formas de sociabilidade, as obrigações domésticas, as dificuldades, as velhas e novas

²³ Informação obtida na revista Proposta Alternativa – Vale do Jaguaribe natureza e diversidade Cultural - II, n.º 07, ano 2000, p.23.

práticas de pescaria e a maneira de apreciar a beleza do mangue fazem a diferença e caracterizam as vidas e o trabalho das marisqueiras. Esta vida e este trabalho não aparecem nos documentos encontrados sobre Fortim. Há uma verdadeira lacuna sobre a presença das mulheres como sujeitos da história do município.

O rio e o mangue de Fortim possuem uma extensão significativa e uma importância inenarrável para as comunidades ribeirinhas que, desde tempos muito remotos, como as próprias marisqueiras relatam, já viviam da pesca em alto-mar e no manguezal.

“Era ligado a Aracati. A gente veio passar pra ser Fortim, agora depois que entrou essa prefeitura, tá com bem oito ano, né. Aí foi que veio, passou a ser assim, mas tudo era Aracati. Tudo que a gente precisava tinha que ir no Aracati, que de primeiro não tinha transporte pra ir de carro, a gente tinha ir de bote, era os botinho pequenininho, ia pra Aracati. Saía de manhãzinha e só ia num dia pra vim no outro, porque não dava pra ir no dia e vir no mesmo dia. E quando pegava a água doce, quando é no tempo do inverno que chega a água doce, aí a gente saía de manhã pra chegar lá de tarde, no meio do rio todo tempo no bote, esperando que a maré levasse devagarzinho. Aí agora a diferença é grande, porque aqui não tinha pista, não tinha nada, só era somente umas varedzinha pequenininha que era mato lá, de terra a areia mole que só a gente ir pro Fortim ou então pela praia né, que a gente ia pro Fortim de tarde, de tarde assim.” (Maria Helena – 53 anos, marisqueira, dez.de 2001).

As imagens de um Fortim antigo, que na verdade ainda faziam parte de Aracati, ganham sentido na fala de D. Maria Helena, quando esta, mergulhada em lembranças, descreve algumas mudanças que ocorreram em relação ao deslocamento e ao transporte que era feito através do rio.

O rio suscita lembranças de um período onde as práticas cotidianas eram diferentes e o acesso a outros lugares, difícil. É também uma espécie de elo de ligação entre o mesmo e as lembranças do povo ribeirinho de Fortim.

As populações que cresceram em torno do rio Jaguaribe também acompanham as mudanças por que passou a própria natureza. O mar que antes era mais recuado, hoje está ainda mais próximo das comunidades. Verifica-se aqui uma curiosa manifestação, pois assim como o grupo de marisqueiras vem mudando e assumindo uma nova postura diante da realidade, as águas do mar avançam, influenciando a dinâmica do rio.

Resultante ou não da ação do homem, as mudanças na costa de Fortim podem ser observadas através dos depoimentos das marisqueiras.

*"Diz que o mar era ali. E pro prova, no meio daquele areal bem grande, entre as casas e o mangue, você encontra buzio de toda qualidade, a casca. A casca do buzio, a casca de ostra... É o pessoal dizia que era, e diz que tinha tempo que o mar ia bater no mesmo canto que era e pra isso já tá assim se cumprindo, porque os morros antigamente era muito longe das casa, do mangue, os morro era longe demais dos mangue! E agora os mangue já tá sendo tudo enterrado pelo morro, quer dizer que o mar vem avançando né. Prova que tá acontecendo mesmo, porque antigamente era longe demais, o manguezal, os morro do mangue e agora os mangue está tudo enterrado..." (Maria Helena – 53 anos, marisqueira, dez.de 2001).

D. Maria Helena relata mudanças que vêm ocorrendo com o manguezal de Fortim ao longo do tempo. Quando diz *os morro era longe demais dos mangue*, está se referindo à ocorrência da movimentação das dunas que existem "por de trás" do mesmo. Em seguida, completa: *tá sendo tudo enterrado pelo morro*, afirmando que o banco de dunas vem avançando sobre o mangue, soterrando-o. Essa narrativa é ilustrativa do fato de que a marcação do tempo vem sendo associada às mudanças ocorridas com a natureza. O "tempo de antigamente" é marcado, segundo D. Maria Helena, pelo movimento das águas do mar e das dunas, que acabaram por diferenciar a paisagem do passado com relação aos dias atuais.

Diante de pessoas, versos e versões tão diferentes, especiais e, ao mesmo tempo, complementares da história de Fortim, fui montando um quebra-cabeça imaginário, onde as peças ora se encaixam, ora não. Esta foi a imagem com a qual me deparei para construir e elaborar o texto que aqui está. Texto esse que eu gostaria de que resultasse justamente de *uma interação entre o social e o pessoal*, como Alessandro Portelli ²⁴ diz, onde narrativa, imaginação, e subjetividade se articulam, expressando a vida com sua diversidade, e não como uma "verdade" histórica que não existe.

Fez-se necessário tentar compreender como a memória é construída, tomada por emoções, invenções, esquecimentos,²⁵ fatos, valores, credos e

²⁴ PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender Um Pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral In: *Projeto História*. Nº 15, São Paulo: PUC, ABR. 1997, pp. 13-49.

²⁵ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*, V.2 N.º. 3. Rio de Janeiro: FGV, 1989.

muitos outros elementos comprováveis ou não. Afinal, a memória é expressão do que somos, da nossa individualidade e coletividade ao mesmo tempo. A memória está repleta de vida, assim como a vida está repleta de memória.

Sobre o assunto, Portelli ressalta:

“... o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais. A memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas apenas os seres humanos são capazes de guardar lembranças. Se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando materializada ou verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são – assim com as impressões digitais, ou, a bem da verdade, como as vozes – exatamente iguais...”²⁶

O autor trabalha de uma maneira bastante objetiva e clara, com a compreensão do que é a memória e de como ela se dá no meio social. A partir desta perspectiva, o indivíduo passa a ser tratado com a importância que lhe foi negada por visões de mundo essencialmente universalizantes, de viés econômico. A memória, enquanto processo individual que se dá em um meio social possui valor por ser uma elaboração sobre o passado, com base em questões do presente. Sendo assim, como acrescenta Portelli, *há de se respeitar o valor e a importância de cada indivíduo!*²⁷

E a História que surge a partir da memória, como deve ser tratada?

David Lowenthal esclarece:

“Memória e História são processos de introspecção (insight); uma envolve componentes da outra e suas fronteiras são tênues. Ainda assim, memória e história são normalmente e justificadamente, diferenciadas: a memória é inevitável e indubitável *prima-facie*; a história é contingente e empiricamente verificável.”²⁸

Como podemos ver, as discussões sobre a problemática supracitada possui um caráter diversificado e, sobretudo, ético. Associado a isso, muitos duvidam da veracidade ou da consistência da História construída com base na

²⁶ PORTELLI, Alessandro. Op. Cit., p. 16.

²⁷ Ibidem., p.17.

²⁸ LOWENTHAL, David. Como Conhecemos o Passado. In: *Projeto História*, N.º.17. São Paulo: PUC, 1998, p.66.

memória, ou seja, nas fontes orais. Mas se pararmos para pensar cautelosamente, diversas dúvidas também podem pairar sob as fontes escritas. Afinal, elas também são uma produção humana passível de limitações e problemas. E, além disso, como conhecer a história das sociedades essencialmente baseadas na oralidade, a não ser pelos caminhos da memória? E por que deveríamos abrir mão de tão rico recurso?

A complexidade do trabalho com fontes orais é imensa, e isso ficou ainda mais claro quando me deparei com a pluralidade do grupo de marisqueiras de Fortim, que compõe a seu modo e em suas pequenas comunidades ribeirinhas e litorâneas, histórias pautadas nas lutas diárias, na pesca no mangue e na organização comunitária, a qual as marisqueiras procuram processualmente construir no trabalho, nos criatórios de ostras²⁹, nas potencialidades que possuem e nos conflitos que vêm enfrentando no cotidiano.

“Pra mim eu acho que o mangue é assim um paraíso, o mangue é a felicidade! Um paraíso que eu imaginava, um paraíso rico, porque o mangue eu acho uma coisa muito rica, porque você vai pro mangue lá você se sente à vontade, lá você imagina cada coisa lá! E o trabalho, você pode tá com a cabeça que tiver perturbada, mas você chegou no mangue, você só faz andar aquele mangue, você esquece de tudo que passou de ruim na sua vida!” (Gorete – 42 anos, marisqueira, jan. de 2002).

Muitas vezes presenciei Gorete dizer *Pra mim o mangue é a felicidade!* Essa felicidade proporciona um outro sentido ao trabalho desenvolvido pelas marisqueiras. O contato com a natureza alivia os sofrimentos maiores, parece até que enobrece. Fato curioso, pois o trabalho no manguezal geralmente é alvo de alusões depreciativas e discriminatórias. Mas como essa diferenciação foi construída?

“É sou marisqueira com muito orgulho, não tenho vergonha de dizer que sou marisqueira! Elas se orgulham de dizer que são marisqueira, já vi muita marisqueira dizer ‘eu sou marisqueira com

²⁹ Os criatórios são estruturas construídas com bambus ou canos, nas quais as ostras se fixam. A idéia foi desenvolvida pelo GEMB – Grupo de Estudos de Moluscos Bivalves, uma iniciativa do LABOMAR – Laboratório de Ciências do Mar, que está desenvolvendo um projeto experimental no município, visando a acompanhar a reprodução e crescimento de ostras. As mulheres que já pescam na região foram convidadas para participar do projeto, auxiliando no acompanhamento da experiência. O objetivo final seria beneficiar diretamente as famílias das marisqueiras, garantindo posteriormente o incremento da produção. A experiência dos criatórios de ostras será mais aprofundada no capítulo 2.

muito orgulho'. (Maria de Aquino - 52 anos, marisqueira, dez. de 2001).

Este é um depoimento marcadamente representativo de uma necessidade de enaltecimento da mulher trabalhadora do mangue. A palavra "orgulho" parece ser uma defesa posta diante de uma histórica desvalorização da mulher e do trabalho desenvolvido nas áreas de manguezal. Para outras pessoas que não possuem o mangue como elemento constituinte de suas vidas, muito provavelmente o mesmo não se assemelha a um paraíso, e sim, constitui-se concretamente como um lugar menos nobre do que as áreas onde o mar e as dunas brancas se fazem presentes.

As mulheres marisqueiras nos desafiam a refletir sobre esta mudança de percepção do trabalho e da natureza, pondo em questão a necessidade de pensar e de agir a partir de outros prismas e referenciais.

Ambicionando fugir de um determinismo ecológico e considerando como fundamentais as dinâmicas social e cultural, para entender melhor o contexto em que vivem as marisqueiras, a relação com a natureza se faz presente na discussão posta aqui, como um elemento potencializador de reflexões a cerca do trabalho feminino desenvolvido no manguezal de Fortim.

Keith Thomas³⁰ em sua obra, *O Homem e o Mundo Natural*, faz algumas considerações sobre a condição feminina, que no passado, durante vários séculos, foi relacionada à natureza, no que esta possuía de menos nobre. As mulheres eram vistas como seres sem alma, que se assemelhavam ao estado animal por alusivamente parirem como os animais e por pouco controlarem impulsos e emoções.

Convivendo com as marisqueiras durante os momentos de trabalho ou durante as entrevistas, pude perceber que elas vêm mudando as suas maneiras de se relacionar com a natureza. As necessidades de sobrevivência e de aprendizagem, contribuíram para que as marisqueiras percebessem que a natureza pode fortalecê-las ao invés de as debilitar como pessoas e trabalhadoras.

³⁰ THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural: mudanças de atitude em relação às plantas e os animais, 1500-1800*. Tradução João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

O fato de se autodenominarem marisqueiras é uma manifestação do desejo que possuem enquanto grupo, seja para se afirmarem como pertencentes a uma categoria de trabalhadoras, seja para serem valorizadas como mulheres, ou até mesmo, por ambos os motivos.

No transcorrer da investigação, percebi que a história de resistência e organização das marisqueiras de Fortim, associada a outros fatores, despertou no grupo a necessidade de conquista de objetivos comuns, como a valorização da mariscagem e de ganhos trabalhistas,³¹ importantíssimos para uma categoria que nem sequer, num passado não muito distante, era reconhecida.

“É, antigamente a gente não dizia que era mulher marisqueira, ninguém nem tinha esse negócio, todo mundo tirava os seus mariscos, pescava, mas não diziam que eram mulher marisqueira, nem que era mulher pescadora!” (Gorete – 42 anos, marisqueira, jan. de 2002).

Durante algum tempo, ao ouvir depoimentos como este, perguntei a mim mesma quando e como tudo isso começou e o que possibilitou a essas antigas trabalhadoras do mangue se autodenominarem *marisqueiras*, com “muito orgulho”. Inicialmente, até pensei que o maior motivo teria sido a garantia da aposentadoria. Depois com o aprofundamento dos estudos, comecei a vislumbrar elementos que influenciaram este momento histórico de fortalecimento do grupo, tais como: o contato das lideranças locais com o Movimento Nacional dos Pescadores, que já discutia há cerca de quinze anos a necessidade de valorização e de projeção das mulheres pescadoras brasileiras; o fato de a Colônia de Pescadores de Fortim Z-21 ser presidida por uma mulher que incentivou a participação e a discussão sobre questões específicas do grupo de marisqueiras, como pauta das reuniões; a presença da Universidade Federal do Ceará e de ONG's, impulsionando processos educativos de gestão comunitária e de utilização sustentável dos recursos naturais renováveis, através de projetos de incremento da produção de ostras e de promoção da Educação Ambiental; o prazer como elemento constituinte do trabalho das marisqueiras.

A importância das lideranças locais é percebida nitidamente como um forte elemento impulsionador de todo esse processo crescente de

³¹ Tais como a aposentadoria como marisqueiras e a licença maternidade. Sobre o assunto, maiores reflexões serão realizadas no capítulo dois.

reconhecimento das marisqueiras.³² Tanto é que, durante o decorrer dos três capítulos desta dissertação, a problemática das lideranças se faz presente.

“Eu acho que começou através de D. Maria, que esse projeto já tava engavetado há muito tempo, agora que foi reconhecido né. Ela, D. Maria é pescadora só vivia dentro do rio. Vive dentro do rio e os pais dela, os irmão tudo é pescador, só que elas são pescadora, só que não era reconhecido, agora que foi reconhecido né. Então, tem muitas que diz “eu sou marisqueira com muito orgulho.” (Rivanda – 38 anos, marisqueira, abr. de 2002).

Por outro lado, as próprias lideranças também se queixam que mesmo com todo o prazer que as mulheres sentem em trabalhar no manguezal, muitos problemas ainda existem. Algumas mulheres, por exemplo, não se dedicam mais à rotina de trabalho nos criatórios, porque seus maridos não permitem.

Assim, a postura das marisqueiras em busca de reconhecimento enquanto trabalhadoras, em meio a tantas dificuldades, entra em conflito constantemente com valores culturais e situações que as ligam aos homens e aos maridos, muitas vezes numa condição de subserviência, fato que é verificável cotidianamente, pois apesar da habilidade que elas desenvolveram em lidar com as “coisas da vida”, passam ao mesmo tempo por situações de pouco diálogo com os homens. Se pararmos para observar com mais cautela, estas constatações também se aplicam às outras mulheres de diferentes classes sociais, etnias ou categorias, que experimentam semelhantes problemas.

É difícil para as marisqueiras assumir uma postura diferenciada, sob pena de ocasionar conflitos com os homens, ou até mesmo agravar os já existentes.

“Ah eu digo não senhor, mulher marisqueira, você não sabe o valor que a mulher marisqueira tem. Outro dia até eu discuti com um homem na Colônia, porque ele veio dizer que direito a gente ia ter, as marisqueiras não era pra ter os mesmo direito dos pescador não! Eu digo a pois o senhor tá muito errado, as marisqueira vai ter os mesmo direito dos pescadores. Ai eu perguntei a ele por quê e ele disse *porque mulher não vai pro mar pescar e a gente vai*. Eu digo *é o senhor vai pro mar pescar, mas a gente aqui vai pro outro lado tirar a ostra, tirar o sururu, vamos pros mangue pescar lá*. E muita mulher aqui pesca de linha,

³² As reflexões sobre a problemática das lideranças serão retomadas no capítulo 2, mais aprofundadamente.

enfrenta mesmo, eu já pesquei muito a noite peixe, ia com meu esposo quando ele não ta no paradeiro da lagosta, que ele pesca peixe, a gente vai pescar de cainha de côca, pega peixe, quantas vezes eu não fui e peguei peixe mais ele! Eu passo a noite todinha dentro rio, pescando!" (Gorete – 42 anos, marisqueira, jan. de 2002).

Muitas vezes, para conquistar respeito, elas precisam mostrar que podem surpreender e desenvolver atividades tidas como pertencentes ao universo masculino. A atividade no manguezal ainda não é o suficiente para garantir o reconhecimento dos homens da comunidade. A luta destas mulheres é maior do que se pode imaginar. Não é uma luta contra os homens, pois nem mesmo elas se colocam nessa perspectiva. É uma luta por reconhecimento e valorização, enquanto trabalhadoras e mulheres.

O contato com a experiência das marisqueiras traz consigo a proximidade com questões, sentimentos e vivências evocativos de lembranças e de histórias de resistência. Observa-se que o passado vem à tona, a partir das necessidades do presente, e que a percepção desta manifestação pode possibilitar transformações.

"Ah, eles, tinha homem que não acreditava nas marisqueiras. Não acreditavam no nosso trabalho. E ainda hoje eles não acreditam. Tem uns que zomba da gente, eles diz *ah esse negócio de mulher marisqueira, mulher pescadora não, mulher é pra viver na cozinha.*" (Gorete – 42 anos, marisqueira, jan.2002).

As marisqueiras vêm enfrentado as opiniões diferenciadas dos homens, as concepções enraizadas culturalmente e os problemas socioambientais que Fortim possui, elaborando possibilidades criativas que apontam para mudanças sociais. Os espaços que hoje começam a ocupar têm propiciado embates e ricos diálogos que movimentam as opiniões, as relações e os modos de perceber o mundo.

A história das marisqueiras está mudando e as lembranças de um tempo no qual a mariscagem nem sequer era valorizada pelas próprias mulheres, "contrastam" com os novos rumos que suas vidas vêm tomando.

Contextualizar Fortim significa também, falar sobre a memória das mulheres que elaboram, a seu modo, suas trajetórias.

Fortim é o porto, o mangue, o rio Jaguaribe, a descendência indígena, os conflitos, a pedra do chapéu, a lama, os seres encantados, os ciclos da natureza, os pescadores, as novas gerações, as marisqueiras e muito mais!

1.3. O manguezal sob as lentes das marisqueiras

Corpo de lama

Este corpo de lama que tu vê
É apenas a imagem que sou

Este corpo de lama que tu vê
É apenas a imagem
É tu
(...)

Chico Science e Jorge Du Peixe³³

São inúmeras as imagens! O misterioso manguezal, a encantada pedra do chapéu, as mulheres trabalhando na lama, a vida na comunidade, a praça no centro de Fortim com sua antiga igreja e sua moderna e gigante tartaruga de pedra, o velho pé de tamarindo que fica no meio da rua e em frente à Colônia de Pescadores, as crianças brincando com miniaturas de barcos, as pessoas tomando banho no rio, a foz do estuário onde as águas doces e salgadas se encontram, as reuniões repletas de mulheres, os fios de energia lotados de pássaros, as conchas na areia, os caranguejos saindo dos buracos, o reflexo da lua cheia nas águas do rio, o pôr-do-sol, a pesca noturna com côca e muito, muito mais!

Diante de toda essa diversidade de imagens e de possibilidades de interpretações, resolvi novamente partir não somente do meu olhar, mas sim do olhar das próprias mulheres. Desta forma, realizei um trabalho de grupo com quatro marisqueiras (Rivanda, Gorete, Maria de Aquino e Francinete), cuja proposta consistiu em visitar o manguezal para *fotografar o que parecia naquele momento ser muito significativo e importante para suas vidas*.

Desenvolver esse trabalho fez parte de uma opção metodológica que possuía como principal objetivo aprofundar a análise da relação que as marisqueiras construíram com o mangue, buscando significados ligados a esse universo.

³³ Afrociberlia (1996), Chaos / Sony Music.

Além disso, privilegiei o recorte das imagens produzidas pelas marisqueiras, para possibilitar o surgimento de elementos importantes e representativos, objetivando “construir um diálogo”, inclusive fazendo registros e gravando depoimentos dentro do próprio mangue, lugar privilegiado de observação das marisqueiras, por estas se sentirem mais à vontade para falar sobre o que pensam.

As quatro mulheres que fizeram parte da atividade foram escolhidas por dois motivos: participação direta no trabalho de mobilização e articulação das marisqueiras pela conquista de novos espaços, direitos e valorização (sendo lideranças ou não) e pela “abertura”, e proximidade já conquistada durante o tempo de estudos desenvolvidos.

Para realizar este trabalho, busquei inicialmente suscitar o interesse das marisqueiras, dizendo que suas participações enriqueceriam a pesquisa. Contando com um grupo de quatro mulheres, formei duas duplas que partiram para o manguezal em busca das imagens mais significativas para elas naquele momento de suas vidas e de suas histórias. Quando entreguei as máquinas para as duplas fotografarem,³⁴ de imediato todas as participantes começaram a dizer que não sabiam como as câmeras funcionavam. Após as instruções, elas resolveram encarar o desafio e partiram para lados opostos do manguezal, enquanto eu esperava sozinha no ponto de chegada. À medida que as duplas retornavam, cada uma era, á seu tempo, solicitada³⁵ por mim, para relatar as sensações com relação à experiência vivenciada. Os sentimentos foram muito diversificados, pois as marisqueiras expressavam alegria, orgulho, receio e, sobretudo, ter gostado de registrar as imagens do manguezal.

Uma vez realizado o trabalho ao mangue, e tendo o material em mãos (imagens e depoimentos gravados), parti para a análise.

Três semanas depois, foi feito um trabalho de retorno das fotografias junto às mulheres que participaram da atividade. Durante esse novo encontro, as marisqueiras teceram comentários elucidativos e importantes para o andamento da investigação, chegando a selecionar as melhores imagens e a agrupá-las a partir de “categorias”, tais como: *Beleza, alimento, lama, lazer, lixo, trabalho de mulheres e homens, vida e morte*. Essas categorias foram

³⁴ Foi entregue uma máquina para cada dupla.

³⁵ Os depoimentos foram gravados no próprio manguezal.

escolhidas pelas próprias marisqueiras, quando sugeri que elas criassem uma forma de fazer a leitura das imagens captadas. Então depois de muito manusear as fotografias, as mulheres começaram a dispô-las em grupos utilizando o critério de semelhanças e diferenças. Daí foram escolhendo os principais elementos que poderiam estimular um diálogo.

Esta opção em trabalhar com imagens de uma maneira mais dinâmica e reflexiva, em vez de utilizá-las apenas para ilustrar uma análise, proporcionou novos horizontes para os estudos, assim como também um envolvimento diferenciado com as marisqueiras.

Vale ressaltar que a intuição das mulheres que participaram do trabalho com as imagens também foi um elemento considerado importante, pois esta sem sombra de dúvidas é um componente da atividade de elaboração criativa.

A experiência de levar as marisqueiras para fotografar o manguezal e o posterior encontro para o retorno do que produziram foram enriquecedores, não somente para mim como pesquisadora, mas também para as marisqueiras que, ao analisarem suas fotografias, apreciaram o produto final e tiveram a oportunidade de discutir, criar e perceber as inter-relações que delineiam o contexto em que vivem. Ouso inclusive dizer que, a análise das fotografias acabou motivando as pessoas que participaram a refletir sobre a realidade de trabalho e de vida que constroem cotidianamente.

Seguir adiante, partindo de outros pontos de referência, e descobrir caminhos e possibilidades, que representam melhor os sentimentos e pensamentos das mulheres do mangue foi algo que fez avançar e ampliar os rumos dos estudos realizados até então.

As elaborações das marisqueiras são valiosas justamente por serem expressão de manifestações individuais e coletivas que resultam de experiências e de conhecimentos diversificados.

O conhecimento que elas possuem foi construído através destas experiências e da remodelagem de uma cultura que transita entre o passado e o presente constantemente. A memória aqui favorece uma ligação entre individualidade, coletividade e história.

A natureza é o grande cenário das imagens captadas e elaboradas pelas marisqueiras. Imagens que estão conectadas com percepções de mundo que as mulheres possuem.

O trabalho com as imagens abriu caminhos para a emergência de olhares, os quais focalizaram um universo que é, ao mesmo tempo, feminino e masculino na sua complementaridade e diferença.

O *mangue* repleto de ostras, de conchas, símbolos da intimidade, útero marinho, cheio de isolamento sobre os valores do repouso, como salientado por Gaston Bachelard, é o cenário das imagens colhidas e escolhidas pelas mulheres que participaram do trabalho com as fotografias. Segundo as reflexões do autor sobre a temática:

“Aqui, no domínio circunscrito em que estudamos as imagens, seria preciso resolver as contradições das conchas, às vezes tão rude em seu exterior e tão suave, tão recoberta de madrepérola, em sua intimidade.”³⁶

Ser rude e ser suave ao mesmo tempo, passagem que o autor de forma elucidativa, utiliza para afirmar as contradições presentes em tudo que vive, sobretudo, para insuflar pensamentos a respeito daquilo que se remete ao espírito, ao corpo e à capacidade de reflexão sobre a vida e sobre os rumos que esta assume. Esses elementos que à primeira vista podem parecer dicotômicos, segundo o autor compõem fundamentalmente a existência. A condição humana e a natureza fazem parte desta perspectiva. A meu ver, as marisqueiras também se harmonizam com esta forma de “estar no mundo”.

E Bachelard acrescenta:

“Qualquer grande imagem tem um fundo onírico insondável e é sobre esse fundo onírico que o passado pessoal põe cores particulares. Assim também, só quando já se passou pela vida é que se venera realmente uma imagem descobrindo suas raízes além da história fixada na memória...”³⁷

Concordando com Bachelard e sabendo que as imagens possuem um fundo onírico insondável, parto para uma análise que não pretende revelar o que está oculto, mas sim, captar sentimentos, percepções e possibilidades que se fizeram presentes naquele momento da investigação.

Os elementos da natureza como as raízes, a lua e as águas do rio, surgiram em meio às análises interpretativas das marisqueiras, assumindo várias faces e significados.

³⁶ BACHELARD, Op. Cit., p. 272.

³⁷ Id, Ibidem, p. 218

As raízes, verdadeiras mãos que saem da terra, da lama e se lançam ao ar, como se pedissem algo, talvez pela luz do sol, talvez pela continuidade da vida, também fazem parte do contexto do manguezal, pois compõem os espaços, preenchendo e sustentando a vida.

E a lua, que segundo Gilbert Durand³⁸ é assim simultaneamente medida de tempo e promessa explícita do eterno retorno, se faz presente anunciado a chegada da noite e do mistério.

As águas do rio, serenas e também profundas, compõem um outro mundo, no qual seres aquáticos e encantados, como a Mãe-d'água, "vivem" e se revitalizam através da cultura e da memória. Seres que compõem a História as vivências e as lembranças dos moradores de Fortim.

Natureza encantada, que encanta e que precisa continuar a existir. As ameaças que tem sofrido o manguezal somente não foram mais graves devido à presença das comunidades tradicionais em suas margens. Povo das águas que consome os peixes, crustáceos e moluscos, que vive "artesanalmente", que teme a noite no manguezal assombrado por almas, que teme a lama, por não saber o que há em baixo dela, assim como teme o amanhã, se o mangue for destruído pela ganância do homem capitalista.

As categorias escolhidas pelas marisqueiras são representativas de um contexto que navega entre o belo e o feio, o rude e o suave, a vida e a morte, o trabalho e o lazer, o alimento e a fome, a riqueza e a pobreza, a sabedoria e a ignorância, como faces inseparáveis de uma mesma moeda.

Pensar as categorias escolhidas como aspectos de uma discussão sobre Fortim e sobre as marisqueiras é uma pequena parte do universo de questões que podem ser exploradas. Acredito que o mais importante neste momento seja inserir-se neste universo de complexidade e singularidade que é o olhar das marisqueira para si, para as comunidades ribeirinhas locais e para o mundo em elas vivem.

Os temas aqui expostos devem ser entendidos e considerados como portas de entrada para lugares conhecidos e desconhecidos e, fundamentalmente, postos diante de nossos olhos para aguçar vários sentidos vitais. Mergulhemos então nas águas de Fortim, através da percepção das

³⁸ DURAND, Op. Cit., p. 294.

marisqueiras, para analisar a vida sob a presença marcante do mangue e as dinâmicas que a história vem assumindo localmente!

- **Beleza**

Como diz um ditado popular “a beleza está nos olhos de quem vê”. Os olhos das marisqueiras voltaram-se para a flora, a fauna e as águas do estuário do rio Jaguaribe, num ato de contemplação e reconhecimento da riqueza que elas possuem em seu local de trabalho e de vida.

A diversidade da vegetação contrastando com o azul do céu e o reflexo das águas do rio foram, captados pelas marisqueiras para afirmar o quanto o mangue também é um lugar que reflete beleza e harmonia. As cores fortes e a dança suave das águas do rio, celebram diariamente a vida que se expressa nos ciclos da natureza, e que é marcada pelas permanências e transformações que ocorrem ao longo do tempo.



Foto 4 – de Rivanda e Gorete / Marisqueiras – 07/2002.
Floresta do manguezal de Fortim.

“É esse aqui é o mangue, assim bonito, ele aqui está bem protegido, aliás, é uma paisagem muito bonita do nosso manguezal. Devia em todo local ta todo desse jeito.” (Maria de Aquino – marisqueira).

Dona Maria reconhece ao analisar a foto acima, primeiramente a beleza do mangue e relata o desejo de ver protegidas mais áreas desse ecossistema. O "nosso manguezal", como diz, revela um sentimento que vai além da posse e que parece estar muito mais ligado à responsabilidade, ao privilégio e ao orgulho pela aproximação existente entre as marisqueiras e o mangue.

O rio sem dúvida é essencial para a existência do mangue e as marisqueiras sabem disso como ninguém. As imagens ora possuem as águas como pano de fundo, ora compõe as fotos, a partir de ângulos privilegiados. Assim também ocorre em vários outros momentos do cotidiano de Fortim. O rio que corre seguindo seu caminho, marcou a história da localidade, e assim continua sendo até hoje, pois o imaginário social e as práticas das comunidades de Fortim ligam-se e interagem com as águas escuras e salobras do Jaguaribe, em um movimento constante de vida e morte, de ganhos e perdas. Muito mais do que um determinante para a sobrevivência, o rio é fundante de sentidos e significados para a vida das marisqueiras e da população de Fortim.

A beleza presente nas fotografias que as marisqueiras produziram e selecionaram, guarda a dualidade viva de um lugar que para muitos é desconhecido e feio. Mas será que o mangue sempre foi belo para as marisqueiras? Será que estas se aperceberam da beleza do mangue quando se depararam com a possibilidade de afirmação de seu trabalho e conseqüentemente novas interpretações se projetaram?

Na verdade fica difícil saber, mas o importante é que a percepção da beleza do manguezal existe para as marisqueiras de uma maneira específica e muito provavelmente isso possui uma relação com a vivência que elas têm com o mangue, fruto da herança de muitas gerações.

Belas são as imagens de uma natureza que, de acordo com depoimentos das marisqueiras, precisa continuar a existir para garantir a vida da comunidade e o trabalho que desenvolvem. Essa percepção sobre a necessidade de conservação com certeza não surgiu do nada, mas provavelmente do contato com os projetos e as parcerias que as marisqueiras tiveram a oportunidade de vivenciar.

A consciência sobre a necessidade de conservação das áreas de manguezal é algo que também vem crescendo, junto com as novas perspectivas que a mariscagem começa a assumir.



Foto 5 - de Maria de Aquino e Francinete / Marisqueiras - 07/2002.
Vegetação do mangue, tendo como fundo o rio Jaguaribe.

“É porque a vida...esse manguezal aqui, essas árvores que tão tudo verde, elas tem uma vida e dentro dessa vida, ela traz o quê? Aí ela traz a beleza, traz o lazer, porque se não tivesse aquelas árvores bonita lá naquele local a gente não ia pra lá, não tinha o que a gente olhar, nas raízes delas não teria as ostras, também não teria o caranguejo, então eu acho muito importante, o mais importante de tudo é a vida! Dentro dessa vida a gente traz o resto das coisas, a beleza, a alimentação, o lazer, o meio ambiente.”
(Maria de Aquino – marisqueira).

Atraídas pela beleza e, fundamentalmente, reconhecendo a importância da vida, as marisqueiras que participaram do trabalho de fotografar o manguezal fizeram inter-relações com outros temas, tais como alimentação e lazer, destacando que sem a natureza nada seria possível. As árvores do mangue são identificadas por elas, como símbolos de sustentação da vida.

Comparando a duas narrativas de D. Maria de Aquino, é possível perceber que o “bonito” é uma categoria que surge como algo que vai além da estética. *É esse aqui é o mangue, assim bonito, ele aqui está bem protegido...* ou então, *porque se não tivesse aquelas árvores bonita lá naquele local a gente não ia pra lá, não tinha o que a gente olhar.* É possível observar uma relação da categoria “bonito” com a preservação, com a vida, com uma

natureza que não foi destruída. Quando D. Maria diz *o mais importante de tudo é a vida! Dentro dessa vida a gente traz o resto das coisas, a beleza, a alimentação, o lazer, o meio ambiente*, ela está reafirmando uma consciência fruto da luta e da militância que desenvolveu ao longo de sua história. *A gente traz o resto das coisas*, é uma fala significativa que indica que elementos necessários para a sobrevivência são benefícios e efeitos de uma atitude de valorização da natureza e, conseqüentemente, da vida. Outra questão que pode ser identificada aqui é a crença no potencial de atuação dos povos do mar para mudar o cenário de destruição em que o litoral cearense se encontra.

Ao perguntar às marisqueiras como era o mangue em tempos atrás, quais as suas lembranças sobre o assunto e até onde iriam suas memórias, me deparei com respostas do tipo:

"Ah, vai até onde o pessoal mais velho da gente contava! Que não podia nem andar todo mundo dentro dos mangue, porque o mangue era tão fechado, era tão assim que tinha cobra grande, não era muito visitado, então assim acumulava as coisa lá. Hoje como já tem mais a presença do homem no caso, que é lá tirando o caranguejo é cortando aqui e acolá um pau do mangue e tudo, como ele vai ficando menos então, até essas coisas assim desaparece mais. O tempo daquele aconchego! Antigamente eu ouvia muito o pessoal mais velho contar, que tinha muita garça lá, ovo o pessoal achava os ovos das garças e outros pássaros também não era só as garças não. E hoje, você vê ainda, mais aqui e acolá que você vê uma garça, não é mais como era antigamente. Tinha até aquelas avoante! Que quando elas voam são bem juntinha de bando. É difícil, hoje não tem mais, tudo por conta da presença da destruição que fez parte e deu no desaparecimento." (Maria de Aquino – marisqueira).

A exploração do mangue tem sido crescente, afetando e mudando a paisagem do lugar, fato que não está registrado nos documentos oficiais, mas sim na memória da população de Fortim, que se manifesta intensamente através da oralidade.

O tempo daquele aconchego! Um tempo de paz e harmonia que um dia existiu, um tempo onde conflitos se davam, mas não sob as mesmas ameaças postas nos dias atuais, com possibilidade de perda da posse da terra, fome, violência e investidas contra o litoral, a favor de interesses privados.³⁹

³⁹ Não quero afirmar com isso que no passado não ocorreram agressões, mas sim que há uma memória sobre um tempo mais tranquilo e abundante em termos de uso dos recursos naturais.

Apesar das mudanças, as garças ainda podem ser vistas durante “o pôr-do-sol” em um trecho mais escondido do manguezal, como relata Eneida, quando situa com orgulho as belezas locais. Aqui a beleza está relacionada à estética.

“A garça têm ela cinza, tem de várias cores, porque praquele lado ali, a tarde tem o pôr-do-sol, ai tem o pôr-do-sol das garças, eu já fui lá a tarde é tão lindo! Têm de vários tipos a gente vê mais assim, uma cinzazinha e branca. Elas tudo se pondo!” (Maria Eneida - 41 anos marisqueira- jan. de 2002).

Com certeza, os sentimentos são muito próprios de quem os está vivenciando, mas a memória vai além do que os mais velhos contam, até porque estes também já ouviram de seus ancestrais, o que, me leva a acreditar que ela vem sendo trabalhada e remodelada desde tempos ainda mais remotos, construindo um imaginário coletivo, rico em vivências, percepções e elaborações.

Há uma memória de um mangue de antigamente, de um tempo de fartura que abre a perspectiva de construção de uma visão processual e de uma consciência da situação dos problemas atuais e futuros.

● Alimento



Foto 6 - de Rivanda e Gorete / Marisqueiras - 07/2002.
Raízes do mangue, repletas de ostras.

“Fotografemo também as ostra. Que as ostra tava morta devido a água doce e agora já tem bastante ostra. Ta aparecendo bastante ostra e elas já viva. Antigamente quando a água doce vinha, ela

tava toda morta, ela era aberta e agora já ta toda fechadinha!" (Gorete- marisqueira).

Ao perguntar o que significam as ostras para as marisqueiras, já que estas apareceram em algumas imagens, obtive de Rivanda a seguinte resposta:

"A ostra é a nossa vida! É o nosso alimento, é o nosso trabalho. E é muito importante a ostra. É um cálcio pra gente mulher, pro problema de osteoporose, é o melhor cálcio, um cálcio natural!" (Rivanda - marisqueira).

Gorete e Rivanda ressaltam a importância das ostras, pois estas são o principal marisco até então coletado. E mais, a ostra é "o alimento, o trabalho, o cálcio e a vida", como dizem, e tem atraído o interesse crescente de outros "admiradores". As marisqueiras sabem que a comercialização das ostras pode possibilitar a melhoria de suas vidas. As ostras escondem e ao mesmo tempo revelam riquezas que somente aqueles que despertaram para esse potencial conseguem perceber. Escondem moluscos, seres disformes muito saborosos para alguns, e bastante nojentos para outros. Seres esses que cortam a pele com facilidade, se não forem manuseados com cuidado, seres no mínimo curiosos!

Para as marisqueiras as ostras são muito valiosas, inclusive elas demonstram cautela e até mesmo carinho ao falarem das "bichinhas". O trabalho nos criatórios que a Universidade Federal do Ceará desenvolve através do LABOMAR – Laboratório de Ciências do Mar, tem propiciado às mulheres trabalhadoras dos mangues, a oportunidade de observar de outra forma, o crescimento e o desenvolvimento desses moluscos bivalves. Ao mesmo tempo, contribui para a retirada das marisqueiras do mangue, já que os criatórios estão situados às margens do outro lado do rio. O trabalho passa a assumir novas conotações, fato que será mais explorado no capítulo dois. É importante situar de antemão que, mesmo com esta nova experiência, as marisqueiras não se afastaram por completo do manguezal, lugar onde sempre estiveram desde de crianças, lugar onde talvez sempre estarão.



Foto 7 - de Maria de Aquino e Francinete / Marisqueiras - 07/2002.
Siris do Rio Jaguaribe.

“Esse siri aqui faz parte da alimentação. Esse senhor que vem pescando esse siri aqui é porque ele realmente precisa, levar pra casa, pra ajudar na sua alimentação, ele não é um pescador do mar na verdade, ele é um pescador mesmo do rio e a situação dele não é muito boa, então isso aqui ajuda na sobrevivência”.
(Maria de Aquino – marisqueira).

Os siris capturados por um pescador que passava por ali no momento do trabalho de registro das imagens, também foram escolhidos, por serem alimento para subsistência das famílias de Fortim. Dona Maria situa que a pesca no rio é diferente da pesca no mar e que o siri é muito procurado pelos moradores ribeirinhos (inclusive, durante a pesca realizada à noite) e, depois dos peixes, estes são os favoritos.

As ostras e os siris necessitam do manguezal para o desenvolvimento e a reprodução. Mais uma vez a vida e o alimento da comunidade estão relacionados à condição de existência do manguezal.

- **Lama**



Foto 8 - de Rivanda e Gorete / Marisqueiras - 07/2002.
Lama do mangue.

“... o mangue, ele precisa dessa lama, o mangue ele não sobrevive só com areia, aliás se acabar a lama se começar a enterrar, ele vai morrendo. Essa lama é muito importante pras raízes do mangue pros caranguejo.” (Maria de Aquino – marisqueira).

A lama para as marisqueiras que participaram do trabalho proposto significa proteção para a pele, proteção para o mangue e moradia para os caranguejos.

A lama que dá sustentação à vida no mangue também é um ponto de articulação entre o rio e o mar, constituindo-se enquanto elemento resultante da junção destes dois mundos. É o produto e ao mesmo tempo a matéria e a matriz que alimenta originariamente o mangue e o mar.

“A lama é uma coisa muito importante que serve pra pele, a gente passa lama pra tirar o próprio caranguejo... protege dos mosquito que pica a gente. A gente passa a lama e protege.” (Rivanda – marisqueira).

“A lama faz parte do caranguejo. É a moradia do caranguejo. O caranguejo faz aquele buraco na lama e lá é a casinha dele, eles ficam lá...” (Rivanda – marisqueira).

Achei que seria importante saber também as impressões das mulheres sobre os homens com relação ao assunto e perguntei o que elas achavam que seria a lama para eles. A resposta foi a seguinte: *Pra eles é proteção dos mosquito. Pra gente é um tratamento pra pele também. A gente descobriu isso, né. (Rivanda – marisqueira).*

Para as marisqueiras, a lama tem um sentido a mais que, segundo elas, os homens não identificam, o tratamento da pele. Este fato revela uma relação diferenciada com a pele e com o corpo, pois as mulheres parecem se preocupar mais com a proteção. Os homens em sua maioria foram culturalmente afastados deste tipo de preocupação.⁴⁰ Infelizmente não tive a oportunidade de perguntar aos próprios homens o que pensam sobre o assunto. Sendo assim, pouco arrisco a comentar, mas, à primeira vista, parece que as mulheres estão mais ligadas a este tipo de preocupação.

A luta dos povos do mar pelo alimento é bastante árdua. Se por um lado a natureza proporciona frutos positivos ao trabalho de pescadores e pescadoras, por outro, ela também impõe o enfrentamento de severos obstáculos. Água, sal e sol são combinações que podem causar problemas. A problemática da saúde desses trabalhadores é uma questão que ainda precisa ser melhor discutida pela categoria e pelo poder público.

• Lazer

O lazer está historicamente relacionado com as idéias de tempo disponível, descanso e folga. Já com relação ao trabalho desenvolvido pelas marisqueiras no mangue de Fortim, o lazer é um elemento que faz parte de sua composição. Pode parecer um paradoxo, mas quando elas estão em grupo, dão um jeito de “celebrar” a pesca dos mariscos, fazendo fogueiras, para saborear ostras, búzios e siris. A natureza parece solicitar das marisqueiras um tempo para a contemplação e o divertimento. Esta questão será mais focada no capítulo dois, que tratará mais aprofundadamente sobre o trabalho das mulheres do mangue.

⁴⁰ É muito comum para quem desenvolve trabalhos onde a exposição ao sol é prolongada, o surgimento de manchas na pele. Os pescadores também se expõem ao sol excessivamente e são acometidos de problemas de pele e de visão. Para amenizar os efeitos dos raios solares, agravados pelo sal, eles usam camisas de manga como proteção, o que não é o suficiente para conter conseqüências danosas.



Foto 9 - de Maria de Aquino e Francinete / Marisqueira - 07/2002.
Fogueiras feitas à sombra do manguezal.

“Também a gente fotografou quando a gente faz o lazer, quando a gente vem faz o fogo pra botar as ostra, ou qualquer coisa no fogo, uma panela pra cozinhar os caranguejo, também isso é muito importante, significa o lazer da gente, porque o nosso lazer é aqui, é do outro lado é quando se junta todo mundo pra descansar um pouco e brincar.” (Maria de Aquino - marisqueira).

“É um lugar de lazer, de sobrevivência das pessoas das famílias é onde se cria todos os nossos mariscos, peixes também, então é muito importante este manguezal pra gente.” (Maria de Aquino - marisqueira).

Dona Maria de Aquino explica, analisa e comenta o movimento de recontextualização das experiências marisqueiras em relação a um cenário de atividade profissional e um discurso de reivindicação de direitos.

O mangue foi e ainda é associado ao lazer. Somente com o movimento comunitário desenvolvido pelas marisqueiras, o referido ambiente começou a ser relacionado a uma atividade profissional. O surgimento dos criatórios de ostras vem fortalecer a percepção da mariscagem enquanto trabalho.

O mangue é lugar de lazer e de sobrevivência, justamente por possuir uma natureza que favorece estas relações. A natureza beneficia a população de Fortim e também as pessoas que vêm de fora da comunidade, em busca das belezas naturais do manguezal e do estuário do rio Jaguaribe. O problema maior está justamente na maneira como as pessoas se relacionam com essa natureza e com as comunidades ribeirinhas e litorâneas locais. As mudanças

que ocorreram ao longo dos tempos favoreceram um fluxo maior de transeuntes que, na maioria das vezes, não compreendem a importância do mangue e de uma maneira irresponsável praticam um turismo predatório. A problemática do lixo é tão complexa que vai além da questão do turismo, passando por cada morador e desembocando novamente no poder público.

Lazer não combina com mangue sujo, o qual, por sua vez, não combina com a experiência de manejo das ostras, que são o principal produto de sustentação para as marisqueiras até os dias atuais.

• Lixo

Lixo, aquilo que se joga fora, o entulho. Questão polêmica que as marisqueiras identificam como fundamental para a continuidade do trabalho no mangue.

As águas do rio Jaguaribe recebem em alguns trechos, o esgoto de locais pelos quais passam, como exemplo, Aracati. Além disso, resíduos como sacos plásticos e latas, consumidos por comunidades vizinhas e pelo próprio Fortim, também têm afetado a dinâmica do manguezal. As marisqueiras em geral, passaram a compreender isso, com os cursos realizados pelos parceiros que se aliaram ao grupo,⁴¹ e atualmente se preocupam com o presente e com o futuro do mangue, pois este está intimamente relacionado às suas vidas e ao seu trabalho, em especial. Admitem também que, em outros tempos não identificavam a gravidade do problema como hoje.

As marisqueiras temem os perigos existentes com relação à própria produção de ostras, a qual pode ser prejudicada pela poluição do rio, pois as ostras assimilam toda a sujeira das águas em que se encontram.

⁴¹ As parcerias serão melhor explicitadas no capítulo dois.



Foto 10 - de Rivanda e Gorete / Marisqueiras - 07/2002.
Rivanda recolhendo sacos plásticos que estavam enterrados na lama do mangue.

“E aí eu fiz questão de juntar esse lixo, porque os mangue fica cheio de lixo, aí eu achei importante trabalhar com o meio ambiente, né.” (Rivanda – marisqueira).

As fotos sobre o lixo revelaram os aspectos negativos, pois dentro *do que é mais importante e significativo para suas vidas*, surge a necessidade de ter um meio ambiente limpo, saudável e vivo!

Quando Rivanda diz *eu fiz questão de juntar esse lixo*, me pareceu está sentido necessidade de afirmar diante de mim, pesquisadora e ex-membro de uma ONG, que as marisqueiras sabem o que é prejudicial ao meio ambiente e que elas são diferentes daqueles que o destroem. Neste momento, senti que a discussão em grupo que estávamos tendo era rica também por revelar aspectos positivos e dificuldades existentes na relação entre pesquisador e objeto de estudo.

“Porque o lixo, ele é que acaba com as nossas ostras, né. O lixo ele traz poluição para toda a nossa criação de ostra, sabe. E também nesse ponto, muito saco, eles soltam muita sacola, os turista vem, muitos vem passar dia no mangue e eles solta sacola e aquela sacola não se destrói... as garrafas não se decompõe rapidamente, então isso prejudica as nossas ostras, os nossos caranguejo. Muita lata de cerveja, garrafas de plástico, tudo isso prejudica a nossa criação de ostra.” (Gorete – marisqueira).

Gorete em sua narrativa expõe o conhecimento adquirido através dos cursos de capacitação oferecidos pelos parceiros dos projetos desenvolvidos em Fortim. A Educação Ambiental tem sido uma preocupação constante entre

educadores e técnicos que realizam trabalhos na região, por eles acreditarem que este é o melhor caminho para reverter o quadro de desequilíbrio em que se encontra o litoral cearense.

As marisqueiras sabem que no passado não houve uma preocupação maior por parte do grupo em manter o mangue e o rio limpos. Na verdade, talvez elas não tenham se apercebido que, mesmo em menor escala, também contribuíam para a poluição do mangue e do rio, quando não traziam de volta materiais descartáveis que utilizavam durante o trabalho, para armazenar água, ou quando lançavam nas águas do rio outros resíduos não degradáveis.

Ao mesmo tempo em que as marisqueiras possuem uma relação diferenciada com o mangue, vivendo sob a dinâmica das marés e dos ciclos naturais, por outro lado, também uma parte do grupo (já que o grupo não é homogêneo em hipótese nenhuma) ainda mantém uma visão de inescapabilidade da natureza, comum entre a maioria das pessoas.

A relação com o rio também é bastante curiosa, pois este é percebido pela maioria da população local como lugar de despejo de dejetos. O rio leva para a imensidão do oceano os resíduos que parecem nunca mais voltar. Afinal, o lugar comum acredita que, o que os olhos não vêem, não existe. Sendo assim, não há porque se preocupar.

Como a ostra é fundamental para o trabalho das marisqueiras e o lixo prejudica seu desenvolvimento e a sua qualidade, as mulheres temem que o sonho de comercialização e a própria subsistência das famílias sejam comprometidos por causa da presença de resíduos nas áreas de manguezal. O conhecimento que possuem e os cursos que elas já fizeram, propiciaram à maioria do grupo uma consciência sobre essa problemática que o restante da comunidade de Fortim, ao contrário, não possui. Daí a responsabilidade das marisqueiras em assumir mais este desafio, em prol da qualidade de vida local. É interessante perceber que a luta por reconhecimento, valorização, respeito e direitos trabalhistas acabou por redesenhar outras demandas, que passaram a se inter-relacionar com a mariscagem e fomentaram a elaboração de práticas e discursos.

A maioria do grupo de mulheres do mangue, hoje se preocupa quando vêem resíduos poluindo as comunidade locais, o rio, os criatórios de ostras e

as áreas de manguezal, porque sabem o quanto o lixo prejudica o equilíbrio ambiental, as ostras e é nocivo à saúde da população.

• Trabalho de Mulheres e Homens



Foto 11 - de Maria de Aquino e Francinete / Marisqueira – 07/2002.
Homem pescando siri no rio Jaguaribe.

“... é do nosso dia-a-dia também, é pescador igual a nós marisqueiras, como a gente sai pra pescar no rio, ele também sai né, então faz parte do nosso meio e por isso que a gente achou importante, fotografar ele pegando o siri.” (Maria de Aquino – marisqueira).

O trabalho dos homens é muito valorizado pelas mulheres, que sabem das dificuldades enfrentadas por eles diariamente. A pesca em alto-mar é um desafio que enobrece os pescadores, colocados à prova a todo instante e ao mesmo tempo, fazendo-os realizar uma leitura da vida através do mar. O oceano é a grande referência desses homens que são os companheiros das mulheres do mangue. As mulheres reconhecem algumas dificuldades no trabalho que exercem no mangue, mas consideram a pesca em alto-mar ainda mais difícil, devido às adversidades por que passam aqueles que saem das águas tranqüilas dos rios e se arvoram a enfrentar as ondas do mar, oscilantes em tamanho e em mistério.

As marisqueiras sabem dos riscos e perigos vividos pelos homens e sentem as adversidades, através da espera, que só se transforma em alívio com a chegada das jangadas e dos barcos de pesca.

Dois mundos, mar e mangue. O que está em jogo é a sobrevivência e a superação dos obstáculos. Estes são os ambientes de trabalho das mulheres e dos homens de Fortim, que trazem infinitas questões para a reflexão.



Foto 12 - de Rivanda / Marisqueira - 07/2002.
Gorete retirando ostras com uma faca das raízes dos mangues.

O trabalho desenvolvido pelas marisqueiras assume novas conotações devido às mudanças que a atualidade traz. Dentre outros aspectos, as mulheres têm partido para assumir a Colônia de Pescadores Z-21 e, com este movimento, elas começam a se informar sobre as conquistas trabalhistas que outros grupos de mulheres, principalmente da região norte do país, obtiveram quando passaram a acreditar no potencial e na força do trabalho feminino.

Para essas mulheres que nasceram e se criaram achando que mariscar não tinha assim tanta importância é uma mudança muito grande passar a crer que esta atividade, antes desvalorizada e praticamente invisível, pudesse ganhar novos significados.

Vale ressaltar que esses novos significados já vêm sendo esboçados e semeados em um terreno fértil que é a cultura local e que também surgem neste momento da história de vida das marisqueiras, porque faziam parte de suas experiências cotidianas. A atividade desenvolvida e a relação com a natureza passaram a ter um destaque que os dias atuais trouxeram, devido à luta organizada das mulheres.

São experiências como esta das marisqueiras que mexem com relações que, há muito, necessitam ser modificadas, principalmente no que se refere às políticas públicas para o litoral cearense.

● **Vida e morte**



Foto 13 - de Rivanda e Gorete / Marisqueiras - 07/2002.
Raízes aéreas de mangues vermelhos e brotos de vegetação nascendo em meio aos galhos.

“As raízes são a proteção dos mangues é dali que surge as árvores e é ali que se cria também os mariscos.” (Maria de Aquino – marisqueira).

O nascimento dos brotos de mangue vermelho⁴² que aparecem nesta imagem chamou a atenção das marisqueiras para a vida que se renova a partir da lama e da terra, como se aqueles “falassem” da origem de tudo, do barro, da lama, insistindo em surgir de onde menos se espera. Para mim, esta é uma das imagens mais belas e representativas do que é o manguezal. A proteção

⁴² Nos manguezais do nordeste são encontradas as espécies:

Rhizophora mangle – Mais conhecido como mangue vermelho ou verdadeiro. Sua principal característica é a presença de raízes aéreas que penetram no solo, dando sustentação à planta. Este tipo de mangue geralmente brota em solos lamacentos, próximos das desembocaduras dos rios; ***Avicennia germinans* e *Avicennia schaueriana*** – Conhecido como mangue siriuba ou mangue preto. Esta espécie se desenvolve onde a lama é mais firme, adaptando-se a alta salinidade do solo; ***Laguncularia racemosa*** – Conhecido como mangue branco. É encontrado nos solos mais arenosos; ***Conocarpus erectus***. – Conhecido como mangue manso ou mangue de botão. Pode ser encontrado nos solos mais secos e elevados. Informações obtidas em: AQUASIS – Associação de Pesquisa e Preservação de Ecossistemas Aquáticos. *A Zona Costeira do Ceará. Diagnóstico para a Gestão Integrada*. Fortaleza, 2003.

de que fala D. Maria é o grande desejo das marisqueiras, que querem ver seu ambiente de trabalho e de convívio cada vez mais vivo.



Foto 14 - de Maria de Aquino e Francinete / Marisqueiras - 07/2002.
Mangues vermelhos e suas raízes aéreas.

“Então eu acho que ela é muito importante. Pronto ta vendo essa daqui também ta bonita, essa aqui ta mostrando que ta vivo e verde.” (Maria de Aquino – marisqueira).

As plantas que se assemelham a pessoas dançando, de acordo com as marisqueiras, festejam a vida e o verde. São espécies filhas de um mangue que possui um ambiente repleto de galhos curiosamente entrelaçados e que inspiram a imaginação e a criação, pois delineiam coisas, seres, gente, mãos etc.

A vida no mangue também é um mundo que tem o seu lado desconhecido e mágico, no qual a natureza parece brincar, para encontrar lugar nos olhos e nas mentes daqueles que se propõem a ver e a deixar-se levar por este emaranhado de galhos, sentimentos e significados.



Foto 15 - de Rivanda e Gorete / Marisqueira - 07/2002.
Tronco seco e sacos plásticos enterrados na areia do mangue.

“Também uma coisa que eu achei muito importante foi o mangue destruído, porque não era pra ter aquele mangue destruído e tem bastante e isso tudo acaba com as ostras. Antigamente tinha bastante ostra, era só você atravessar pro outro lado e tinha muita ostra e agora a gente anda muito e não encontra mais, por causa desta destruição do mangue. As pessoas vem e cortam o mangue, tiram pau e deixam lá a destruição. Tudo isso tá acabando com o nosso mangue!” (Gorete – marisqueira).

A morte é o outro lado da vida e as marisqueiras também fotografaram um mangue que está morto por causa do descaso, da ignorância e da ganância.

A destruição representada aqui por este tronco seco é um alerta que as marisqueiras estão fazendo para os dias que virão. O desmatamento das áreas de manguezal pode ocorrer rapidamente.

Um aspecto que chama a atenção é o fato de as marisqueiras se colocarem fora deste processo de investidas contra o manguezal, seja com relação à problemática do lixo, seja quando o assunto é o desmatamento. Em alguns depoimentos, as mulheres do mangue dizem que antigamente também cortavam os galhos, mas que hoje avaliam que as coisas estão mudando.

“Antigamente tinha muito marisco mais, as ostras eram muitas nos mangues, nas raízes que o pessoal ia lá e cortava. Ia lá e cortava aquela raiz de mangue desse tamanho, por exemplo. E levava aquela raiz de ostra pra casa, isso quando eu era menina ainda, eu via fazer isso. Hoje você não pode mais continuar mais fazendo isso, porque se você continuar os mangue ele vai terminar morrendo!” (Maria de Aquino - marisqueira).

As ostras sempre surgem nos depoimentos como uma preocupação central, afinal, as marisqueiras estão inseridas e engajadas em um projeto da Universidade Federal do Ceará que pretende comercializá-las muito em breve.

Lamentavelmente, a ânsia do homem capitalista em dominar a natureza, acabou fazendo com que a existência dependa dele. A natureza passou a depender do homem para continuar viva. Diante disto, a conservação do mangue é algo que se faz vital para Fortim.

“Com certeza, o mangue vai sempre contar com o trabalho das marisqueiras e dos pescadores. Não vou dizer que é todo os pescadores, mas uma boa parte ainda pensa em preservar e conservar esse meio que ta hoje da maneira mesmo que ele esteja, nós tem que conservar ele porque se não vai piorar cada vez mais. E retirar de lá, conservar significa que você vai usar o mangue, mas você vai conservar.”(Maria de Aquino – marisqueira).

Podemos constatar também através desse depoimento o quanto é difícil desenvolver um trabalho ambiental na comunidade, já que uma verdadeira cultura de destruição vem sendo construída ao longo dos tempos. Nem todos os pescadores se envolvem nessa luta e as marisqueiras estão à frente da discussão e dos processos de conscientização, tentando modificar este cenário. Perguntei então como é feito hoje com relação às raízes, já que são nelas que as ostras se fixam, e D. Maria respondeu: *Você vai lá, tira as ostras, mas você não corta a raiz, então você tá tirando e você tá conservando.* (Maria de Aquino – marisqueira).

É a partir de soluções simples, mas eficazes, como esta, que as marisqueiras estão aprendendo com os parceiros dos projetos a resolver as adversidades e os problemas que vêm se projetando ao longo da história.

O IBAMA⁴³ proibiu o corte de madeira dos manguezais brasileiros e as marisqueiras continuam retirando as ostras, só que com mais cuidado, sem arrancar os troncos e as raízes e sem excessos. Segundo elas, de uns quatro anos para cá, o mangue está nascendo novamente.

A partir do trabalho com as imagens, ficou ainda mais evidente para mim que Fortim sem o manguezal perderia sua *alma*, seu encanto, suas histórias tão repletas de imaginação e significados. Ou pelo menos, essas histórias

⁴³ Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

seriam outras, mas com certeza sem as marisqueiras, pois o mangue e elas necessitam um do outro para viver.

2. O Trabalho no manguezal: saberes e luta por valorização



2. O Trabalho no manguezal: saberes e luta por valorização.

Para além dos barracões, areia tismada, coberta de conchas de moluscos e cordões de algas marinhas empoçadas e negras, que se estendiam até a água cinzenta. Quando a maré baixava, expondo uma extensão de lama cor de ferrugem, eu caminhava quilômetros a partir da praia, testando a profundidade da vasa, chapinhando entre caranguejos e caramujos, que fugiam às pressas, e olhando fixamente para o ponto exato onde imaginava que o rio encontrava o mar.

Simon Shama¹

Considero um desafio pensar e escrever sobre o trabalho desenvolvido pelas marisqueiras de Fortim, primeiro, porque diversas são as inter-relações presentes no contexto desta atividade; segundo, por ser imensa a responsabilidade de falar sobre um grupo caracterizado pela pluralidade.

Uma realidade que inicialmente me encantava pela simplicidade acabou por revelar um mundo de possibilidades e de relações bastante complexas, pois o trabalho dessas mulheres constitui um universo que está em sintonia com elementos de natureza social, política, cultural, ambiental e econômica.

Para alguns, mariscar pode parecer, à primeira vista, uma prática sem maiores elaborações, mas sob olhares mais atentos, se constitui num campo de relações, saberes, significados e interesses, que vêm sendo construídos ao longo da história e "guardados" na memória de um grupo de mulheres que não por acaso, aprendeu a se autodenominar marisqueiras.

Ao entrar em contato com esse grupo, percebi que a condição feminina fazia do trabalho realizado na lama do mangue de Fortim algo ainda mais peculiar e instigante. Assim, desenvolvi um interesse pela riqueza de detalhes da mariscagem, pela criatividade que "dribla" as adversidades cotidianas e pela importância que a atividade possui para a vida das comunidades ribeirinhas de Fortim.

Durante o decorrer de meus estudos, revelou-se um trabalho que está passando, sobretudo, por importantes mudanças, onde antigas e novas práticas se mesclam de acordo com os interesses políticos, sociais e econômicos, envolvendo o grupo de marisqueiras. Associado a isto, essas mulheres com habilidades e também com dificuldades seguem elaborando

¹ SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.14.

artimanhas de enfrentamento da invisibilidade e da desvalorização, visando novas conquistas e trilhando novos caminhos.

Há de se ressaltar que no contexto do trabalho das marisqueiras a natureza possui um lugar por excelência, pois ela se faz presente fortemente nas vidas e nas narrativas dessas mulheres. Tanto que, ao falarem sobre as experiências construídas desde a infância até a vida adulta, evocam lembranças sobre o mangue e o rio Jaguaribe, reminiscências essas indicadoras das relações elaboradas ao longo da história.

Atualmente, as marisqueiras estão buscando outras perspectivas para suas vidas e, apesar das dificuldades existentes, partem para a resolução de problemas cotidianos, na tentativa de mudança. A invisibilidade vivenciada no passado com relação à mariscagem está sendo quebrada aos poucos e, mesmo com todas as tensões inerentes aos processos de transformação que estão construindo, é possível afirmar que esse grupo tem projetado seu trabalho, possibilitando a resolução de problemas coletivos e sinalizando para a necessidade de valorização da mulher trabalhadora dos manguezais.

Questões como a organização do trabalho, o prazer e o orgulho que desenvolveram pela atividade, a relação com a natureza, as dificuldades enfrentadas pela conquista de novos espaços, as relações de gênero, a organização comunitária, a busca de parcerias, entre outras, são temas que se fazem presentes no capítulo dois, compondo um universo de experiências, narrativas e reflexões.

Trabalhar prioritariamente com narrativas foi o caminho escolhido para possibilitar um contato mais sintonizado com: o conhecimento que as marisqueiras possuem sobre o universo do manguezal; o significado das experiências de trabalho e de vida apreendidas de diferentes maneiras pelo grupo; e a história de luta que vem sendo construída ao longo do tempo.

Através da memória das marisqueiras, busquei compreender as permanências e transformações pelas quais passou o trabalho desenvolvido no mangue de Fortim.

A organização do trabalho, as novas possibilidades que apontam para a melhoria da qualidade de vida das famílias envolvidas com a mariscagem, e a percepção da importância do mangue são alguns dos elementos que compõem as narrativas e as memórias das mulheres do grupo.

2.1. A mariscagem assumindo valor

Aquilo que se viu e se conhece bem, aquilo que custou anos de aprendizado e que, afinal sustentou uma existência, passa (ou deveria passar) a outra geração como um valor.

Ecléa Bosi²

A pesca no mangue ou mariscagem é, segundo relatos das marisqueiras, uma prática desenvolvida pela população ribeirinha de Fortim há bastante tempo. Todas as mulheres entrevistadas referiram-se a seus pais, avós e aos moradores mais antigos das localidades do município como pessoas que exploravam o manguezal, enquanto alternativa de sobrevivência.

Há relatos de que já no passado as marisqueiras recorriam ao mangue para alimentar suas famílias, o que nos leva a crer que os mariscos faziam parte do sustento das comunidades ribeirinhas de Fortim, seja de maneira complementar ou enquanto principal produto.

“Quando eu comecei a pescar, eu era mocinha bem novinha mesmo! Não sei nem mais ou menos quantos anos. A gente ia pro mangue, tinha umas canoa grande acolá na frente, lá pela praia e a gente ia pra lá pegar siri, tirar ostra, caranguejo. Esse trabalho de sempre, que a gente tá continuando a fazer, né. Mas aí a gente pegava, de primeiro tinha muito né, às vezes à tarde a gente não tinha o que fazer, “vamos pro mangue comer ostra”, a gente ia sentava lá e tirava ostra, comia lá no mangue mesmo. Mas é um trabalho muito maravilhoso é um trabalho bom e ao mesmo tempo é um trabalho que tem muita dificuldade. Você sabe que o mangue é um canto que tem muita lama, muita ostra, muito arstim, às vezes a gente se corta né. Há muitos anos que eu trabalho com isso.” (Maria Helena – 53 anos, marisqueira, dez. de 2001).

O mangue surge nas narrativas como cenário das histórias e lembranças, fato indicador de importância e abrangência desse ambiente para as vidas das comunidades locais. *É antiga, sempre teve essa mulher pescadora, sempre! A gente vê aqui os mais velho contar.* (Gorete – 42 anos, marisqueira, jan. de 2002).

Sabe-se também que a mariscagem não era uma prática reconhecida como trabalho pelas próprias mulheres e comunidades ribeirinhas, tendo sido

² BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade, Lembranças de Velhos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987, p. 399.

inicialmente relacionada à subsistência, ao tempo livre e ao divertimento. Inclusive até hoje, como nos diz D. Maria Helena, esses elementos aparecem como componentes associados ao trabalho desenvolvido no manguezal.

Historicamente, trabalho, tempo livre e divertimento são elementos considerados totalmente dicotômicos. Afinal, o trabalho em geral é relacionado a uma remuneração e ao cumprimento de tarefas. Entretanto, com relação à mariscagem, temos uma manifestação que ao longo do tempo foi assumindo características bastante peculiares e que se contrapõem a estas definições. No caso das marisqueiras, pescar no manguezal para sobreviver e pescar para se divertir ou se distrair são situações que se mesclam como elementos de um mesmo contexto.

Por outro lado, as dificuldades também são ressaltadas, como fazendo parte da atividade desenvolvida. A lama e as ostras compõem um ambiente propício muitas vezes para acidentes, pois as conchas são muito afiadas e cortam com facilidade até mesmo aqueles que possuem habilidade para manuseá-las ou para desviar-se. Além disso, a lama também esconde os buracos do mangue.

“Eu tenho medo demais! Eu ia procurar aqueles cantos que não tivesse mais lama né, porque tem o canto que a lama mole e aquela mais durinha, às vezes a gente ficava de lama até aqui (aponta para a coxa) e nós ia continuar sem medo ou com medo, ia fazer por que os emprego era esse né, a vida nossa era isso, pra ir procurar o meio de vida. Meu marido não tinha esse negócio (refere-se ao trabalho do marido) e nesse tempo ele nem pescava porque não tinha ganho, não tinha nada, era só nós mesmo.” (Valdenora Rebouças – 62 anos, marisqueira, agos. de 2001).

O medo de se ferir nas ostras e de entrar no mundo do mangue, com seus galhos, seus sons e sua lama, torna o trabalho para algumas mulheres, ainda mais desafiador. As marisqueiras mais velhas sempre dizem que por não possuírem a mesma agilidade de antes sentem dificuldades para continuar na pesca. Passar horas mergulhadas na água e na lama ou subir nos galhos do mangue torna-se, com o tempo, algo difícil. É com saudade que elas relembram a época em que eram moças e podiam vencer os obstáculos que a natureza também oferece.

Quando D. Valdenora afirma *os emprego era esse né, a vida nossa era isso, pra ir procurar o meio de vida*, revela a realidade de comunidades com

poucas alternativas de trabalho, que basicamente viviam do uso dos recursos naturais. Sem situar mais claramente a que época está se referindo, D. Valdenora esclarece que a mariscagem era a alternativa que existia. Podemos considerar então que a categoria “emprego” representa o olhar retrospectivo que as marisqueiras têm sobre uma atividade que já no passado era um meio de sobrevivência. Segundo D. Valdenora, o sustento da casa foi garantido através dos mariscos, e não da pesca do peixe em alto-mar ou do comércio.

Para as marisqueiras, a categoria “trabalho” e a categoria “emprego” são a mesma coisa. Só que o trabalho hoje começa a ser mais relacionado à valorização, como podemos ver na narrativa de D. Valdenora, que se refere ao passado para validar as experiências vivenciadas. O termo emprego foi a maneira encontrada pelas marisqueiras para caracterizar o que faziam em tempos atrás. Aqui a memória surge com um elemento importante no processo de reconhecimento da mariscagem.

Algumas marisqueiras relatam que, em épocas de “pouco peixe”, chegaram a sustentar a casa exclusivamente com a pesca de mariscos.

“Cheguei em 58, acabei de criar meus filho aqui. Pra dá de comer pros meu filho tinha que ir pros mangue. Nesse tempo era isolado, não tinha comercio não. E nessas eras, eu sempre trabalhava nos mangue!” (Sebastiana –72 anos, marisqueira, abr. de 2003).

Dona Sebastiana fala que *nessas eras, eu sempre trabalhava nos mangue*, e situa o ano da seca de 1958 como marco de sua chegada na região, na qual vive até hoje. Mais uma vez, o rio e o mangue surgem como alternativas de vida diante da escassez do sertão. D. Sebastiana tem guardado na memória a fatura de um rio que se projetou em sua vida como cenário totalmente diferenciado do que deixou para trás. Além disso, quando ela diz *eu sempre trabalhava nos mangue*, parece também estar querendo afirmar os direitos que possui.

As pessoas que migraram para a região de Fortim, como no caso de D. Sebastiana, depararam com a necessidade de explorar o manguezal e foram aprendendo com os moradores do lugar, ou através da observação, a desenvolver práticas de utilização dos recursos naturais.

De acordo com as narrativas, a mariscagem assume uma conotação que vai além do aspecto da complementaridade da renda familiar e se projeta como uma atividade de suma importância para a sobrevivência de muitas famílias pobres da região. Inclusive, há relatos de marisqueiras que afirmam ser o marisco o principal alimento para suas famílias até os dias de hoje.

Essa realidade é objeto de preocupação por parte das mulheres que mariscam, à medida que elas percebem que a reprodução natural das ostras enfraqueceu, se comparada a outras épocas. Esta percepção do grupo possui uma importante relação com a construção de uma memória sobre a mariscagem. Existe a identificação de uma outra época, uma "época mítica de fartura". Isso revela a mudança de percepção que o grupo de marisqueiras tem elaborado. Os dias atuais parecem marcar uma nova compreensão da natureza como um recurso que não é inesgotável. Daí a preocupação atual do grupo com a redução dos estoques de mariscos.

Muitos fatores influenciaram os processos de redução desses estoques naturais dos moluscos bivalves, dentre eles, podem ser ressaltados: a exploração e ocupação indevida do mangue; a poluição das águas do rio Jaguaribe; o desmatamento das florestas de manguezais; a carcinicultura,³ a especulação imobiliária; a ausência de políticas de ordenamento da mariscagem; e a falta de fiscalização e punição adequadas.

Em meio a todos estes problemas, as marisqueiras possuem uma dinâmica de vida, de trabalho e de organização que as mantém, com maior ou menor intensidade, em contato com todas estas questões, pois as ações aferidas contra o manguezal afetam, mais cedo ou mais tarde, o ritmo de vida do grupo e das comunidades ribeirinhas.

As marisqueiras de Fortim são assim. Mulheres, como tantas outras, que se desdobram para dar conta do trabalho desenvolvido dentro e fora de casa, mas que estão, à sua maneira, mesmo com todas as dificuldades, tentando mudar o que algum tempo atrás, poderia parecer-lhes impossível - a conquista de direitos e de respeito enquanto mulheres trabalhadoras dos mangues.

³ A carcinicultura é uma atividade baseada na criação de camarão, em viveiros.

Nem elas mesmas achavam que as práticas que desenvolviam às margens do rio poderiam ser um dia, reconhecidas como trabalho, visto que a relação que possuíam com a natureza era algo que existia sob outras perspectivas de vida. Mesmo que sustentassem a casa com mariscos, a consciência sobre a mariscagem emergiu como um fenômeno das necessidades do presente. A memória que existe sobre essa problemática evidencia que a pesca no mangue é antiga, mas a consciência sobre ela, em termos de trabalho que precisa ser reconhecido, é algo bastante atual. Esse movimento aparece claramente nas narrativas e depoimentos dos entrevistados.

2. 2. Cotidiano e trabalho

Todo dia ela faz tudo sempre igual ...
Chico Buarque de Holanda⁴

Na perspectiva de compreender o universo de trabalho e de vida das marisqueiras é importante esclarecer que as práticas extrativistas desenvolvidas no manguezal permanecem até os dias atuais, porém, foram reduzidas quando teve início em Fortim o projeto dos criatórios de ostras. No presente item, primeiro será explorado o cotidiano de trabalho desenvolvido no manguezal, para facilitar o entendimento gradativo dos leitores sobre as permanências e transformações que vêm ocorrendo ao longo do tempo. Mais adiante, em um outro item, a discussão sobre as novas práticas e novos rumos que a mariscagem vem assumindo será aprofundada.

As marisqueiras começam o dia da mesma forma que muitas outras mulheres praieiras. De uma maneira geral, elas acordam cedo, varrem o terreiro, armazenam água e preparam o café da manhã para a família. Enquanto isso, os homens saem para o mar em busca de sustento.

As mulheres cuidam da limpeza da casa, dos animais que possuem e preparam o almoço antes de sair para o trabalho no mangue.⁵ Essa rotina “segue” o movimento das marés.

⁴ Trecho da música Cotidiano (1994) – Série Grandes Nomes, PolyGram.

⁵ Com as mudanças que vêm ocorrendo, as marisqueiras saem para trabalhar no mangue ou nos criatórios de ostras, experiência que foi situada no capítulo 1 e que será mais bem explorada no item 2.3 Novas práticas, novos rumos.

“... as marés influenciam. Quando as marés ficam grandes, com lua cheia são grandes e também os mariscos tem duas marés. Quando as marés são grande, os mariscos são mais gordo, quando as marés são pequenas que chamam até de maré morta que ela não é muito, ela enche muito, ela enche, mas não vaza muito, ela fica média, assim que ela já tá terminando de encher; ela já tá começando a vazar, ou aliás, quando ela tá terminando de ficar seca ela já tá começando enchendo, então porque chamam ela de maré morta. Nesse período as ostra estão magra, quando a maré cresce, fica a maré grande, que enche muito, que seca muito, ai diz que as ostras estão gorda.” (Maria de Aquino, 52 anos, marisqueira, dez. de 2001).

As marés influenciam o desenvolvimento das ostras⁶ e as marisqueiras sabem disso, assim como também compreendem a importância da lua sob o processo de crescimento desses moluscos. Este saber sobre a vida no mangue é algo que foi adquirido através da observação e de uma herança repassada de geração em geração, projetada nos ensinamentos dos mais velhos e reafirmada com a experiência diária da pesca. Uma memória sobre a mariscagem se faz presente significativamente nas narrativas das mulheres.

Estes aspectos do trabalho são indicadores da existência de permanências, o que leva a crer que a improvisação não é um elemento constituinte da prática da mariscagem, uma vez que as mulheres do mangue de Fortim desenvolvem essa atividade com base em vivências de seus antepassados.

A atividade prossegue sendo adaptada à observação e às necessidades dos novos tempos, mas com certeza há um saber acumulado que é expresso pelas vias da oralidade.

Sendo assim, até mesmo quando ocorre uma adaptação de práticas e artefatos antigos aos objetivos e necessidades dos dias atuais, uma memória sobre a mariscagem se reafirma.

As marés continuam “regendo” a vida das marisqueiras, que sabem e respeitam o ritmo da natureza, adaptando sua rotina diária à dinâmica das águas e à presença da lua. Essas mulheres estão sempre atentas aos sinais naturais e seguem observando a passagem do tempo, através dos ciclos que num movimento contínuo promovem a vida - nascimento, crescimento e morte.

⁶ Dentre os mariscos existentes no mangue, a ostra é o alimento mais apreciado pela maioria das marisqueiras.

Essa dinâmica da pesca no mangue, associada a todas as tarefas domésticas que as mulheres também desenvolvem, acarreta dificuldades que exigem das marisqueiras habilidade para que possam dar conta, de maneira satisfatória, de tudo que culturalmente lhes foi atribuído.

“É então, às vezes tem umas que sentem dificuldade, não tem com quem deixar os menino, não tem como fazer almoço, porque a marisqueira trabalha por maré, não é todo dia que ela diz “hoje eu vou pros mangue e fazer meu trabalho”, não é. Porque a mulher marisqueira tem que trabalhar com a maré. Tem que ter a maré pro peixe, pro siri, pra ostra, pro sururu, tudo tem que ter maré, a gente só trabalha por maré. Aí não pode ser todo dia vai aquela hora, porque não é assim.” (Gorete – 42 anos, marisqueira, jan. de 2002).

Quando Gorete diz: *tem que ter a maré pro peixe, pro siri, pra ostra, pro sururu, tudo tem que ter maré, a gente só trabalha por maré*, revela a riqueza e a diversidade de um conhecimento sobre a pesca de mariscos. Aguardar a maré específica para cada espécie é um aspecto do trabalho das marisqueiras que merece destaque. O ato de esperar e observar foram repassados, desenvolvidos e reapropriados entre elas, como elementos que constituem sua cultura e seu ritmo de trabalho.

Os “ciclos de trabalho” dessas mulheres estão ligados aos “ciclos da natureza”. Quando Gorete fala sobre as marés, relacionando-as e diferenciando-as de acordo com cada espécie, está afirmando um saber ancestral. Há ainda algumas manifestações naturais de transição entre essas marés que as marisqueiras conhecem como ninguém. Esse é um outro indício que reafirma a convivência com a natureza e com a memória sobre a mariscagem.

Vale ressaltar que essas mulheres saem de casa para trabalhar, deixando os filhos, ou até os levam consigo, por não terem com quem deixá-los. Circunstância comum a muitas mulheres trabalhadoras. Nesse sentido, o mangue se diferencia do mar por possibilitar uma proximidade com a família, garantindo, inclusive, o contato e a convivência das crianças com as práticas de trabalho e com a diversidade do ambiente. A transmissão do conhecimento sobre o universo do mangue começa desde cedo. As crianças vão aprendendo a conviver com a diversidade da fauna e flora locais, além das práticas

tradicionais da mariscagem. Muitos nativos ainda pequenos, diferenciam espécies, sons e peculiaridades dos mangues.

Quando as marisqueiras se dirigem ao manguezal, carregam consigo baldes, facas, tarrafa,⁷ jereré,⁸ garrafas d'água e usam suas roupas mais velhas para mergulhar nas águas salgadas do rio Jaguaribe. Os mariscos estão localizados do outro lado do mangue, onde a interferência e a presença humana é bem menor. Sendo assim, é necessário passar para a outra margem do rio, oposta às comunidades ribeirinhas de Fortim, utilizando uma embarcação.⁹

Ao atravessar o rio, as marisqueiras dividem-se em grupos, de maneira que umas ficam na margem catando búzios¹⁰ e sururus na areia, outras saem entrando no manguezal para coletar com facas as ostras que se fixam nas raízes da vegetação, e há ainda, as consideradas pelo próprio grupo como mais "danadas", que seguem mergulhando seus corpos na lama, igualando-se aos homens na ousadia e no saber sobre a pesca do caranguejo, pois esta é uma prática atribuída na maioria das vezes a eles, que são chamados de catadores de caranguejos.¹¹ As mais velhas se dedicam prioritariamente à coleta dos búzios, pois não precisam entrar no mangue, correndo o risco de se cortar nas afiadas ostras e nos galhos.

⁷ A tarrafa é uma rede curta com chumbo preso nas pontas, utilizada para pescar peixe e siri.

⁸ O jereré é um artefato arredondado que se assemelha a um "grande coador de café", utilizado também para pescar peixe e siri.

⁹ Em geral utilizam barcos de pesca ou paquetes (pequenas jangadas) para se deslocar.

¹⁰ Os búzios também são moluscos apreciados pelas marisqueiras e fazem parte do ecossistema do manguezal.

¹¹ Em Fortim, os homens não se autodenominam marisqueiros, preferem ser conhecidos como catadores de caranguejos. Nem mesmo depois da conquista da aposentadoria e de toda a projeção que o grupo de marisqueiras passou a ter, os homens que também trabalham no mangue procuraram se afirmar dessa forma. Talvez isso aconteça por eles não quererem ser associados ao movimento das mulheres, por não possuírem um grupo que reivindique esta posição e procure se organizar ou por não terem percebido que também possuem direitos e que esse tipo de trabalho pode passar a ser valorizado.



Foto 16 - Marisqueiras trabalhando.

“Nós trabalhava também tudinho assim. Tiram os búzios né, aí vai pras ostras com a maré seca, com a maré cheia não presta não, ela ta assim na raiz do mangue, precisa a gente subir assim na raiz, às vezes até escorrega. Agora quando a gente ta na idade é difícil...” (Valdenora Rebouças – 62 anos, marisqueira, agos. de 2001).

Essas mulheres permanecem em média de duas a quatro horas no mangue, voltando para casa, em geral, quando chega a tarde. E durante este tempo, as rodas de conversa acontecem concomitantemente à realização da mariscagem.

Mariscando, as mulheres trocam idéias, cantam e elaboram reflexões sobre seu dia-a-dia. Falam sobre os homens, os filhos e sobre seus desejos. Atualizam-se em relação aos últimos acontecimentos da comunidade e também falam a respeito dos fatos que aconteceram em comunidades vizinhas e até mesmo em outros lugares do Brasil e do mundo. Às vezes, brigam também. Expõem suas diferenças e opiniões sobre os processos de organização que estão construindo, a partir das experiências que possuem. Chegam, inclusive, como já foi dito antes, a eleger aquelas que são mais “espertas” e “danadas” durante a pescaria.

O mangue sob a presença das marisqueiras torna-se, entre outras coisas, um campo de trabalho, lazer e disputa. As mulheres atribuem significados à natureza, que é tão complexa quanto o próprio grupo. O manguezal para elas não é a mesma coisa que o manguezal para outras

peças, pois as experiências de trabalho e de vida que as mulheres constroem no dia-a-dia são expressão de histórias muito próprias.

Histórias simples e ao mesmo tempo complexas, repletas de significados. O cenário é o manguezal e os sentimentos vivenciados por essas mulheres possuem conotações muito "íntimas", construídas através de olhares, sensações e de vivências diferenciadas.

Enquanto as marisqueiras estiverem trabalhando no mangue, há muito que contar, pois a presença do grupo contribui para uma mudança da percepção deste universo de lama, águas, fauna e flora que possui uma dinâmica própria, acrescida pelas experiências humanas. Certamente, são os sentidos que as marisqueiras atribuem ao mangue que o tornam tão belo ¹² a seus olhos!

Vale lembrar que a beleza de que falo não é senso comum, pois muitos consideram o mangue um lugar feio, indigno, sujo, fétido, repleto de seres estranhos e disformes. Entretanto, esse universo de lama e de sombras tem sido o lugar de trabalho e de vida das marisqueiras.

Uma vez estando inseridas no ambiente do manguezal, compartilhando seus conhecimentos e sentimentos sobre a mariscagem e sobre a vida, as mulheres desenvolvem um olhar hábil em captar a beleza, o potencial, a dinâmica, por vezes os problemas e o valor que este ecossistema possui. Claro que tudo isso não acontece de uma hora para outra, mas processualmente e ao longo do tempo. A memória da mariscagem aliada aos vários problemas que vivenciam as marisqueiras no cotidiano e as relações que constroem com os técnicos parceiros de ONG's e da universidade, influenciaram mudanças e novas percepções sobre as suas atividades.

É interessante destacar que, mesmo havendo pontos em comum no discurso das marisqueiras, cada uma delas sente e faz uma leitura sobre o mangue de acordo com a sua história de vida. Isso ficou claro quando entrevistei mulheres que possuíam crenças, hábitos, valores e atuações no grupo de trabalho, bastante distintos.

É possível afirmar que a organização que elas possuem, o próprio trabalho, o contexto social, político e econômico, as transformações culturais,

¹² Cf. a discussão sobre o bonito e o belo no capítulo 1, páginas 58 e 59.

as parcerias conquistadas, entre outros aspectos, tudo isso foi ao longo do tempo contribuindo para o surgimento de novas maneiras de compreender e de interagir com o mangue, bem como de criar outras formas de organização.

Ainda sobre o cotidiano das marisqueiras, ao retornarem a suas residências, envolvem-se novamente com os afazeres domésticos, adentrando num outro universo de trabalho e de tarefas a cumprir. Pode-se dizer que os cuidados com a casa, com os filhos e, muitas vezes, também com pessoas mais velhas (parentes ou não) continuam sendo de responsabilidade das mulheres. Alguns homens até ajudam, mas dificilmente “dividem” estas tarefas com elas.

“Eu tenho tanto, assim tanta coisa, tanta carga em cima de mim. Olha, eu cuido da minha mãe, do meu irmão que são tudo doente. Mas Deus me dá força. Cuido de casa, de marido, de filho, do criatório, cuido dos meus pais que é doente. Tudo pra mim me dá força e eu tenho a energia das ostras que eu como...” (Rivanda - 38 anos, marisqueira, abr. de 2002).

Assim como Rivanda, as marisqueiras possuem uma “carga” de trabalho que as consome bastante. Já que elas foram criadas assumindo desde cedo muitas responsabilidades, seguem dando conta do trabalho de casa, da mariscagem no mangue e do trabalho nos criatórios de ostras.

Quando Rivanda diz *eu tenho a energia das ostras que eu como*, parece se beneficiar dos nutrientes e da força da natureza, que está presente nas ostras e no manguezal, para conseguir desenvolver todas as tarefas diárias e, ao mesmo tempo, ela está realizando uma leitura sobre a natureza que, muito provavelmente, irá compartilhar com outras mulheres ou pessoas de sua comunidade. Esses processos de comunicação e de elaboração são importantes e podem vir a influenciar as mudanças com relação ao uso dos recursos naturais. Afinal, se é atribuído um valor à natureza, com certeza há um caminho aberto para o desenvolvimento de ações que apontem para sua conservação.

As relações históricas e culturais de trabalho construídas pelas marisqueiras revelam subjetividades que possibilitam diversos caminhos de interpretação sobre o assunto. As percepções que as marisqueiras possuem sobre a natureza, a comunicação e as trocas que mantêm no cotidiano de trabalho reafirmam significados importantes e estratégias de sobrevivência.

Sobre a questão das mentalidades e subjetividades, Elizabeth Souza Lobo, amparada em R. Johnson, contribui afirmando que:

“Não existem áreas da vida social separadas institucionalmente, nas quais as formas de consciência se constituem: ‘mentalidades e subjetividades se formam e se expressam em cada esfera da existência’ (Johnson, 1979) – inclusive no trabalho...”¹³

Em relação ao litoral, as mulheres desenvolveram habilidades por serem ligadas cultural e socialmente à terra e ao mangue, enquanto os homens são (na maioria das vezes) ligados ao mar. Dessa forma, mulheres e homens, que nasceram e foram criados para conviver com esses dois ambientes complementares e opostos ao mesmo tempo, elaboraram formas de convivência e de enfrentamento dos problemas que fazem a *diferença* ao analisarmos este cenário.

Dois mundos, mar e mangue; dois universos, mulheres e homens. Uma curiosa complementaridade pode ser observada aqui. O mar precisa do mangue para garantir a vida de seus ecossistemas, pois o mangue proporciona alimento e abrigo para muitas espécies se reproduzirem e se desenvolverem. De forma semelhante, mulheres e homens não podem ser considerados isoladamente, sem que se tenha o cuidado de perceber as diferenças e as articulações que se manifestam na vida, no cotidiano, no trabalho, nas histórias de ambos.

Ao mar foram associados historicamente significados que enaltecem aqueles que em suas águas navegam, como: coragem, destreza, sabedoria e força. Atributos estes que, com o transcorrer do tempo, passaram a ser relacionados ao universo masculino.

“A vida, percebida como uma travessia, um itinerário semeado de escolhos, desenrola-se em meio a um mundo instável como o mar, domínio da vaidade e do impalpável, em cujo interior os seres queridos e as coisas são arrastados num espaço móvel sem *invólucro petrificado*.”¹⁴

¹³ COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina (org). *Uma questão de gênero*. LOBO, Elizabeth, Souza. “O trabalho como linguagem: o gênero do trabalho”. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos / São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, p - 261.

¹⁴ CORBIN, Alain. *O Território do Vazio. A praia e o imaginário ocidental*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.18.

A vida como travessia, a que se refere Alan Corbin, dignifica aqueles que se lançam sob o mundo instável do mar! *Domínio da vaidade e do impalpável*, pois os que se arvoram passam a viver sob o signo da coragem e da destreza, mesmo sendo arrastados cotidianamente pela imensidão, incerteza e distância da terra e dos entes queridos.

Se por um lado, a pesca é desafio, por outro, também é necessidade e humildade. Como é possível perceber, o pescador transita entre tantas dimensões que ora o enaltecem, ora o desvalorizam.

No que concerne ao mangue, foram associados pelo senso-comum significados menos nobres que ressaltam fundamentalmente o medo, o movediço, o sujo, o impuro, o sombrio, o sem-valor. Raramente, sob esta perspectiva é atribuído ao manguezal algum adjetivo enaltecido e não por acaso foram as mulheres marisqueiras que construíram seu trabalho e suas vidas nesse ambiente.

Quando tratamos de litoral, não é exagero dizer que o universo masculino se sobrepõe ao universo feminino. Pouco se tem conhecimento sobre as mulheres que vivem nas comunidades ribeirinhas e litorâneas, a não ser pelo artesanato que algumas produzem, como o labirinto e a renda, ou pela liderança e inserção que possuem no trabalho comunitário. A figura do pescador ou jangadeiro é um dos símbolos associados ao Ceará, mas a figura da mulher "praieira" continua com pouca expressividade.

O trabalho das marisqueiras é uma experiência importante não só para as comunidades ribeirinhas de Fortim, mas também para o restante do litoral cearense, visto que essas mulheres estão assumindo a postura de gerenciar novas perspectivas para suas vidas, através do uso adequado e responsável dos recursos naturais. Conseqüentemente, a conservação da biodiversidade do manguezal possui uma ressonância positiva para a vida marinha, da qual dependem milhares de famílias de pescadores.

Por outro lado, a permanência das populações ribeirinhas em suas comunidades está relacionada ao direito que possuem sobre a terra que vêm ocupando, ao longo da história do litoral cearense.

Quanto maior for a disponibilidade e a consciência sobre a necessidade da utilização dos recursos naturais de maneira responsável, maior será o "respaldo" das comunidades para defenderem o direito que possuem de

permanecer em terras, muitas vezes, ameaçadas por grandes empreendedores, que afirmam serem os verdadeiros donos das mesmas.

Além destes aspectos, Diegues acrescenta como sendo essencial a contribuição que as comunidades tradicionais podem proporcionar, no que diz respeito à construção de outras relações com a natureza.

“... a permanência das populações tradicionais em áreas naturais protegidas não se justifica somente pela proteção e pelo reconhecimento da grande bagagem de etnoconhecimento transmitido de geração em geração a respeito das condições naturais, pela necessidade de garantir seus direitos históricos a seu território, mas também como exemplos a serem seguidos pela civilização urbano-industrial na redefinição necessária de suas relações atuais com a natureza.”¹⁵

Como podemos ver, muitas questões estão em jogo, e a experiência de trabalho das marisqueiras representa uma ação concreta de luta e de incentivo a uma consciência sobre a necessidade de conservação dos recursos naturais e, fundamentalmente, de exercício de cidadania.

A vivência histórica que as marisqueiras possuem de trabalho no manguezal, aliada à recente experiência desenvolvida nos criatórios de ostras, significa, dentre outras coisas, a integração de um conhecimento sobre a mariscagem sob novas possibilidades de gerenciamento, conquistas de outros espaços, crescimento de uma consciência pautada na negação da destruição e na afirmação do uso sustentável¹⁶ dos recursos naturais.

2.2.1. Trabalho, sexualidade e violência

... violência física e violência simbólica, esta última também se fazendo sentir no corpo das mulheres, revelando faces da mesma moeda, armas voltadas para impedir o pleno crescimento dos sujeitos sociais ...

Rachel Soihet¹⁷

¹⁵ DIEGUES, Antonio Carlos. *Povos e Mares*. São Paulo: Editado pelo Núcleo de apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras- USP, 1995, pp. 72-73.

¹⁶ A problemática do uso sustentável dos recursos naturais será mais trabalhada no capítulo três.

¹⁷ SOIHET, Rachel. *Projeto História*. In: O corpo feminino como lugar de violência. *Corpo e cultura*. (25). São Paulo, 2002, p. 287.

Sobre mulheres e homens e, conseqüentemente, sobre as relações humanas, há muito que tentar compreender. Para mim, foi se tornando impossível falar de trabalho feminino desenvolvido no manguezal, sem levar em consideração aspectos que o perpassam, como: a *violência* e a *sexualidade*.

O problema da violência emergiu fortemente durante a pesquisa de campo, em meio às conversas que tive com o grupo de marisqueiras, o que me forneceu indícios para acreditar que este seria um importante elemento constituinte do universo de trabalho das mulheres do mangue.

A violência é algo que interfere concretamente na vida das marisqueiras, chegando a limitar suas atuações enquanto trabalhadoras. E mais, acredito que esta reflexão abre possibilidades para a emergência de elementos que podem auxiliar na compreensão das ambigüidades presentes no grupo.

Debaixo da sombra do manguezal, as mulheres me contaram como tiveram que enfrentar a vida desde cedo, chegando a passar, não raras às vezes, por situações de violência física e simbólica.

“A violência, porém, não se resume a atos de agressão física, decorrente igualmente de uma normatização na cultura, da discriminação e da submissão feminina. As teorias construídas e instauradas por homens, estabelecendo um duplo discurso, do homem sobre o homem e do homem sobre a mulher, restritivas da liberdade e da autonomia feminina, que convertem uma relação de diferença numa hierarquia de desigualdade, configuram uma forma de violência e, nesse caso, insere-se também a violência simbólica. Importa ressaltar que, o fato de se reconhecer nesse particular a incidência da violência simbólica sobre as mulheres – o que supõe a adesão dos dominados às categorias que embasam sua dominação – ajuda a compreender como a relação de dominação, que é uma relação histórica, cultural e lingüisticamente construída é sempre afirmada como uma diferença de ordem natural, radical, irreduzível, universal.”¹⁸

A violência, *como forma de controle e de resolução negativa de conflitos* também é uma manifestação que acontece no litoral cearense. Infelizmente, não tive conhecimento da existência de dados quantitativos organizados e analisados sobre o assunto. Entretanto, o convívio com as comunidades litorâneas me possibilitou realizar reflexões baseadas em seis anos de trabalho

¹⁸ Id. *ibidem*, p. 279.

desenvolvidos no litoral, quando não foram poucos os contatos com relatos sobre o problema da violência doméstica.¹⁹

A violência simbólica, de que fala Rachel Soihet, é um elemento importante, pois é *restritiva da liberdade e da autonomia feminina*, não podendo então ser ignorada ou até mesmo vista como algo "natural". Em meio a tudo isso, a *adesão dos dominados à dominação* sem dúvida é algo igualmente complexo.

Especificamente sobre Fortim, algumas marisqueiras falam com desembaraço sobre situações que já vivenciaram, outras deixam escapar muito timidamente que sofrem violência, pelo medo que sentem em passar dos "limites" impostos pelos maridos. Chegar tarde em casa ou não cumprir com os afazeres domésticos, podem tornar-se motivos para agressões verbais e/ou físicas. Inclusive, nenhuma das mulheres que entrevistei autorizou o uso do gravador quando relatavam estas situações.

Por mais que também hajam casos de violência afeitos por mulheres com relação aos homens, ou por mulheres com relação a outras mulheres, o fato é que ainda são as mulheres que mais sofrem agressões no litoral.

A banalização e naturalização da violência são questões que precisam ser mais observadas. Talvez o crescente processo de *urbanização das áreas litorâneas* influencie essa manifestação, ou até mesmo o poder atribuído aos homens nas sociedades tradicionais. Na verdade, as causas podem ser sociais, políticas, econômicas e culturais.

De certo que a violência não é um fenômeno contemporâneo, entretanto, vale lembrar que as discussões sobre os direitos humanos também têm transcorrido pelo tempo, mesmo com todas as controvérsias e dificuldades existentes nos processos de construção de uma consciência sobre o assunto. Cada vez mais, faz-se urgente e necessário colocar em questão esta

¹⁹ A violência doméstica é aquela afeita por pessoas de convívio muito próximo como familiares e amigos. Ao contrário do que muitos possam pensar, esse tipo de violência não está relacionado exclusivamente ao local onde ocorre. É considerada violência doméstica todo e qualquer ato de agressão realizado por pessoas de convívio comum, mesmo que não ocorra no espaço doméstico. A dependência emocional e econômica são fatores que agravam o problema.

problemática, já que o que está em jogo, entre outras coisas, é o *pleno crescimento dos sujeitos sociais*.²⁰

As marisqueiras vivenciam a violência, como milhares de mulheres no Brasil. A busca de mais autonomia e trabalho, dentre outros aspectos, tem favorecido a vivência de conflitos com companheiros e com pessoas de suas comunidades, por tal busca significar uma necessidade de “ajustes” ou de mudanças de comportamento, que acabam contribuindo para o surgimento de novas formas de agir e de pensar.

As Lideranças comunitárias, apesar de também sofrerem esse tipo de problema, ainda não sinalizam para a efetivação de ações coletivas que apontem saídas para impasses desta natureza.

Parece-me que há um pensamento generalizado, que pode ser traduzido através do ditado popular que afirma: “em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”. E muitos preferem, como já ouvi dizer em Fortim, “não se meter na vida dos outros”. No entanto, o problema da violência doméstica é também social.

Sair de uma situação de violência quebrando com o ciclo desencadeado é algo complexo e difícil, tanto para as marisqueiras como para outras mulheres, independente de classes sociais, crenças, valores ou etnia a que pertençam. Há questões subjetivas e objetivas que se mesclam, caracterizando um quadro que só irá se desfazer, muitas vezes, com o auxílio e apoio externo.

As conseqüências de situações de violência, vivenciadas pelas marisqueiras, têm sido motivo de discussões em meio ao grupo. Quando elas estão reunidas, às vezes tecem comentários sobre aquelas que passam por esse tipo de problema. Então, uma grande carga valorativa perpassa o discurso das mulheres. Algumas colocam que “não sabem como fulana agüenta”, outras já demonstram ser solidárias, pois passam pelas mesmas aflições e preferem não julgar.

Há marisqueiras que conseguem identificar não apenas a violência física, mas também a violência de gênero.²¹ Isso pra mim ficou claro quando D.

²⁰ SOIHET, Rachel. *Projeto História*. In: O corpo feminino como lugar de violência. *Corpo e cultura*. (25). São Paulo, 2002.

²¹ Entende-se aqui por violência de gênero qualquer ato que resulte em dano físico ou emocional, causado pelo abuso de poder de uma pessoa sobre a outra, baseado nas desigualdades.

Maria Helena durante uma entrevista, relatou que *desde que o mundo é mundo que os homens querem sempre ter o poder sobre as mulheres...* (Maria Helena, marisqueira, 53 anos, dez. de 2001).

Mesmo identificando manifestações de poder, elas ainda não conseguem sinalizar soluções coletivas para o problema. E as soluções individuais, em geral, se dão quando as mulheres já não agüentam mais e acabam saindo de casa, às vezes levando os filhos ou não. Todavia, o problema permanece, pois dificilmente se libertam por completo do que deixaram para trás.

Muitas tentam criar mecanismos para burlar a violência doméstica, na tentativa de não desfazerem o núcleo familiar, mas, na maioria das vezes, os problemas se acumulam e chegam a comprometer a saúde física e o equilíbrio emocional dos envolvidos.

De acordo com informações obtidas através do grupo de marisqueiras, a situação se agrava quando a pesca em alto-mar está ruim. A falta de trabalho e o alcoolismo são indicados pelas próprias mulheres como elementos que contribuem para o aumento da violência.

Talvez um dos grandes desafios futuros para as marisqueiras seja justamente o cuidado que precisam ter com este tipo de problema, para continuar conquistando seus espaços. Afinal, os desejos de valorização e de reconhecimento enquanto mulheres trabalhadoras, também passam pela efetivação da *integridade* e pelo *respeito* enquanto pessoas e cidadãs.

Como podemos ver, a luta pelo reconhecimento da mariscagem acaba lançando novos impasses e possibilidades para o grupo. O trabalho das marisqueiras está relacionado também às questões de caráter comportamental, subjetivo e psicológico. Na verdade, mais uma vez, vários elementos perpassam a problemática. Afinal, a condição humana deve ser considerada em toda e qualquer análise sobre a mariscagem. Por isso mesmo, o trabalho desenvolvido no manguezal não pode ser compreendido como um fenômeno dissociado da diversidade de relações que são construídas no cotidiano por mulheres e homens.

Em meio a tudo isso, o mais interessante é perceber que os passos que as marisqueiras dão rumo às melhorias para suas vidas e de seus familiares as fazem deparar com suas próprias limitações e potencialidades.

Para as lideranças e para o grupo de mulheres do mangue, um verdadeiro exercício de reflexão sobre suas condições enquanto mulheres, trabalhadoras e cidadãs projeta-se a cada momento de enfrentamento das dificuldades vivenciadas, cabendo a todas saber seguir adiante e também saber recuar, quando lhes parecer mais prudente.

Outro aspecto que me chamou bastante a atenção durante o desenvolvimento do estudo sobre o trabalho das marisqueiras compreendeu a *sexualidade*.

Sempre que o grupo está reunido, um dos principais assuntos das rodas de conversas refere-se às relações sexuais que têm com os namorados ou companheiros. Gostam de conversar sobre as artimanhas da intimidade e a respeito de como procuram se satisfazer e, ao mesmo tempo, agradar seus parceiros. Comentam detalhes e trocam experiências (in)satisfatórias. Falam também das ervas e alimentos afrodisíacos que são utilizados como artifício para a obtenção de mais prazer. A própria ostra é identificada como um dos mais poderosos estimulantes do desejo sexual.

Estão as mulheres sempre brincando e, de vez em quando, acabam trazendo à tona questões e situações relativas à sexualidade. Sexo, ciúme, infidelidade, paixão, sedução, feminilidade, masculinidade, homossexualidade são temas presentes com constância nos diálogos do grupo realizados durante as rodas de trabalho.

A educação tradicional da maioria das marisqueiras não é um fator que as impede de também terem comportamentos tidos como "imorais" para mulheres, segundo o que elas mesmas dizem.

Não são poucos os casos comentados pelas pessoas das comunidades de Fortim, como por exemplo, as viúvas que cedo se casam novamente ou as mulheres que se envolvem com parentes do marido. As solteiras também são alvo de observação e juízo de valor. Talvez, pela proximidade entre as famílias que vivem em pequenas localidades, não há muito o que justificar, pesar ou considerar, quando elas querem realmente mudar suas vidas e agir "transgredindo" a moral estabelecida. Isso me leva a crer que os comportamentos tidos como "imorais" possuem fronteiras muito tênues para as marisqueiras, assim como deve acontecer também com outras mulheres de Fortim.

Apesar da forte presença da Igreja Católica e de grupos religiosos como os evangélicos da Assembléia de Deus, que condenam tais comportamentos, as marisqueiras parecem ser regidas por suas próprias consciências e desejos.

O mangue talvez seja um dos poucos lugares de socialização dessas idéias e sentimentos. Mesmo quando estão trabalhando no ritmo das marés, encontram espaço para expressar opiniões. O trabalho que elas desenvolvem possibilita concretamente trocas que aliam suas habilidades enquanto marisqueiras a uma socialização de pensamentos e de sentimentos.

Foi a convivência com o grupo que me fez perceber o quanto este necessitava de informações e de discussões sobre os direitos sexuais, o uso de métodos anti-concepcionais, a prevenção de IST – Infecções Sexualmente Transmissíveis, para ampliar ainda mais o cenário de conquistas que vem sendo construídas ao longo da história.

Acredito que num futuro, talvez não muito distante, sejam realizadas ações que priorizem a perspectiva da promoção da saúde sexual.

Tabus e preconceitos relativos à sexualidade também são limitantes de uma atuação promotora da cidadania e a falta de discussão sobre estas questões, acabam fazendo com que as marisqueiras esbarrem em problemas graves como, por exemplo, a vulnerabilidade diante das IST, inclusive a AIDS.

Como é possível perceber, mais uma vez a problemática do trabalho está inter-relacionada com outras dimensões, como meio ambiente, gênero, violência, sexualidade e saúde. Na verdade, já que as marisqueiras estão lutando por conquistas trabalhistas, enfrentando a invisibilidade do passado e a desvalorização enquanto mulheres e trabalhadoras, novas demandas vão surgindo durante os processos desencadeados de exercício da cidadania. A meu ver, esse cenário é bastante positivo, pois projeta ao grupo novas possibilidades de atuação e de crescimento. Sem falar que no contexto do litoral, pouco se despertou para a necessidade de se avançar com relação aos direitos sexuais que, quando garantidos, favorecem, dentre outras coisas: atenção e proteção à saúde; acesso aos benefícios do progresso científico; liberdade de pensamento e de expressão; privacidade; decisão sobre o número de filhos e quando tê-los; segurança pessoal; acesso à educação e a informação; livre opção pelo casamento.

Todas estas questões de uma maneira ou de outra já surgiram no cotidiano das marisqueiras e estão semeadas em meio ao grupo que começa a se aperceber dos empecilhos existentes, como é o caso da violência, que lhes limita a atuação, tornando suas vidas mais difíceis e tumultuadas.

Mas o que fazer concretamente se os preconceitos e tabus em torno da problemática da sexualidade e da saúde sexual parecem estar culturalmente tão constituídos que qualquer avanço, torna-se, à primeira vista, muito difícil?

As marisqueiras já se aperceberam que os parceiros das ONG's são importantes aliados em meio aos processos de conquista, além do fato de que elas vêm demonstrando, através de suas ações, que a própria cultura é mutável e que as necessidades irão determinar os desafios e os avanços futuros. O exemplo do engajamento do grupo nos projetos dos criatórios de ostras é um indício de desejo com relação ao "novo" e de possibilidade de mudança.

Diante de tudo o que foi colocado, é importante não perder de vista a necessidade de cobrança do Poder Público, que deve ser um agente promotor do bem-estar e de relações mais justas e igualitárias entre mulheres e homens. As marisqueiras estão se tornando propositivas, mas, ao mesmo tempo, elas não podem perder de vista este constante desafio.

2. 3. Novas práticas, novos rumos

Há sempre desejos que não são satisfeitos pela cultura. E esses desejos reprimidos tornam-se o que há de imortal em todos nós. É isso que mantém o processo histórico. A história não é forjada pela destreza da razão, mas pela astúcia do desejo.

Rose Marie Muraro e Leonardo Boff.²²

²² MURARO, Rose Marie & BOFF, Leonardo. *Feminino e Masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.



Foto 17 - Criatórios de Ostras.

O trabalho das marisqueiras passou por mudanças, nas quais se mesclaram ao longo do tempo, antigas e novas práticas. Diante disso, o projeto dos criatórios de ostras significa um apoio importante que contribui para o fortalecimento do movimento de reconhecimento e valorização do trabalho das marisqueiras.

Os criatórios de ostras, incentivados pelo GEMB,²³ marcam um novo momento histórico que está sendo vivenciado pelo grupo de marisqueiras, pois alteraram uma dinâmica que antes funcionava de maneira totalmente extrativista, possibilitando o surgimento de uma atividade regida por algumas técnicas que visam o acompanhamento do desenvolvimento das ostras e sua comercialização.

A chegada do grupo técnico do GEMB, ligado ao LABOMAR (Laboratório de Ciências do Mar da UFC) deu-se no ano de 1999, quando foi feita uma análise de Fortim, visando a detectar o potencial natural da área para a criação de ostras e também a existência de um grupo organizado capaz de dar suporte a experiência.²⁴

²³ GEMB – Grupo de Estudos de Moluscos Bivalves, ligado a Universidade Federal do Ceará.

²⁴ NETO, Maximiano Pinheiro Dantas. *A Ostreicultura como Atividade Sustentável em Fortim, Ceará*. Dissertação de Mestrado em Meio Ambiente pela Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2001.

igualitária das tarefas. Já que havia várias comunidades envolvidas²⁵ com o trabalho, como Pontal de Maceió, Canto da Barra, Viçosa e Fortim-sede, sentiu-se a necessidade da formação de grupos para facilitar o trabalho com o crescimento das ostras.²⁶ Inicialmente dois criatórios foram montados nas margens do Canto da Barra e de Viçosa, por terem sido avaliadas como aquelas comunidades que mais se adequavam às necessidades do projeto. Os criatórios não puderam ser implantados em outras comunidades de Fortim, por motivos físicos. No caso da Viçosa, comunidade de Francinete, com o tempo os pesquisadores concluíram que as condições da águas do rio nesta área não são propícias para o cultivo de ostras, já que a distância em relação ao mar as tornam mais doces, acarretando a mortandade da espécie. Esta escolha obrigou as marisqueiras de outras comunidades, como Pontal de Maceió e Fortim-sede a se deslocarem para as duas localidades já mencionadas, visando ao engajamento no trabalho.

Depois de uma nova avaliação do GEMB e das marisqueiras, o número de criatórios de ostras foi reduzido para um. Todas as mesas que faziam parte do criatório de Viçosa foram então transferidas para o Canto da Barra, por ser esta a comunidade que possuía, de acordo com uma nova avaliação realizada, as melhores condições físicas e ambientais, propícias para a continuidade da experiência. Aspectos de caráter organizacional também pesaram nesta decisão, tais como: a disponibilidade de D. Maria de Aquino, que mora no Canto da Barra, em estar sempre observando os criatórios em horários diversificados, para evitar furtos ou até mesmo avisar o restante do grupo caso ocorresse qualquer outro problema.

²⁵ Cf. Mapa da localização das comunidades de Fortim no Cap. 1, pág. 34.

²⁶ Um aspecto interessante relativo à organização do trabalho desenvolvido nos criatórios é que cada comunidade é responsável por uma mesa, a qual contém monoblocos onde são armazenadas as ostras. Esse tipo de estruturação propicia uma visão clara sobre a dedicação das comunidades ao trabalho, pois a aparência das mesas e os resultados conseguidos vão variar justamente de acordo com o esforço despendido pelos diferentes grupos formados.



Mapa 2 – Localização dos criatórios de ostras.²⁷

Organizadas em grupos, de acordo com suas comunidades, as marisqueiras montaram um esquema de revezamento para realizar o acompanhamento semanalmente dos criatórios.

“... a luta é grande nesse trabalho de ostra! Depende do horário da maré, se for pela manhã, a gente sai de sete hora, chega de onze hora do dia. Aí tem que tirar monobloco, tirar os aritim das ostra, há servicinho difícil, medonho! Acabar, amarrar tudo de novo naquelas mesa. É uma vida muito dura...” (Francinete, 40 anos, marisqueira, out. 2001)

Dona Francinete traduz bem, em sua fala, a dureza que enfrentam as marisqueiras ao acompanhar o desenvolvimento das ostras nos criatórios.

Ao chegarem ao local onde estão as estruturas ou mesas, as marisqueiras entram na água, desamarram os caixotes e outros tipos de

armações e iniciam um trabalho minucioso de separação das ostras maiores das menores e de limpeza das mesmas.

Com relação à separação das ostras nos monoblocos, é importante que não estejam amontoadas, pois isto dificulta o crescimento, daí o fato de as caixas possuírem telas por dentro, que as separam em duas camadas, destinando espaços diferentes para as pequenas, médias e grandes.

A limpeza é necessária para a retirada de parasitas e predadores naturais que se fixam nas ostras, assim como também para a redução da competição com outras espécies, como no caso do aritim.²⁸ No início, pensava-se até que a limpeza auxiliaria o crescimento dos moluscos, mas com o tempo as próprias marisqueiras, juntamente com os técnicos do projeto, observaram que quanto menos as ostras fossem mexidas, maior era o crescimento. O fato mudou a dinâmica de trabalho, que antes estava estruturada em três visitas aos criatórios por semana, passando a contemplar uma intervenção para limpeza, contagem e separação das sementes e outra apenas para amarração dos monoblocos nas mesas e inspeção. Aqui é possível perceber claramente a diferença do trabalho realizado no manguezal para o realizado nos criatórios, pois este último necessita do acompanhamento das ostras, ou seja, as marisqueiras “cultivam” os moluscos bivalves; já no mangue a natureza se “encarrega” desse serviço.

É interessante observar que o trabalho nos criatórios também passa por mudanças à medida que são necessárias novas adequações para a garantia de uma produção mais rápida e de boa qualidade. Em geral, as ostras levam nove meses para atingir um tamanho comercial. Por isso ocorre uma estruturação dos criatórios, para que haja espaço para o desenvolvimento de uma produção contínua. Vale ressaltar que, quando as mulheres se juntam para cuidar das ostras dos criatórios, realizam também suas rodas de conversas, como fazem quando vão ao manguezal, do outro lado da margem do rio. Todavia, uma das diferenciações consiste na ausência da competição entre as mais e menos “danadas” na pescaria, pois afinal a dinâmica do trabalho é outra. A exigência nos criatórios se faz com relação à assiduidade

²⁷ Mapa compilado a partir de Carta Náutica Digital N° 700 – Diretoria de Hidrografia e Navegação da Marinha de Guerra do Brasil.

²⁸ Crustáceo que compete com as ostras por alimento.

do grupo, pois os horários são observados e controlados pelas líderes escolhidas pelas comunidades.²⁹

Manifesta-se então um ritmo que tenciona a convivência entre as marisqueiras, pois estas precisam se preocupar com uma série de questões que anteriormente não faziam parte do universo da mariscagem, como: o comparecimento assíduo ao trabalho; a organização dos dias e dos horários; os cuidados com a segurança das ostras, tanto com relação aos predadores naturais, como com relação à possibilidade de eventuais roubos, pois as estruturas estão situadas às margens dos rios, à mercê de quem passa por ali; e, finalmente, a comercialização da produção.

Outro aspecto que necessita ser destacado consiste no esforço organizacional por parte das marisqueiras, quanto à divisão dos recursos adquiridos através da venda das ostras. Em reunião elas decidiram que as encomendas seriam divididas entre os grupos de trabalho, para ensejar oportunidades iguais a todas as mulheres, e que uma parte do dinheiro iria para uma "conta comunitária". Os objetivos principais dessa iniciativa foram propiciar um suporte para o trabalho de organização das marisqueiras e prestar auxílio a pessoas do grupo que estivessem passando por situações de dificuldade financeira.

É interessante perceber como uma preocupação com a coletividade, tão característica de pequenas comunidades, faz-se presente nos momentos críticos de decisão.³⁰ O papel das lideranças nestes instantes é fundamental

²⁹ Como já foi mencionado anteriormente, para facilitar os processos de comunicação e de desenvolvimento do trabalho, os técnicos do projeto propuseram que cada comunidade escolhesse uma líder para servir de "ponte" entre o grupo das marisqueiras e o GEMB. E assim aconteceu. De acordo com o que pude observar, a líder em geral é aquela pessoa escolhida pelo grupo por se destacar, por possuir iniciativa e, fundamentalmente, por ter disposição para assumir responsabilidades a mais que as outras componentes. Inclusive, não necessariamente são pessoas que possuem menos afazeres em casa ou que desenvolvem algum trabalho comunitário. Após a escolha, as lideranças começaram a controlar a presença das mulheres do grupo, através de listas de frequência. Algumas passaram a ter dificuldade para participar assiduamente, devido à ocorrência de aborrecimentos em casa com seus maridos, que descrentes ou desconfiados, não permitiam que as mulheres saíssem para trabalhar. Assumir a liderança do grupo de marisqueiras não é tarefa fácil, pois as escolhidas acabam tendo que lidar não apenas com problemas de ordem prática, mas constantemente com situações bem mais complicadas. O desinteresse, a descrença, as dificuldades em casa com os maridos são extremamente preocupantes, pois se estes problemas não forem "trabalhados", podem contribuir para o surgimento de um grande sentimento de desânimo.

³⁰ Não quero afirmar com isso que esse tipo de atitude não possa ser observada também em grandes cidades. Até porque há toda uma discussão sobre território que transcende o espaço

para incentivar o desenvolvimento de iniciativas baseadas na solidariedade e, sobretudo, no bem-estar de todas as mulheres do grupo, pois há um “terreno fértil”, de raízes culturais, para esse tipo de atitude.

Atualmente, o GEMB ingressa numa nova fase do projeto, buscando mais recursos para dar continuidade ao trabalho e desejando ampliar as estruturas dos criatórios.

Com relação a esta ampliação, existem opiniões diferentes. Algumas lideranças demonstram receio em partir para o aumento do tamanho dos criatórios, por acharem elas que o grupo de marisqueiras ainda precisa vencer muitos obstáculos, como por exemplo, o maior engajamento das mulheres no trabalho.

“Meu medo é que essas mulheres não dêem conta do trabalho. Porque se aumentar, vai aparecer mais comprador querendo muita ostra! E com o tanto de mulher que nós tem hoje vindo sempre, eu acho que é pouco.” (Maria de Aquino – 54 anos, marisqueira, abr. de 2003).

Por outro lado, conversas com compradores eventuais de ostras e também com técnicos do Instituto Terramar,³¹ que possuem projeto na região, proporcionaram-me contato com outras opiniões sobre o assunto. Eles acreditam que a ampliação é necessária para gerar, sobretudo, uma maior qualidade para o produto, pois serão disponibilizadas mais ostras grandes prontas para a venda, já que os estoques serão ampliados.

Como podemos ver, o trabalho nos criatórios chegou a um novo desafio. Atualmente se faz necessário ampliar a participação e a frequência de trabalho, a fim de se alcançar uma lucratividade maior sobre a venda das ostras. O projeto dos criatórios surge em meio ao processo de luta por reconhecimento e contribui para a percepção da mariscagem enquanto trabalho, já que o incremento da produtividade passa a ser um objetivo do grupo de marisqueiras.

Na verdade, esse é o momento de seguir adiante para dar passos maiores, seja rumo ao fortalecimento do grupo, seja com relação ao incremento da produtividade.

físico. Muitos elementos de caráter cultural, social, econômico e ambiental perpassam essa problemática.

³¹ O Instituto Terramar é uma ONG que foi fundada em 1993 e tem como objetivo principal contribuir com a melhoria da qualidade de vida e organização das comunidades litorâneas do Ceará.

Avaliando mais atentamente, os dois ângulos parecem possuir, em essência, uma complementaridade, como se um não pudesse existir sem o outro. Afinal, não há como ampliar o trabalho sem fortalecer o grupo. E por outro lado, talvez com a ampliação dos criatórios o grupo se sinta mais estimulado. Novos rumos se projetam para as marisqueiras e novamente cabe a elas definir qual é o melhor caminho a seguir.

Os criatórios de ostras possibilitaram ainda mais a visibilidade e o reconhecimento do trabalho que as mulheres do mangue já desenvolviam há muito tempo, mesmo que de outra maneira. Esse fato se encaixa perfeitamente com os objetivos do grupo por conquista de novos espaços e certamente representa um acontecimento importante para o processo de fortalecimento da mariscagem.

“As ostras não era que nem estas ostras que tem agora não, a gente tirava era assim, no pé do mangue assim, agarrado no pé do mangue, formava aqueles pau no chão e os aritim pegava né, e agarrava e a gente ia e tirava, cortava os pau de ostra e cozinhava e quando acabá assava, aí fazia aqueles prato de ostra, a gente achando quem comprasse, aí a gente vendia né, que queria apurar um dinheirinho. A gente continua nessa vida...”
(Valdenora Rebouças – 62 anos, marisqueira, agos. de 2001)

Quando dona Valdenora diz *as ostras não era que nem estas ostras que tem agora*, ela está se referindo às mudanças que ocorreram com relação ao projeto dos criatórios, pois se antes as mulheres precisavam ir ao mangue para conseguir as ostras, hoje elas trabalham mais próximas de suas comunidades, nas margens do rio Jaguaribe, limpando, separando e observando o crescimento desses moluscos bivalves, que passaram a ser armazenados em caixotes de plástico, presos em mesas de bambu ou de canos.³²

Vale ressaltar que esse tipo de alternativa também vem sendo implantada e desenvolvida com sucesso em outros locais do Brasil, tendo como grande referência as experiências da região de Santa Catarina. Os criatórios de ostras não agredem o meio ambiente, porque para construir suas estruturas não são destruídas áreas de manguezal.

Esta discussão redimensionou o meu olhar para o trabalho das marisqueiras como um todo. É possível observar que, mesmo com as

³² Estas estruturas foram criadas por pesquisadores que, artesanalmente, procuram incentivar o aumento da produção das ostras em comunidades ribeirinhas.

mudanças que aconteceram, o trabalho no manguezal permanece sendo desenvolvido em grande parte pelas mulheres. E um aspecto interessante corresponde ao fato de que mesmo com os criatórios, as idas ao mangue ainda são realizadas. Decerto que a frequência diminuiu, mas as marisqueiras não abandonaram suas antigas práticas, talvez porque a relação que elas possuem com o mangue é repleta de significados importantes para suas vidas e que se reafirmam na memória.

O mangue ainda é um espaço de trabalho e vida insubstituível para as marisqueiras, pois é lá que constroem uma boa parte de sua história. Afinal, segundo dona Maria Helena, o que unifica as mulheres é o fato de gostarem do trabalho que desenvolvem. E isso elas aprenderam e conquistaram estando no manguezal, convivendo com a natureza e interagindo entre si.

“A esse trabalho de mariscar representa muita coisa, primeiro de tudo, porque quando a gente vai fazer um trabalho, a gente se esforça ao máximo, pra que a gente se agrade daquele trabalho que a gente tá fazendo. Porque se você for fazer um trabalho e não gostar, aquele trabalho não tem êxito, aquele trabalho nunca vai em frente, porque você faz sem vontade, não se dedica, mas se ao invés, faz um trabalho que a gente gosta, que a gente se esforça, aí aquilo tem êxito, aumenta em prosperidade. É por isso que esse trabalho de marisqueira tá indo à frente, porque todo mundo gosta, todo mundo, a gente já foi acostumado naquele trabalho, não é da agora que veio. Desde quando a gente se entendeu de gente...” (Maria Helena, 53 anos, marisqueira, dez. de 2001).

Foi por terem aprendido desde pequenas a gostar de mariscar que o trabalho, num movimento paradoxal, permaneceu e mudou, ao mesmo tempo, trazendo novas perspectivas que são, inclusive, importantes e necessárias, diante das ameaças de destruição do manguezal de Fortim.

A convivência com as marisqueiras nos momentos de trabalho desenvolvido tanto no manguezal como nos criatórios, me proporcionou a percepção das diferenças com relação a ambos.

Estando no mangue, as mulheres participam de uma relação com a natureza que vem sendo construída há tempos. Com o projeto dos criatórios e com o trabalho de Educação Ambiental desenvolvido pelo Instituto Terramar (a partir de 2001), as marisqueiras começaram a se preocupar em deixar as ostras menores no mangue, para que haja sempre sementes (ostras juvenis),

favorecendo, assim, a reposição dos estoques naturais. Essa mudança é fundamental para a preservação do mangue, pois significa uma outra postura de exploração dos recursos naturais, na qual a preocupação com o equilíbrio ambiental e com as gerações futuras se faz presente.

O trabalho realizado no manguezal está relacionado ao extrativismo antigo e os criatórios de ostras, passaram a marcar uma nova fase do trabalho desenvolvido pelas marisqueiras, caracterizado pela organização, produção sistematizada e nascimento de uma outra consciência sobre a mariscagem.

Quando D. Valdenora diz *a gente achando quem comprasse, aí a gente vendia*, ressalta um dos aspectos que diferencia os dias atuais do passado, pois, com a introdução dos criatórios de ostras, a comercialização passou a ser vislumbrada.

Decerto que uma mudança mais significativa em termos de obtenção de lucros ainda levará um tempo para acontecer. No entanto, as vendas das ostras dos criatórios já começaram. Tudo irá depender da capacidade de dedicação e de decisão do grupo, assim como também da conquista de novas e importantes parcerias.

"Toda semana a gente tira um lucro do criatório. Ainda é pouco, mas tira. E a gente ta vendendo a 0,30 centavos a unidade. Nós não vende por quilo, nós vende a ostra com casca." (Maria de Aquino – 54 anos, marisqueira, jul. de 2003).

Mesmo ainda sendo pouco o lucro as marisqueiras que as marisqueiras conseguem obter com a venda das ostras, esse tipo de abertura para a comercialização alimenta as esperanças principalmente das lideranças locais.

Outras informações que julgo serem sinalizadoras para a compreensão da composição do grupo de mulheres marisqueiras foram obtidas através de dados de uma pesquisa, da qual tive acesso, realizada pelo Programa Tecnologias e Desenvolvimento do Instituto Terramar em 2001.³³ A referida pesquisa apresenta elementos interessantes, coletados através da aplicação de um questionário que contemplou um universo de 50 marisqueiras,

³³ PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO & TECNOLOGIAS DO INSTITUTO TERRAMAR. *Perfil da Marisqueira de Fortim*. 2001.

correspondente a aproximadamente 41,6% do grupo que, na época, compreendia 120 mulheres³⁴. Os dados revelam que:

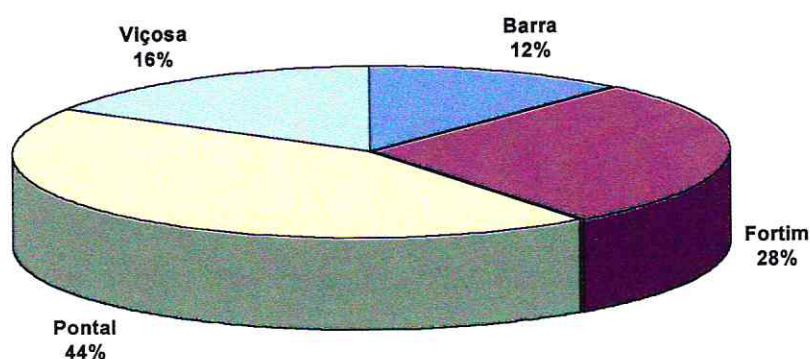


Gráfico 1 – Participação relativa das Marisqueiras por local de moradia.

Conforme o gráfico acima, a comunidade de Pontal de Maceió possuía o maior percentual de participação nos criatórios de ostras, 44%, seguida de Fortim-sede, com 28%, Viçosa, com 16%, e, por último, o Canto da Barra com 12%. A comunidade de Pontal de Maceió é a mais distante com relação ao Canto da Barra (local onde está situado o criatório) e, mesmo assim, foi a que na época mais garantiu a participação de marisqueiras nos grupos de trabalho.

O fato de diferentes comunidades participarem do projeto propicia uma socialização de idéias e de experiências diferenciadas, importantes para as mulheres. Entretanto, esse contato também tem gerado conflitos de interesse. Às vezes, algumas marisqueiras verbalizam que se sentem menos prestigiadas do que outras e acabam alimentando um clima de "ciúme". Há uma concorrência entre as comunidades que participam do projeto dos criatórios, pois algumas acreditam ser menos favorecidas, devido à distância e a uma suposta valorização de algumas lideranças em detrimento de outras.

³⁴ Segundo informações fornecidas pelas próprias lideranças, atualmente compõem o grupo cerca de 150 marisqueiras.

Observando a relação do grupo de marisqueiras com parceiros do GEMB e do Terramar, percebi um esforço dos técnicos e educadores de ambas as organizações em não diferenciar o tratamento dado a todas as mulheres das comunidades envolvidas com o trabalho nos criatórios (GEMB) e com os cursos de capacitação (Terramar). Todavia, algumas lideranças acabaram construindo uma relação maior de amizade com os parceiros, devido principalmente ao fato de se responsabilizarem por mais tarefas do que outras marisqueiras, o que acabou gerando esse clima de "ciúme" relatado por algumas mulheres.

Presenciei também os esforços das lideranças em tentar estimular a união do grupo, principalmente, quando alguma comunidade requeria maior atenção, por se sentir "menos favorecida" pelos projetos desenvolvidos no local. Com o tempo, fui percebendo que esse sentimento possuía uma relação direta com uma certa competição que acabou surgindo entre os grupos de trabalho divididos de acordo com a comunidade de origem.

Entendendo que os conflitos também são parte integrante dos processos de comunicação, elaboração e mudança, considero, antes de tudo, como valiosa a possibilidade de troca entre as diferentes comunidades e mulheres de Fortim. Isso tem sido propiciado pelo projeto dos criatórios de ostras, pelo trabalho do Terramar e pelas ações desenvolvidas pela Colônia de Pescadores Z-21 de Fortim.

Outra informação interessante, verificada pela pesquisa feita pelo Terramar com o grupo de marisqueiras, refere-se ao estado civil das mesmas, onde 34% declararam-se casadas³⁵, 8%, separadas, 6%, solteiras e 2%, viúvas.

O fato de a maioria das marisqueiras ser casada reforça, dentre outros aspectos, a idéia já explorada anteriormente de uma intensa responsabilidade que essas mulheres têm com a casa e a família, o que impõe, por conseguinte, realização de várias jornadas de trabalho, menor tempo livre e tensionamento do ofício realizado fora de casa. De acordo com a pesquisa, a média de filhos por marisqueira chega a cinco, o que reforça a idéia de sobrecarga de responsabilidades e de afazeres.

³⁵ Entende-se aqui por casada toda mulher que está vivendo com um companheiro, independente de ter optado pelo casamento ou não que seja civil ou religioso.

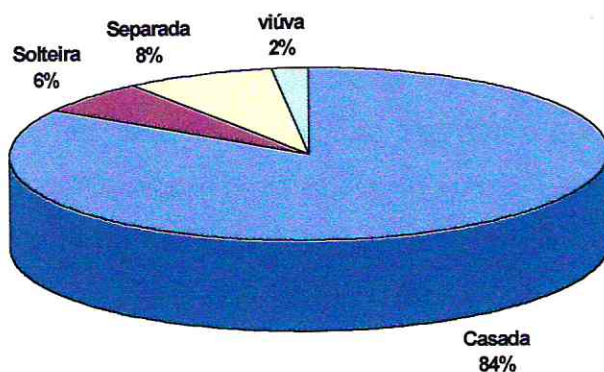
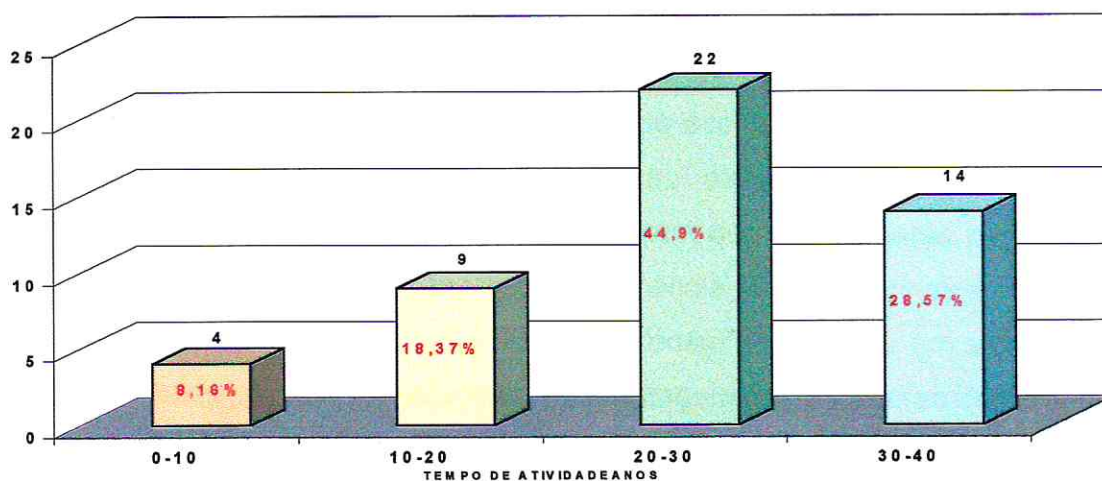


Gráfico 2 - Participação relativa de Marisqueiras por estado civil.

Sobre o tempo de trabalho na mariscagem, foi observado que muitas das marisqueiras começaram a coletar moluscos ainda meninas. A maioria das mulheres declarou exercer a atividade há acerca de trinta a quarenta anos, seguida por um grupo que diz mariscar dentro da média de vinte a trinta anos. A pesquisa afirma ainda que 8,16 % das entrevistadas encontram-se na faixa de dez anos de ingresso na mariscagem.

Gráfico 3 - Tempo de mariscagem.



Analisando comparativamente as informações obtidas através das narrativas, durante o convívio com o grupo de marisqueiras, e as informações oriundas do trabalho realizado pelo Instituto Terramar, pude observar que as mulheres realizam a mariscagem já há bastante tempo, caracterizando assim a atividade como uma prática tradicional.

O ingresso de algumas mulheres no grupo durante o período que compreende dez anos é uma indicação que me leva a crer numa renovação da atividade, o que muito provavelmente, possui uma relação com a emergência de novas dinâmicas organizativas das marisqueiras, ligadas a Colônia de Pescadores Z-21 de Fortim, que neste período já incentivava o engajamento de mais mulheres em processos de conquistas por seus direitos, independente da idade.

Na verdade, e apesar da pesquisa do Terramar não conter dados sistematizados sobre a idade das marisqueiras, a maioria das mulheres entrevistadas já era marisqueira antes da atividade passar a ser reconhecida, apenas elas não vislumbravam que poderiam assumir novas dinâmicas de trabalho e também conquistar novos espaços para serem beneficiadas.

Todas essas informações sobre as marisqueiras, somadas ao trabalho de campo realizado, levaram-me a acreditar que o movimento em torno da implementação e manutenção dos criatórios de ostras impulsionou o surgimento de mudanças não apenas em relação ao grupo de mulheres do mangue, mas também despertou a curiosidade (e até mesmo outros sentimentos) dos que não estavam envolvidos diretamente com o projeto, como é o caso dos homens.

No que concerne aos homens, todas as opiniões das marisqueiras entrevistadas levam a crer na efetivação de algumas diferenciações, ou melhor dizendo, de algumas manifestações. Sendo assim, existem homens que: não acreditam no trabalho das mulheres, não atrapalham, mas também não ajudam; os que não acreditam e não querem que as mulheres participem de nenhuma atividade, inclusive usam de violência para impedi-las e, por último, há os que acreditam, apóiam e até se oferecem para ajudar em alguma tarefa "mais pesada", como, por exemplo, na montagem das estruturas dos criatórios.

“Todos não são igual, tem uns mais do que os outro, tem uns fica falando, muito violento, não quer deixar a mulher ir, já outros que já são melhor, fica incentivando as mulher pra ir, dando aquela força, uns vai e ajuda as mulher, muito deles vão ajudar né, ficam lá ajudando, ficam dando a maior força, agora tem uns que eu tenho é pena das pobre das mulher. Elas chegam lá reclamando: mulher, eu vou já embora, ontem eu não vim, por causa de fulano de tal que ficava falando, *ai um pouco mais ta namorando, vai fazer o quê, passar o dia no mangue, fazendo o quê, não tem o que fazer não?* Muitas delas, ficam lá e vão contando as dificuldades. Tem umas que tem muita dificuldade, tem umas que não tem. Outros ficam tirando elas de tempo né, *isso lá dá futuro, isso lá vai dá futuro a vocês, tão sendo é besta, vocês tão enricando é os outro.*” (Gorete – 42 anos, marisqueira, jan. de 2002)

Gorete realiza em sua narrativa um verdadeiro apanhado geral sobre como se apresentam os homens de Fortim com relação às mudanças ocorridas em decorrência do trabalho das marisqueiras. Ela destaca a violência de alguns e também o apoio que outros dão ao trabalho. E ainda, Gorete ressalta que o tempo que precisam dedicar à atividade nos criatórios desperta em alguns uma certa insegurança, inclusive gerando desconfiança e receio de que as mulheres “arranjem” namorados, como podemos ver a partir da frase, *um pouco mais ta namorando*.

Essa colocação dos homens insinua uma ligação entre o trabalho realizado fora de casa com a possibilidade da conquista de uma maior liberdade sexual, já que as mulheres estariam distantes do “lar”, o qual em tese as aproxima mais da família e do casamento. Em suma, alguns homens acreditam que quando as mulheres estão fora do universo doméstico, começam a manter relações com um mundo que pode lhes possibilitar uma maior liberdade e, conseqüentemente, uma mudança de comportamento.

Outra forma encontrada para manifestar o desagrado com o trabalho realizado nos criatórios é produzir um discurso desencorajador, *isso lá dá futuro, isso lá vai dá futuro a vocês, tão sendo é besta, vocês tão enricando é os outro*. A partir dessa fala, também podemos observar uma desconfiança com relação aos objetivos do projeto dos criatórios de ostras. Fato bastante comum em meio à categoria dos pescadores, que em geral alimenta uma desconfiança frente às iniciativas que incluem a participação de pessoas de fora das comunidades litorâneas. Ao mesmo tempo, ver as “suas mulheres” trabalhando com um grupo de pesquisadores vindos de Fortaleza gerou, no

mínimo, para uma parte dos homens das comunidades ribeirinha de Fortim, um desconforto.

Todas as colocações que as marisqueiras fazem a respeito das opiniões dos homens me levaram a questionar o porquê da não-manifestação de desagrado por parte dos mesmos, em relação ao trabalho desenvolvido no manguezal, já que este também é realizado fora de casa e requer horas de dedicação.

A partir do convívio com as comunidades de Fortim, muito mais que respostas para esta questão, surgiram elementos importantes para a discussão, tais como: o fato de a mariscagem no mangue não ter sido anteriormente reconhecida como uma atividade profissional e por isso, não despertou os olhares dos homens e do restante da comunidade; o fato de o mangue ser, na maioria das vezes, associado a um universo repleto de significados depreciativos; a anterior inexistência de pessoas de fora das comunidades ribeirinhas, envolvidas com a mariscagem; os homens não perceberem que o trabalho no manguezal proporcionava às mulheres momentos de comunicação e de troca de experiências, inclusive sobre questões relativas à afetividade, à sexualidade e ao cotidiano em geral; e, por fim, o contato com novas modalidades de trabalho que têm como objetivo a obtenção de lucro e o reconhecimento da mão-de-obra feminina.

Dona Maria Helena, que não é uma das lideranças, acrescenta a essa discussão, um fator importante para o entendimento das experiências das marisqueiras.

"Esse preconceito que tem entre o homem e a mulher existe porque é só o homem quem pode ter todo o poder e a mulher, é discriminada, e ainda existe pra mim, este preconceito." (Maria Helena, 53 anos, marisqueira, dez. de 2001).

As relações de "poder" que existem entre homens e mulheres, de que nos fala D. Maria Helena, fazem-se presentes no cotidiano das mulheres do mangue como algo que merece um olhar atento. O preconceito e a discriminação, dentre outras manifestações, também são conseqüências dessas relações desiguais. O direito de poder optar pelo trabalho que querem desenvolver e o enfrentamento da desvalorização são desafios que muitas vezes, entram concretamente em choque com a visão tradicional que as próprias comunidades litorâneas possuem.

Mais uma vez, Lobo nos auxilia, ressaltando a propriedade do uso do gênero como uma categoria analítica, para pensar questões como essa, quando afirma que:

“O gênero remete, pois, ao discurso sobre o masculino e o feminino, naquilo que parecia ser exclusivamente uma relação técnico-organizativa neutra, isto é, não hierarquizada em função do sexo dos atores. No entanto, a relação de trabalho, como relação social, traz embutida uma relação de poder entre os sexos. Por isso mesmo, a definição de qualificações, de carreiras, de promoções é não só diferente para homens e mulheres mas, remete, em cada situação concreta, às relações de força.”³⁶

Mais do que o embate com pessoas de opiniões contrárias, para continuar mariscando, essas mulheres tiveram que conviver com uma verdadeira enxurrada de visões de mundo diferenciadas, caracterizando, assim, relações de força que geraram novas experiências e novas formas de encarar o seu próprio trabalho e vida.

O contato com técnicos e educadores de diversas áreas e com outros grupos de mulheres organizadas, como no caso das lideranças, com certeza contribuiu para a construção de outros horizontes para a mariscagem.

“Meu marido acha muito bom. Mas às vezes têm os brutos, os maridos das mulheres, nem todas são iguais, aí tem os que diz *isso lá dá certo, vocês continuando com isso, acabe com isso, vocês tem fé nisso?* É assim homem sem fé, o pessoal daqui não tem fé em nada não, mas o meu e o dela aí (aponta para a irmã que estava observando a entrevista) deixa, quer que a gente vá continuar né, o trabalho que nós faz.” (Valdenora Rebouças – 62 anos, marisqueira, agos. de 2001).

A falta de fé de que nos fala D. Valdenora não possui relação com a religiosidade do povo das comunidades ribeirinhas, mas sim, refere-se à desconfiança que alguns homens alimentam a respeito da experiência dos criatórios de ostras. Na verdade, estes duvidam que a produção de ostras possa um dia proporcionar às marisqueiras um retorno financeiro. Talvez pelo fato das ostras terem sido um produto que foi atribuído no passado prioritariamente à subsistência, tornando-se difícil introduzir uma outra perspectiva para esse trabalho. E ainda, por medo dos pescadores verem as mulheres projetando a mariscagem mais do que a pesca no mar, ou ainda,

³⁶ LOBO, Elisabeth. Op. Cit., p. 262.

medo da independência que as mulheres supostamente começaram a conquistar.

É que antigamente eles não sabiam que ia ter esse negócio, das marisqueira mesmo, essa profissão, eles achavam *mulher não pesca e pronto, acabou*, não sabiam nem assim como decifrar. E agora eles, ficaram assim com um ciúme, uns falam uma coisa, outros falam outra sobre o criatório, ontem mesmo, tinha um com esse negócio, que não achava que desse certo, aí a gente disse: *não é assim não, olha as ostra aqui tudo grande*. Aí ele foi pescando e olhando, e disse: *isso só no futuro pra aposentadoria*. Aí nós disse: *não senhor isso aqui é onde nós vamos ganhar dinheiro*. Uns colocam fé quando a gente fala e outros não.” (Eneida, 41 anos, marisqueira, jan. de 2002).

Eneida denomina como “ciúme” o fato de alguns homens não conseguirem aceitar a nova realidade das mulheres marisqueiras. Para uma parte deles, que enfrenta as adversidades do mar, tornou-se difícil reconhecer como pesca atividades que exigem *outros tipos de esforços*, culturalmente não valorizados. *Mulher não pesca e pronto, acabou* é realmente o que muitos homens ainda pensam sobre o assunto.

Por outro lado, as marisqueiras ressaltam sempre que alguns avanços já podem ser observados: (...) *já outros que já são melhor, fica incentivando as mulher pra ir, dando aquela força (...), meu marido acha muito bom (...), uns colocam fé quando a gente fala*. Em verdade, há sempre aqueles que gostariam de ver a vida da família melhorar, independente de ser a mulher a promotora da mudança.

É claro que um longo caminho ainda será necessário trilhar para se conseguir mudar visões de mundo limitantes para as mulheres. De qualquer forma, o trabalho das marisqueiras que antes era desenvolvido única e exclusivamente no manguezal passou por transformações no decorrer do tempo, chegando, sobretudo, a “movimentar” as relações com os homens das comunidades ribeirinhas de Fortim.

“Eles já estão melhores, já estão passando a acreditar. Quando iniciou o trabalho do cultivo isso era uma, *ai vocês vão morrer de trabalhar e nunca vão ver essas ostras crescer - isso lá cresce, isso lá vai pra frente* e tal, mas hoje, hoje não. Hoje eles já acreditam no cultivo de ostra, eles já sabem o que é marisqueira, alguém pode passar e perguntar aqui, você conhece, com qualquer marisqueira, o que ela faz, ele vai dizendo que é marisqueira, antigamente não ia não. Hoje nós temos caso de

marisqueira prejudicada com o problema da aposentadoria, com a pesquisa de campo. Vieram fazer pesquisa o pessoal da previdência social e perguntaram às pessoas pela aquela pessoa, se você conhece o que ela faz e o pessoal dizia *não eu não sei acho que ela faz labirinto* pronto, a atividade que ela tinha lá no mangue não aparecia. Hoje nós temos gente prejudicada ainda por conta disso.” (Maria de Aquino, 52 anos, marisqueira, dez. de 2001).

Como D. Maria de Aquino afirma, não só os homens duvidavam, mas haviam também mulheres incrédulas. Na verdade, o início de um projeto como esse que interfere em uma dinâmica já bastante antiga e tradicional não poderia ser diferente. Inclusive, poucos acreditavam que as ostras pudessem crescer fora do ambiente do manguezal com relativa velocidade, a não ser algumas lideranças que já percebiam a importância de um trabalho nesses moldes e desejavam mudanças.

As ostras têm sido historicamente alternativas de sobrevivência para a população ribeirinha de Fortim e, com o passar do tempo, começaram a adquirir um valor comercial. Este novo contexto tem exigido das marisqueiras mudanças na relação com a mariscagem, pois uma prática antiga passou a impulsionar todo um movimento de construção de cidadania.

“Ficavam aquelas mulheres que pegavam mariscos, ostras, sururu e outros mariscos também, quando era na época, só que essas marisqueiras, elas eram trabalhadoras, mas era assim uma coisa isolada, uma profissão é que somente elas faziam para a alimentação da casa, pra quando tinha necessidade. Não se considerava como profissão e nem como se fosse assim, uma atividade delas...” (Maria de Aquino, 52 anos, marisqueira, dez. de 2001).

As Marisqueiras e os pescadores de Fortim estão vivenciando um momento histórico efervescente que começou a ser construído no passado e que projeta muitas possibilidades de mudança nos mais diversos campos, sejam eles cultural, econômico, social, ambiental e político.

2. 4. O movimento de luta e a busca de parcerias

O sonho é ver as formas invisíveis
Da distância imprecisa, e com sensíveis
Movimentos da esperança e da vontade,
Buscar na linha fria do horizonte
A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte
Os beijos merecidos da verdade.

Fernando Pessoa ³⁷

Investidas que ocorreram no litoral cearense a partir do final da década de 1930 incentivaram o surgimento de grandes empreendimentos turísticos. Todavia, esse processo provocou mudanças que aconteceram sem a participação efetiva das comunidades litorâneas, no que diz respeito às decisões primordiais sobre os rumos de suas vidas. Nesta perspectiva, a discussão passa fundamentalmente pelo direito que as comunidades possuem de se fazer ouvir a respeito de seus desejos e necessidades.

As problemáticas da pesca, da terra e do turismo estão muito interligadas e trazem consigo pontos importantes, como: o acesso e o uso dos recursos naturais, perspectivas de trabalho para jovens e adultos, a posse da terra, a pesca predatória e a melhoria das condições de vida dos povos do mar e das comunidades ribeirinhas.

Essas discussões se fazem urgentes, pois as políticas públicas para o litoral não podem ser bem sucedidas, sem que os povos do mar tenham a chance de se manifestar sobre o que na realidade acontece.

O desordenamento e a desigualdade entre a pesca artesanal e a pesca industrial, a má utilização dos recursos naturais, a destruição da biodiversidade, a escassez de peixe e a falta de incentivo para o incremento e a segurança da pesca, associados a um turismo que, é na grande maioria das vezes, irresponsável e insustentável,³⁸ são problemas vivenciados pelos povos do mar, cotidianamente.

³⁷ PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A., 1992, p. 44.

³⁸ Sobre a problemática do turismo, há muitos pontos polêmicos. Vale ressaltar que nem todas as formas de turismo são predatórias. As próprias marisqueiras de Fortim já começaram a discutir a possibilidade de uma atuação visando à implementação local de um turismo sustentável e responsável. A idéia teve início com a compra de um pequeno barco que transporta as marisqueiras de uma margem para a outra do rio, pois os próprios veranistas que freqüentam Fortim e os técnicos dos projetos desenvolvidos nas comunidades começaram a solicitar passeios. Desde o ano de 2001, as marisqueiras realizam alguns passeios com turistas interessados em conhecer o manguezal. Um dos desafios futuros para o grupo

Expulsos muitas vezes de suas terras por grandes empreendedores que alegam ter a posse das mesmas, ou então vendendo suas casas e terrenos seduzidos por preços irrisórios, os moradores das comunidades litorâneas partem para os grandes centros urbanos e somam-se a uma população que vive em situação de extrema pobreza, sem sequer contar com o acesso aos recursos naturais para viver.

A garantia da permanência dos povos do mar em suas terras e o incentivo à pesca artesanal podem favorecer a qualidade de vida de cerca de cento e cinquenta mil pessoas³⁹ que dependem do mar e dos mangues do litoral cearense para viver. Isso sem contar com os benefícios que a pesca proporciona também para aqueles que vivem distantes do litoral.

Questões como essas, preocupam as lideranças comunitárias e, ao mesmo tempo, abrem perspectivas de participação e atuação nos processos de mudança do cenário do litoral cearense.

As marisqueiras estão envolvidas com todas estas problemáticas, pois desejam maior qualidade de vida para suas famílias e comunidades. Estão entrando no mercado através da comercialização das ostras, lutando por reconhecimento, valorização e direitos trabalhistas, dependem dos recursos naturais para viver e, por fim, presenciam e sentem as dificuldades enfrentadas por seus companheiros pescadores e familiares. Concretamente, as mulheres do mangue procuram, diante do contexto que vivenciam, caminhos e alternativas para sair da situação de pobreza e desvalorização em que se encontram.

“Em 1991, é que saiu a lei da marisqueira, uma lei que foi aprovada pelo Deputado Jackson Pereira, mas logo em seguida esse deputado faleceu, e então, a lei ficou engavetada e não foi muito divulgada, nem foi muito aceita pela previdência social no caso.” (Maria de Aquino, 52 anos, marisqueira, dez. de 2001).

compreende justamente um aprofundamento das reflexões sobre o turismo responsável e um aprimoramento dos passeios realizados pelas margens do rio Jaguaribe. As questões que dizem respeito ao uso dos recursos naturais, o problema da utilização das águas do rio, a necessidade de conservação dos manguezais e a divulgação do trabalho das marisqueiras, enquanto uma alternativa de gestão e participação que também pode ser projetada para outras comunidades ribeirinhas do Ceará, tais questões possuem potencial para serem trabalhadas, de maneira oportuna, junto aos visitantes, que muitas vezes procuram a região apenas para o lazer, mas que, por outro lado, também devem ser sensibilizados para todo esse cenário.

³⁹ Informação obtida na revista *Universidade Pública*, Ano III - Nº 9 – Dezembro de 2001/Janeiro de 2002 – Pesca e pescadores do Ceará.

O nascimento do movimento organizado das marisqueiras está relacionado, segundo entrevistas e pesquisa documental realizada com base em Atas de reuniões da Colônia de Pescadores Z-21 de Fortim, à disputa de poder por lideranças, que ocorreu por volta de 1992.

Para saber mais sobre essa história de luta e de organização das marisqueiras, tornou-se necessário ouvir lideranças e mulheres que não estão à frente do movimento, com o objetivo de garantir a riqueza das informações que o grupo possui e de levantar as contradições existentes.

Todas as mulheres entrevistadas fizeram referência a D. Maria de Aquino, como a principal impulsionadora do movimento. Diante desse fato, fui compreendendo o quanto algumas pessoas se destacam por sua atuação e, muitas vezes, acabam se tornando grandes referências e verdadeiras “depositárias da palavra”, chegando a atrair para si todo o brilho das conquistas e, ao mesmo tempo, todo o ônus dos problemas.

Reconhecer a complexidade e a importância do papel das lideranças neste contexto foi então o primeiro passo para mergulhar nessa discussão. O segundo, foi tentar descobrir, em meio aos processos desencadeados, como se deu a participação do grupo de mulheres que preferiram não estar à frente do movimento, mas que com certeza também contribuíram para as mudanças que ocorreram.

“E a gente ficava vendo aquelas dificuldades, aquele trabalho das mulheres e aí, nós passamos a ver a necessidade de que tanto as marisqueiras como os pescadores tinham. Que eles tivessem assim mais, que a profissão deles fosse, tivesse mais valor, que eles tivessem mais direitos, os direitos deles eram muito negados, e a gente tinha uma necessidade de organização. Na época a Colônia que era em Aracati e não era Fortim, a gente era capataz do Presidente de Aracati que nem muito assim se interessava pela luta dos pescadores e o tempo foi passando, quando o Fortim passou à cidade, aí a Colônia também passou a ser Colônia do Fortim, desmembrou do Aracati e então, as coisas começaram a caminhar.” (Maria de Aquino, 52 anos, marisqueira, dez. de 2001).

Em meio às dificuldades, algumas marisqueiras, dentre elas D. Maria de Aquino e Lelete,⁴⁰ iniciaram reuniões, visando a discutir e estimular maiores conquistas para pescadores e pescadoras.

⁴⁰ Lelete atualmente é vereadora de Fortim.

Quando Fortim passou a ser município, desmembrado de Aracati em 1992, a Colônia Z-21 começou a vivenciar transformações organizacionais e estruturais.

“Aí a gente viu a necessidade de ter um movimento na Colônia, um movimento com os homens e um movimento com as mulheres. E os pescadores começaram a pedir que eu me candidatasse, pra ver se a coisa melhorava e eu me candidatei a presidente da Colônia e nessa época, eu já tinha meus documentos de marisqueira, minha carteira de pescadora e aí, a gente começou o trabalho de organização com estas mulheres, a coisa foi melhorando, foi andando mais, fomos fazendo divulgação, a gente tinha muito contato com a CPP, a Pastoral dos Pescadores que eram uma que sempre eles trabalharam nessa área da pesca, também tinha o MONAPE na época, que dava sempre uns empurrõezinhos também e as coisas começaram a mudar; a gente começou a conseguir aposentadoria de marisqueira, começamos a atualizar os documentos que antes eram atrasados desde 1990, os pescadores se organizaram mesmo, todo mundo com seus documentos, aí veio uma luta pelo seguro desemprego e a gente conseguiu, o seguro desemprego dos pescadores, não só aqui nessa praia; mas em todas as outras praias... (Maria de Aquino, 52 anos, marisqueira, dez. de 2001)”.

A necessidade expressa por D. Maria de Aquino em *ter um movimento da Colônia, um movimento com homens e com mulheres* revela uma realidade anterior que muito provavelmente não contemplava essa participação. A idéia era ouvir as reivindicações de ambos os lados, para daí mudar os rumos do trabalho da Colônia de Pescadores.

Ao situar o MONAPE (Movimento Nacional de Pescadores) e o CPP (Conselho Pastoral dos Pescadores),⁴¹ D. Maria me ofereceu pistas para crer que a perspectiva de gênero que começava a adotar em seu discurso e sua prática, foram frutos não apenas de sua experiência de vida, mas também do contato com o movimento nacional de mulheres pescadoras que, na época, já incentivava uma política inclusiva da participação feminina nas instâncias organizacionais e comunitárias, como Associações de Moradores e Colônias de Pescadores.

As participações de D. Maria em reuniões e encontros de pescadoras com certeza lhe indicaram caminhos para que incentivasse cada vez mais a

⁴¹ O CPP é ligado à CNBB (Confederação Nacional dos Bispos do Brasil), contempla em suas ações o trabalho com pescadores, mulheres e filhos de pescadores. A principal fonte de financiamento da instituição é o Fórum do Brasil, uma organização alemã que incentiva a geração de renda, a conquista de direitos sociais e o equilíbrio ambiental.

presença das mulheres marisqueiras na Colônia de Pescadores Z-21 de Fortim.

Por outro lado, uma política de gênero começou a ser exigida pelas agências de cooperação internacional que financiavam o movimento organizado de pescadores, influenciando a natureza das ações e das metas a serem desenvolvidas. A partir da década de 90, todos aqueles envolvidos com a organização comunitária das áreas de litoral do Brasil tiveram que incluir em seus planejamentos estratégicos de atuação, ações que visassem ao aumento da participação das mulheres nos projetos.

Essa mudança conjuntural ocorreu fundamentalmente devido a análises e críticas feitas ao movimento feminista, o qual encontrava enormes dificuldades ao trabalhar unilateralmente a perspectiva da conquista de novos espaços para as mulheres, inclusive sem avanços mais significativos com relação aos homens.⁴²

Ainda sobre o movimento feminista nacional, o fato de se incluir nas discussões a perspectiva do gênero, significou considerar os aspectos relacionais, hierárquicos e históricos, presentes nas relações entre mulheres e homens. A evidência da necessidade de uma maior e mais qualitativa participação feminina na vida comunitária, se constituiu como forte argumento para a mudança de comportamento das lideranças e do movimento organizado de mulheres. É claro que todo um processo de adaptação à nova abordagem do gênero não ocorreu de uma hora para outra. Tanto que divergências com relação aos focos prioritários para o movimento feminista permanecem existindo até hoje.

Sobre a utilização do gênero como categoria de análise, Rachel Soihet esclarece:

“Gênero tem sido, desde a década de 70, o termo usado para teorizar a questão da diferença sexual. (...) A palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’. O gênero sublinha o aspecto relacional entre as mulheres e os homens, ou seja, nenhuma compreensão de qualquer um dos dois pode existir por meio de um estudo que os considere totalmente em separado.”⁴³

⁴² SOLER, Angélica e MATOS, Maria Izilda (org.). *Gênero em Debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUC, 1997.

⁴³ SOIHET, Rachel. Op. Cit., p. 63.

Como podemos ver, um desafio foi lançado ao movimento nacional de pescadores e a todas as ONG's que trabalhavam com áreas litorâneas, que consistiu em considerar o aspecto relacional existente entre mulheres e homens, objetivando a diminuição das desigualdades entre ambos. Diante de tudo isso, algumas lideranças comunitárias de contextos diferenciados aceitaram esta nova perspectiva sem qualquer crítica e sem compreender com maior profundidade o que realmente isso significava.

Em relação a Fortim mais especificamente, as mudanças que ocorreram na Colônia de Pescadores com certeza chamaram a atenção da população para a importância dos processos organizacionais e para a participação de lideranças femininas, que se dedicaram inicialmente a coletar e ordenar os documentos dos pescadores, em atraso desde 1990, assim como a garantir a conquista do seguro desemprego.

“Lembro que foi no ano de 97, mais ou menos assim, 97. Antes em 92, já falava alguma coisa, mas tinha vergonha de dizer entendeu? Aí eu comecei a trabalhar lá na Colônia com dona Maria e dona Maria também me orientou muito, aí o pessoal tinha vergonha de dizer que era marisqueira. Quando a gente foi fazer o cadastro no banco agora, como no caso eu fui fazer meu cadastro, qual a sua profissão? Eu disse MARISQUEIRA.”
(Luzirene, “Lelete” – 42 anos, marisqueira, abr. de 2002).

No ano de 1997, D. Maria de Aquino ganha a eleição para presidente da Colônia de Pescadores Z-21 de Fortim e começa a incentivar lideranças como Lelete e as mulheres que trabalhavam no mangue, a se assumirem enquanto marisqueiras.

Lelete em sua narrativa ressalta a mudança de comportamento diante do fato das mulheres começarem a se assumir enquanto marisqueiras, inclusive ela diz que no passado elas tinham vergonha de falar sobre o assunto. A desvalorização do trabalho da mulher mais uma vez surge como um obstáculo a ser transposto para a conquista de reconhecimento. E hoje, as marisqueiras têm consciência disso.

Como se sabe, as mulheres foram ligadas historicamente a atividades de remuneração menor e, ao mesmo tempo, no caso de Fortim, a um ambiente também pouco compreendido e valorizado - o mangue.

O mangue, lugar de trabalho e vida, com o tempo e com a atuação das marisqueiras, foi sendo percebido também como um ambiente que precisava ser valorizado e conservado. Conservar e valorizar o mangue também significa para as marisqueiras valorizar a mariscagem e a si mesmas, como já foi dito antes.

As marisqueiras têm tentado influenciar a mudança de comportamentos e de visões de mundo dos demais membros de suas comunidades, através da realização de um trabalho educativo baseado na perspectiva central da conservação do mangue.

Assumir-se enquanto marisqueira é um ato repleto de significados e, sobretudo, de interesses. Diante disso, as lideranças comunitárias têm estimulado um posicionamento a favor da conservação do manguezal, porque compreendem que não podem permanecer na invisibilidade em tempos tão difíceis para a pesca. Se o mangue e o rio anteriormente tudo “ofereciam”, hoje, ao contrário, fazem parte de um contexto de crescente escassez. E em meio a esses processos coletivos (que também possuem dimensões individuais) os criatórios possuem um papel importante, pois são a materialização de uma proposta alternativa à destruição e à pobreza existentes no litoral.

Atualmente se constata uma competição humana por alimento ainda maior e, ao mesmo tempo, também se verifica que os problemas ambientais vêm aumentando e ameaçando a própria existência do manguezal e, conseqüentemente, das comunidades ribeirinhas e litorâneas.

“No mangue de primeiro tudo era mais fácil, você ia no mangue trazia o caranguejo, trazia o búzio, tudo que você queria no mangue tinha, não era? Pegava o siri no mangue encostava a bateira, tudo era mais fácil, agora tudo é mais difícil. De primeiro você ia ao mangue, ao rio e trazia peixe pra vender. E hoje, tudo é difícil, hoje não tem mais peixe que tinha de primeiro não, a vida hoje é a maior dificuldade do mundo.” (Francinete, 40 anos, marisqueira, out. de 2001).

Dona Francinete traz sempre uma narrativa repleta de ressalvas com relação às dificuldades enfrentadas no dia-a-dia pelas comunidades ribeirinhas. Lembra de um tempo passado de fartura, *de primeiro tudo era mais fácil, você ia no mangue trazia o caranguejo, trazia o búzio, tudo que você queria no*

mangue tinha, e complementa sua fala definindo os dias atuais como um período de muita dificuldade.

Diante das narrativas das marisqueiras, podemos ver que muitos elementos atravessam o tempo, permanecendo ou se modificando de acordo com a realidade vivenciada. A invisibilidade e a projeção do trabalho, as conquistas e as derrotas, o medo e a coragem, a fartura e a escassez, dentre outras manifestações, todos esses fatores alimentam um universo de sentimentos e de dinâmica social e histórica que se expressam no cotidiano construído por estas mulheres, em particular, através da memória.

Assim como há uma memória sobre o saber constituinte da mariscagem, há também uma memória sobre um tempo de abundância dos recursos naturais. Esta constatação me levou a crer ainda mais que um quadro de destruição ambiental vem realmente se constituindo e que necessita ser revertido.

A íntima relação que as marisqueiras possuem com o mangue lhes permite falar das mudanças que vêm ocorrendo. Nesses momentos de elaboração e de interpretação favorecidos pela memória é possível perceber o quanto passado, presente e futuro estão imbricados. As marisqueiras criam temporalidades relacionadas de alguma maneira a fatos que representam marcos da sua memória ou a de seus antepassados.

“É porque primeiramente eles não davam valor ao trabalho da mulher e dizia, não eu sou marisqueira e tinha vergonha porque o homem lá fora não dava valor aquela profissão, aquela atividade que a gente tinha, né? Era sem valor, por exemplo não tinha, a gente não tinha direito um laudo, não tinha direito a nada, então tinha vergonha de dizer que eram marisqueira, porque trabalhava com marisco, era sem valor, não tinha. Aí muita gente tinha vergonha.” (Luzirene “Lelete” – 42 anos, marisqueira, abril de 2002).

Lelete refere-se a um tempo em que os homens de Fortim *não davam valor ao trabalho da mulher*, daí um dos motivos pelo qual as mulheres sentiam vergonha de dizer que eram marisqueiras.

Segundo as próprias mulheres do mangue, como já foi visto antes, existe uma diferença: hoje alguns homens começam a esboçar uma outra postura diante do trabalho das mulheres. Parece, então, que nesse “tempo de

mudanças”, novos olhares estão sendo elaborados, inclusive em relação aos significados das experiências passadas, através da manutenção da memória.

É também interessante perceber que, ao falar dos homens, as mulheres sempre tecem comparações sobre o passado e o presente, evocando a memória e realçando as mudanças que marcam um novo tempo na história de Fortim.

A opinião de seus companheiros ou de outros homens da comunidade é um fator que possui muita significância para as marisqueiras, tanto que, como Lelete destaca em sua narrativa, quando eles ignoravam a existência do trabalho da mulher pescadora, estas sentiam vergonha em se afirmar como tal. De acordo com a narrativa de Lelete, uma relação de poder pode ser verificada e ao mesmo tempo, é possível perceber que as mulheres demonstram interesse pela opinião dos homens e, sobretudo, elas querem ser reconhecidas por eles, pelo trabalho que desenvolvem no manguezal.

Em tempos difíceis, como afirma D. Francinete, todos estão passando por dificuldades. De acordo com as experiências que vivenciam, mulheres e homens se deparam com problemas que afetam conjunta e diretamente suas existências. Um exemplo que ilustra tal afirmação é a ocorrência da mortandade dos caranguejos, presente na narrativa de D. Maria de Aquino.

“A morte dos caranguejos surgiu dos cultivos de camarão que prejudicou. Isso a gente viveu aqui muitos anos, nem só eu como se você conversar com outra pessoa, vai lhe dizer a mesma coisa nunca ninguém viu aqui a mortalidade do caranguejo, nunca! Se algum havia, algum caranguejo que morria, mas era coisa pouca, nunca teve esse problema como teve agora no geral, como teve agora de morrer todos os caranguejos, não foi só aqui dessa praia, mas foi das outras praias também, lá do Cumbe, do Aracatí, da Volta e também do Guajiru que é onde tem cultivo de camarão. A gente vê que o cultivo de camarão, ele não traz benefício bom pra gente, pode trazer pros donos né, pras empresas, mas pra população mesmo, ele só traz prejuízo. E nós tamos com medo sim, que aconteça com os mariscos também, porque no Guajiru, a gente já soube, agora nesse mês passado (novembro/2001), que a ostra e o sururu de Guajiru tá ficando magro, seco, tá imagrecendo. Então as pessoas já tão pensando que é por causa dos cultivo de camarão.” (Maria de Aquino, 52 anos, marisqueira, dez. de 2001).

Dentre os inúmeros problemas que as marisqueiras vêm enfrentando, a morte dos caranguejos é um dos mais graves, pois tem preocupado a

população local e chamado a atenção de outras comunidades para os riscos socioambientais existentes.

Dona Maria de Aquino afirma com convicção que a morte dos caranguejos está sendo causada pelos criadores de camarão, pois somente depois do surgimento destes no local é que eles começaram a aparecer mortos no mangue, soltando bolhas com sintomas de envenenamento. O fato preocupa as marisqueiras, pois além de ameaçar o sustento de muitas famílias que vivem da coleta dos caranguejos, também pode afetar o desenvolvimento das ostras do mangue e dos criatórios.

Desde o início do acontecido, as lideranças comunitárias foram procuradas pela imprensa para maiores esclarecimentos sobre o assunto. Inclusive, a própria Universidade Federal do Ceará foi solicitada para realizar uma pesquisa na área e esclarecer as dúvidas sobre a procedência do ocorrido. Sobre os resultados, nada foi comprovado pela Universidade ⁴⁴ a respeito da culpabilidade dos criadores de camarão. Já alguns técnicos do Terramar fazem uma crítica a essa conclusão, alegando que a pesquisa foi realizada muito depois do período crítico da mortandade dos caranguejos. Estabelece-se então uma polêmica.

Sobre o assunto, D. Maria afirma ainda:

“... o cultivo, a comida do camarão, o ‘rezidio’ que eles coloca lá, ele tem uma substância química, ele é passado por um processo químico e isso não é um veneno, porque se fosse matava logo era o camarão nera? Mas não mata. Então, o que acontece: eles começam a colocar aquela comida dentro do laboratório e vai juntando e vai passando meses, meses e meses e aquele ‘rezidio’ ele vai se contaminando no próprio laboratório e ai quando isso tá acontecendo, o que eles fazem pra não matar o camarão? Eles despescam o camarão e vão tirar toda aquela contaminação que fica do laboratório que essa contaminação gera, como é que chama assim? Gera um negócio lá que é muito forte. Então eles fazem limpeza no laboratório, faz uma limpeza geral e aquilo ali, solta dentro do rio, ele só pode soltar dentro do rio, porque ele não tem aonde soltar aquilo não. Então sabe porquê que acontece também? Porque ele só solta quando a maré tá seca, quando o rio tá com pouca água então, ele solta aquilo ali e aquilo ali fica pouco e vai ficando dentro do mangue e o caranguejo sai pra comer e vai e morre. Se ele soltasse quando o rio tá cheio...” (Maria de Aquino, 52 anos, marisqueira, dez. de 2001).

⁴⁴ Essa informação foi obtida em meio a conversas realizadas durante o trabalho de campo. Muitas pessoas das comunidades de Fortim comentam o assunto.

As lideranças comunitárias têm buscado maiores informações sobre o envenenamento dos caranguejos, inclusive através de contatos feitos com técnicos da Universidade Federal do Ceará e do Instituto Terramar.

Algumas lideranças acreditam que os caranguejos estão morrendo por causa de uma substância química que é utilizada nos criatórios de camarão, para viabilizar a desinfecção dos viveiros.

Se essa versão realmente procede, o que temos aqui é uma iniciativa irresponsável e criminoso, que não considera os riscos ambientais e as graves conseqüências que podem afetar a vida das populações ribeirinhas.



Foto 18 – Fazenda de Cultivo de Camarão.

A construção dos viveiros de camarão em áreas de manguezal é crime ambiental, pois estas são protegidas por lei. Mesmo assim, os criadores têm destruído os mangues, para que sejam construídos os tanques dos camarões.

Ainda mais grave é o fato de o Governo do Estado do Ceará incentivar esse tipo de iniciativa empresarial, nociva ao meio ambiente e aos povos do mar.

O problema é que os viveiros deveriam ser construídos em áreas distantes dos mangues, mas os criadores preferem aproveitar o habitat natural do camarão, a ter que dispor de mais recursos para simular esse ambiente. Como o camarão é uma espécie sujeita a uma alta taxa de mortalidade, os criadores não arriscam e, sob o argumento que irão gerar empregos e beneficiar as comunidades ribeirinhas, constroem os viveiros em áreas de

manguezal, prejudicando os ecossistemas locais e, conseqüentemente, afetando as vidas das famílias que do mangue dependem para viver.

A discussão é bem mais complexa do que à primeira vista pode parecer, pois o raio de prejuízos afeta também aqueles que vivem da pesca em alto-mar, já que o mangue alimenta, como vimos anteriormente, a vida marinha e contribui para a reprodução e o desenvolvimento de muitas espécies.

Esse crime socioambiental preocupa as marisqueiras, pois elas compreendem que estão enfrentando um grande “poderio”. Inclusive, muitas lideranças temem por saber que correm perigo, ao denunciar os empreendedores do camarão.

“Fortim já tá muita gente preparada, já tá sabendo da realidade, não tão querendo mais que ninguém faça o cultivo. Agora a não ser que as pessoas tenham seus próprios terrenos que façam, a SEMACE parece que não tão aceitando mais e o IBAMA também. Então, eu acho que o povo já tão sentindo o peso da história mesmo! É uma faca de dois gumes, ele corta de um lado, aliás, beneficia um lado, mas está maltratando o outro lado, que é a população, no caso, porque hoje nós não temos nenhum pescador de camarão, só os empresários, que é muito dinheiro. Ai eles dizem *nós, vamos dá emprego*. Não dão emprego que não tem emprego em viveiro de camarão, tem um, dois, três, quatro, mas não para uma população de pescador, né. Nem tem, até hoje ninguém conhece nenhum cultivo que seja de uma comunidade de pescadores ou que tenha 20,10,30 pescadores trabalhando ou sendo dono de um cultivo de camarão. Aqui nós não temos, só se for em outros cantos.” (Maria de Aquino, 52 anos, marisqueira, dez. de 2001).

Quando D. Maria diz que *no Fortim já tem muita gente preparada*, ela está reforçando a percepção do problema e da necessidade de resistência, caso a mortandade continue. As promessas de emprego por parte dos empresários também são temas abordados durante as reuniões da Colônia de Pescadores, pois as lideranças têm se preocupado em alertar sobre as reais intenções dos empresários, que estão muito mais interessados em diminuir seus gastos com a infra-estrutura necessária para os viveiros de camarão e, principalmente, em conseguir terras para construir os tanques e obter lucro rapidamente.

Todas essas questões tencionam o movimento organizado das marisqueiras, afetam a pesca no manguezal e em alto-mar e preocupam as populações das comunidades ribeirinhas e litorâneas.

As marisqueiras possuem um importante papel, tanto no fomento da conscientização/organização da população local, como na capacidade de articulação (mídia, institucional) para enfrentar os problemas citados e em particular através da atuação na Colônia.

Mais especificamente sobre a importância do trabalho da Colônia, D. Maria Helena afirma que:

“É importante, eu acho que é importante, porque antigamente a Colônia era só pros homens, as mulher não tinha espaço na Colônia, aí eu ouvia falar que tinha a Colônia, agora eu já vou na Colônia, mas antigamente nem na Colônia eu ia, porque eu não tinha nada na Colônia, mulher não tinha vez só o homem né. Ai então agora eu acho que é importante. Que tem agora essa menina lá, que toma de conta a Maria, através dela veio esse projeto e ai quer dizer que agora as mulheres têm acesso a Colônia, né.” (Maria Helena, 53 anos, marisqueira, dez. de 2001).

D. Maria Helena revela que a Colônia *Antigamente era só pros homens*. A vida pública e os lugares de decisão política no litoral cearense não foram historicamente constituídos por mulheres e para mulheres. Estas assumiam, quando muito, a função de secretariar as reuniões, pois possuíam mais estudos que os pescadores. Por outro lado, D. Maria Helena nos dá pistas para compreender também o porquê do pouco interesse das mulheres em participar das decisões da comunidade, salvo algumas lideranças. Quando afirma: *eu não tinha nada na Colônia, mulher não tinha vez só o homem*, revela um tempo em que os assuntos relacionados aos interesses das mulheres nem sequer eram levados em consideração.

Segundo pesquisa documental,⁴⁵ realizada com base nas atas de reunião da Colônia de Pescadores Z-21 de Fortim, a participação das mulheres até 1996 era inexpressiva. Com o início da gestão de D. Maria de Aquino, em 1997, os números mudam consideravelmente.

⁴⁵ Recorri aos documentos da Colônia durante meus estudos, por achar que deveria aproveitar esse rico material sobre a história, ainda que recente, de organização dos pescadores e marisqueiras de Fortim. Foi em contato com os livros de Atas que pude comparar algumas informações e situar outras melhor. Certas datas e marcos importantes, a trajetória junto aos parceiros, o início do trabalho com o grupo do GEMB e com o Terramar, os problemas enfrentados, a frequência das reuniões e os caminhos percorridos para a resolução dos impasses, dentre outros, esses dados estão dispostos nas Atas. O primeiro passo foi recolher os livros que estavam espalhados pela Colônia, o segundo foi organizar as informações, para em seguida partir para uma análise. Seleccionei então as informações que mais me interessavam, a partir dos seguintes pontos: datas das reuniões, presidente(a) vigente no período, assuntos tratados, número de mulheres e número de homens participantes.

O gráfico de barras a seguir permite visualizar o crescimento da participação das mulheres.⁴⁶

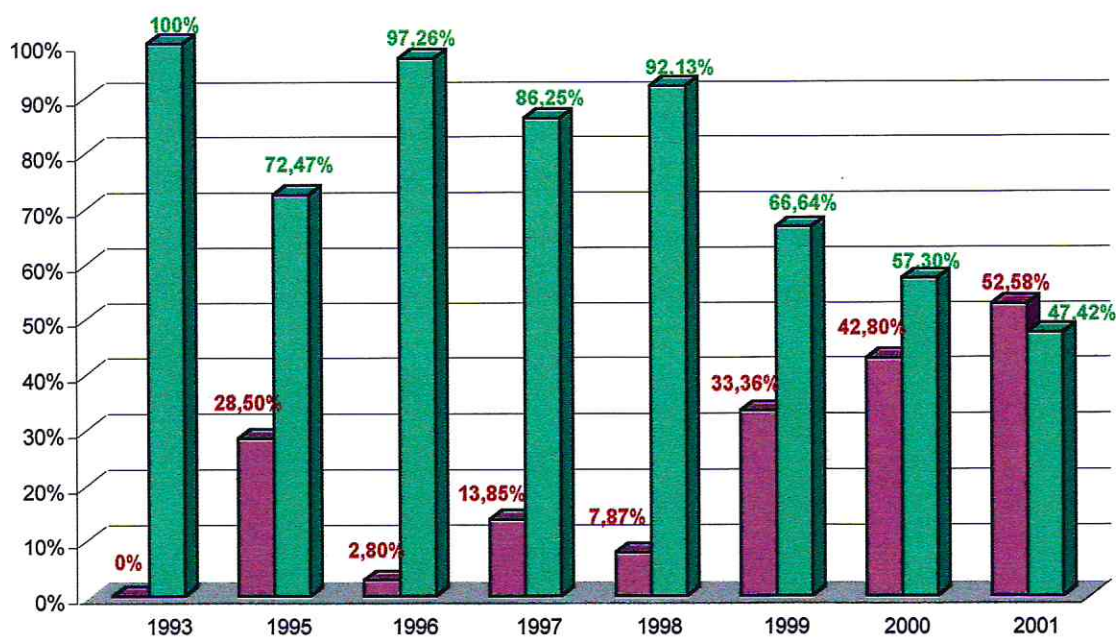


Gráfico 4 - Participação relativa anual por gênero nas reuniões da Colônia Z-21 de Fortim.

Analisando as informações obtidas no período que compreende de 1993 a 1996, a participação das mulheres nas reuniões da Colônia foi muito pequena, salvo uma diferença que surge em 1995, devido ao ponto de pauta ter se referido ao gerenciamento de recursos do Projeto São José,⁴⁷ elevando a percentagem de participação das mulheres para 28,5 %.

A partir de 1997 verifica-se um crescimento significativo que aponta como parâmetro, segundo a pesquisa documental, o surgimento de assuntos de interesse das mulheres, tais como: a eleição de uma nova diretoria, cuja presidência passou a ser ocupada por uma mulher; a criação de uma associação para beneficiar pescadores e marisqueiras; o fortalecimento da organização de mulheres e homens; o acompanhamento de palestras do

⁴⁶ A cor verde corresponde à taxa percentual de participação dos homens e a cor vinho à participação das mulheres.

⁴⁷ O Projeto São José foi uma iniciativa do Governo do Estado que financiava recursos para o desenvolvimento de pequenos negócios. O acesso a informações mais detalhadas são difíceis e há muitas dúvidas entre as lideranças e técnicos de ONG's sobre a natureza, as metas e a real abrangência do projeto.

Banco do Nordeste, mediante a realização de reuniões com representantes do mesmo, visando a futuros financiamentos para embarcações.

Em 1998, temos uma queda na participação das mulheres, salvo em uma reunião que contou com a participação de 25 delas e cuja pauta compreendeu o seguro-desemprego e o licenciamento dos pescadores no IBAMA. Podemos observar também que nesse mesmo ano foi realizada a maior quantidade de reuniões de todo o período estudado, chegando a um total de 21. As pautas referiram-se a financiamento de embarcações e contou com a participação de técnicos do BNB (Banco do Nordeste do Brasil).

ANO	Nº de reuniões
1993	4
1995	5
1996	3
1997	7
1998	21
1999	9
2000	7
2001	4

Tabela Nº 1 – Relação ano e Nº de reuniões da Colônia de Pescadores.⁴⁸

Em 1999, há uma retomada da presença das mulheres nas reuniões, que foi contabilizada em 33,36 %. É importante lembrar que esse ano foi marcado pelo início das reuniões sobre o projeto dos criatórios de ostras, caracterizando uma parceria com o LABOMAR, que muito chamou a atenção das marisqueiras.

No ano de 2000, houve um crescimento para 42,80 % de participação das mulheres. A maior parte das reuniões tiveram como pauta o trabalho nos criatórios de ostras.

E, finalmente, em 2001, verifica-se a maior frequência feminina do período pesquisado, que chegou a 52,58 %, superando inclusive, a participação masculina. As pautas estiveram, em sua maioria, relacionadas

com a dinâmica de trabalho dos criatórios de ostras e com conquistas trabalhistas para mulheres e homens.

Vale ressaltar que, a partir de 1999, a presença das mulheres superou a participação dos homens, salvo quando o assunto era o seguro-desemprego.

É importante situar que as marisqueiras também lutam pela igualdade de direitos e almejam o seguro-desemprego,⁴⁹ mas este benefício temporário ainda contempla apenas os pescadores, que durante o período do defeso se vêem impedidos pelo IBAMA de pescar certas espécies, como é o caso da lagosta.⁵⁰

“Quando é época da água doce, morre tudinho, só não os caranguejo, mas o que tem de marisco morre tudinho, morre a ostra, morre o búzio, morre o sururu, morre tudo!” (Francinete, 40 anos, marisqueira, out. de 2001).

O problema, como destaca Francinete, é que em época de chuva, o nível das águas do rio aumenta e a água doce mata os moluscos. As mulheres ficam então sem ter como trabalhar no mangue, que, além disso, torna-se ainda mais lamacento e sombrio. Daí o desejo em também garantir o seguro para os momentos de paradeiro.

Como não há ainda paradeiro regulamentado para os moluscos bivalves, o seguro-desemprego não está garantido para os(as) trabalhadores(as) das áreas de manguezal.

Retomando a pesquisa documental realizada durante o trabalho de campo, é possível visualizar quais são os assuntos que mais atraíram homens

⁴⁸ Não foi encontrado na Colônia de Pescadores de Fortim Z-21 nenhum registro de reuniões realizadas durante o ano de 1994.

⁴⁹ Para receber o seguro-desemprego o pescador necessita, segundo o Ministério do Trabalho, estar dentro de um perfil que corresponde aos seguintes aspectos:

- Possuir registro como pescador profissional no IBAMA, no mínimo há três anos;
- Exercer a atividade de maneira artesanal individualmente ou em regime de economia familiar, sem contratação de terceiros;
- Estar de posse de um documento da Colônia de Pescadores à qual esteja filiado ou do órgão do IBAMA, que comprove dedicação exclusiva à pesca.
- Não possuir renda mensal superior a R\$ 158,27;
- Possuir registro na Previdência Social e comprovante de pagamento de, no mínimo, duas contribuições;
- Não estar sendo amparado por benefícios da Previdência Social, a não ser com relação ao auxílio-acidente ou pensão por morte.

Cada pescador beneficiado receberá o montante de um salário mínimo, durante o período do defeso, não ultrapassando assim, cento e vinte dias.

⁵⁰ No capítulo 3, a problemática da lagosta será trabalhada com maior detalhamento.

e mulheres. Os homens mais “objetivos” se dispuseram a participar das reuniões e assembléias deliberativas quando o assunto estava relacionado a ganhos trabalhistas. Por outro lado, apesar de uma participação menor, as mulheres também se interessaram pelo mesmo assunto, já que iniciaram uma luta pelo reconhecimento da profissão e, ao mesmo tempo, demonstraram o desejo de participar de projetos que objetivavam valorizar sua contribuição ativa.

As mulheres que, até bem pouco tempo atrás, só saíam de casa para ir ao mangue, passaram então a ser solicitadas pela Colônia de Pescadores e por novos parceiros, a engajarem-se em projetos produtivos e educativos, que objetivavam melhorar a qualidade de vida local, através do aumento da participação feminina e do incremento da produção de ostras.

Com a organização comunitária, as marisqueiras foram, ao longo de suas trajetórias, gradativamente saindo da invisibilidade e conquistando parceiros importantes.

Atualmente é possível afirmar que o grupo conseguiu avanços valiosos, como: a aposentaria de uma parte das mulheres; a melhoria do trabalho desenvolvido na Colônia de Pescadores Z-21, que seguramente é uma das mais respeitadas do Ceará; o apoio e reconhecimento de outras comunidades litorâneas; e a crescente afirmação da condição de marisqueira.

Em meio a estas conquistas, as parcerias foram se dando por razões bastante diversas. No início do trabalho realizado a partir da Colônia de Pescadores, o CPP aproximou-se do grupo de mulheres marisqueiras com o intuito de construir uma relação de apoio à inclusão feminina no trabalho comunitário. Os membros do CPP faziam-se presentes esporadicamente, com um discurso de caráter religioso, estimulando e valorizando a participação da mulher na vida pública. As datas comemorativas como 8 de março – dia internacional da mulher - e o calendário religioso eram trabalhados sempre nessa perspectiva. Além disso, a luta política pela terra, a defesa dos direitos do pescador artesanal e a valorização da família, também estavam incluídos nos horizontes de trabalho do CPP.

Com o passar do tempo, as lideranças comunitárias estimuladas pela participação nos encontros do CPP e do MONAPE (Movimento Nacional dos Pescadores), nos quais as mulheres mantinham contato com outras lideranças

do Brasil, foram estimulando o aumento da participação feminina e sentindo a necessidade de buscar apoio financeiro para a resolução de problemas bem específicos das marisqueiras, como no caso da compra de um barco e de frizeres para a venda de pescado.

Confiantes que poderiam conseguir, já que a política das agências internacionais de financiamento era favorável ao apoio de organizações que possuíam como meta a inclusão de mulheres em instâncias comunitárias, as lideranças das marisqueiras, apoiadas pelo restante do grupo, saíram à procura de recursos. Um dos problemas enfrentados logo de início, foi o desconhecimento em relação à elaboração de projetos de financiamento.

Como as marisqueiras não dominavam essas informações, começaram a procurar instituições que pudessem contribuir neste sentido.

O poder público municipal, desconhecendo esses meios de captação de recursos, logo foi descartado pelas marisqueiras. As dificuldades financeiras e o descaso político foram alguns dos motivos que levaram as lideranças a procurar outras alternativas.

“A gente viu assim a dificuldade financeira. Por exemplo, pra gente ir para o outro lado (do rio) era difícil, não tinha embarcação, pedia carona nos outros barcos, às vezes até de pescador quando saía para o mar, a gente queria ir para o outro lado, mas era tão difícil! Era, tinha dificuldade mesmo! Aí veio o projeto, primeiro o projeto do LABOMAR. O pessoal do LABOMAR com a experiência do cultivo de ostra, que foi onde a gente começou mesmo a se orientar em relação aos marisco. Depois veio o projeto da DEVON com o TERRAMAR, e aí graças a Deus a coisa mudou muito, melhorou muito a nossa situação.”
(Maria de Aquino, 52 anos, marisqueira, dez. de 2001).

Dona Maria de Aquino situa os dois parceiros e dois marcos que contribuíram, em circunstâncias diferenciadas, para as mudanças que ocorreram com relação ao trabalho das marisqueiras, sendo estes: o LABOMAR (Laboratório de Ciências do Mar), ligado à Universidade Federal do Ceará e o Instituto Terramar, ONG que desenvolve ações no litoral cearense, visando à promoção da qualidade de vida das comunidades pesqueiras.

A chegada do LABOMAR ocorreu, como já foi mencionada, sem que as marisqueiras procurassem uma parceria, pois as condições ambientais de

Fortim atraíram os pesquisadores do GEMB (Grupo de Estudos de Moluscos Bivalves) para a região.

Quando os pesquisadores chegaram a Fortim, encontraram um grupo de mulheres marisqueiras que já demonstrava interesse pela efetivação de parcerias. O projeto produtivo atraiu então as mulheres que trabalhavam no manguezal com a coleta de mariscos. Por outro lado, os pesquisadores precisavam de um grupo forte que conseguisse levar o trabalho adiante, já visando à sustentabilidade do projeto e o beneficiamento das famílias locais.

Inicialmente, a idéia era cultivar ostras de maneira simples e alternativa, a partir de uma iniciativa experimental para, em seguida, se tudo corresse bem, atingir um estágio de comercialização.

O projeto abriu com certeza novas perspectivas para as marisqueiras de Fortim, sobretudo porque estas passaram a adaptar suas rotinas ao novo esquema de trabalho dos criatórios.

“É dependendo, se for duas mil ostra, aí ele vem saber se tem, no Fortim, ele procura a nossa líder, que é Rivanda aí pergunta: *Rivanda tem quantas ostras preparada pra vender? Aí se nós disser assim, “tem trezentas, tem quinhentas...”*, aí ele vai na Francinete e pergunta, aí vai juntando, aí leva dependendo das encomendas, né. Tem até agora um homem que ele vai ficar encomendendo, ele vai marcar o dia pra gente ajuntar mil, dois mil, as que tiver e ele compra. Eu sei que as meninas queria que eu fosse lá amanhã, queria falar comigo, que esse homem tinha mandado umas lembrança e queria conversar comigo, que eu que tinha fechado negócio com ele, eu que levei as ostras para mostrar a ele...” (Gorete – 42 anos, marisqueira, jan. de 2002).

A comercialização ainda está em estágio inicial, pois não há compradores certos. Até então, todos que encomendaram ostras não construíram nenhum vínculo mais duradouro com o projeto. As lideranças estão buscando divulgar o seu trabalho, e com isso, almejam fechar no futuro negócios que possam garantir maiores lucros para o grupo de marisqueiras. Da mesma forma acontece com o pessoal do GEMB.

A relação de parceria com o Instituto Terramar se deu de maneira diferenciada. Desta vez, foram as marisqueiras que procuraram a ONG, para que uma discussão sobre a importância da participação da mulher na vida comunitária pudesse ser estimulada, pois as lideranças identificavam que era importante incentivar o grupo, visando uma atuação maior e mais qualificada.

Ao chegar a Fortim, acompanhados do CPP, educadores do Instituto Terramar identificaram o potencial, o interesse e, sobretudo, a disponibilidade do grupo de mulheres do mangue e resolveram elaborar um projeto para suprir algumas necessidades e desejos expressos.

Um ano depois, mais precisamente em 2001, o projeto *Vida Vindo na Maré* foi financiado pela DEVON.⁵¹ Dentre os objetivos do projeto, foram incluídos a compra de um barco, a compra de frízeres e equipamentos para a venda de pescado, material de proteção (luvas) para a coleta de mariscos e cursos de capacitação em Educação Ambiental para as Marisqueiras.

O fato de as marisqueiras procurarem o Instituto Terramar para construir uma relação de parceria indica uma preocupação das mesmas em aprimorar um contato com discussões importantes, que contribuíssem para o amadurecimento profissional e pessoal.

As marisqueiras sempre demonstraram uma receptividade bastante significativa, com relação aos cursos e reuniões realizados com a presença dos parceiros, talvez por curiosidade ou por elas saberem das oportunidades que poderiam surgir a partir desses encontros, ou simplesmente por serem estes momentos em que a rotina da comunidade assumia uma outra dinâmica, atraindo aquelas que já desejavam algo a mais para suas vidas. Enfim, o fato é que as lideranças estavam sempre procurando trazer para Fortim, novas parcerias, com o objetivo de conquistar outros espaços.

Os parceiros começaram a ser referências para as marisqueiras e, durante meus estudos, pude perceber que existem relações de confiança e de interesse mútuo que foram sendo construídas ao longo dos processos de envolvimento com o grupo de mulheres.

Tanto o GEMB como o Instituto Terramar, através de caminhos diferenciados e em alguns momentos também complementares, vivenciaram experiências de contato com a cultura local, contribuindo para as mudanças que ocorreram nesse novo momento histórico da trajetória das marisqueiras.

O Instituto Terramar e o GEMB tornaram-se referências porque incentivaram, cada um a seu modo, o engajamento das marisqueiras em

⁵¹ Empresa Norte-Americana que trabalha com exploração de petróleo e que, como muitas outras instituições, dedica uma parte de seus recursos para fins sociais.

dinâmicas de trabalho, que tiveram o aspecto da organização como elemento de fundamental importância para a conquista de suas metas.

O GEMB possui um perfil mais técnico, com menos experiência em atuações com projetos comunitários. Já o Instituto Terramar se diferencia por possuir acúmulo técnico/educativo e uma preocupação muito voltada para a dimensão socioambiental.

Nas conversas que procurei ter com representantes das duas instituições, sempre foi reforçado por eles o fato de terem fundamentalmente aprendido muito com a experiência que as marisqueiras já possuíam.

É bem verdade que, em meio aos caminhos trilhados, as diferenças entre parceiros e marisqueiras foram elementos que contribuíram, ora para a riqueza dos processos desencadeados, ora para o surgimento de dificuldades. Se em muitos momentos as marisqueiras e os técnicos das instituições parceiras precisaram um do outro para melhor atingir seus objetivos relacionados, com relação aos avanços do trabalho que desenvolviam, por outro lado, os ritmos e as condições diferenciadas dos envolvidos, acabavam por proporcionar questões específicas aos contextos de ambos.

Durante a pesquisa, tive a oportunidade de conviver com as marisqueiras e com os seus parceiros em várias circunstâncias, o que me possibilitou o contato com situações de naturezas diversas, assim como também propiciou algumas interpretações sobre o assunto.

No início dos estudos, algumas marisqueiras até achavam que eu pertencia a uma das instituições parceiras. Levei, então, um certo tempo para explicar que estava na comunidade como pesquisadora e não como integrante de uma ONG ou do GEMB. Atualmente, acredito que uma boa parte do grupo já compreende melhor as minhas intenções, mas com certeza ainda existem dúvidas sobre essa questão, principalmente entre as marisqueiras com as quais não tive maior contato durante esses três anos de convivência.

Se, por um lado, o fato de eu já ter participado de projetos desenvolvidos no litoral cearense facilitou a minha percepção sobre as relações com os parceiros e, até mesmo, sobre os problemas vivenciados pelo grupo das marisqueiras, por outro lado, tal fato também trouxe dificuldades. Uma coisa é a relação existente entre o pesquisador e o seu objeto de estudo, outra coisa é a relação entre um educador ou técnico com as comunidades em que trabalha.

Não quero com isso supervalorizar uma relação em detrimento da outra, ou até mesmo afirmar uma neutralidade científica, da qual nunca fui simpatizante. Desejo apenas ressaltar o quanto essas duas “posições”, digamos assim, se diferenciam nas suas complexidades e, essencialmente, nos caminhos e nas metodologias escolhidos pelos envolvidos, para conseguirem atingir os seus objetivos específicos.

Confesso que não foi fácil chegar até aqui, pois sempre tive receio em cair no erro da vitimização ou de escrever sobre heroínas de uma história que não foi contada antes.

Optar por fazer uma leitura, onde as contradições estão presentes, com o aprofundamento dos meus estudos, pareceu-me bem mais interessante, pois é justamente assim que o cotidiano é construído pelas pessoas. Hoje acredito que a experiência que tive na universidade, aliada a afetividade que desenvolvi pelas marisqueiras, transformou-se em algo que também me fez crescer como profissional e como pesquisadora em História Social.

A necessidade de me diferenciar e de encontrar o meu lugar específico enquanto pesquisadora, possuía relação com a qualidade das informações que eu gostaria de obter para meus estudos. Afinal, seria ainda mais difícil conseguir detectar as contradições existentes no grupo, se eu fosse relacionada diretamente ao quadro de técnicos dos projetos desenvolvidos na região, pois as marisqueiras poderiam ter algum tipo de hesitação em expor suas opiniões.

Por outro lado, eu sabia que não deveria ser fácil para as marisqueiras abrir as portas de suas casas para falar com uma “estranha” sobre coisas de suas vidas. Foi justamente com a convivência, participando de momentos de trabalho no manguezal e nos criatórios, estando nas festas das comunidades e ajudando muitas vezes no que era preciso, que fui deixando de ser uma estranha. A propósito, as “conversas nos quintais” me ajudaram muito a compreender um pouco mais as dinâmicas e experiências vivenciadas pelas marisqueiras. E hoje, sei que, mais do que uma estratégia para conseguir entrar nesse outro universo alheio, fiz tudo isso por gostar da convivência com as comunidades ribeirinhas e, principalmente, por acreditar que estas possuem valiosas experiências a serem conhecidas e respeitadas.

Desde o início de minha chegada a Fortim, observei a parceria das marisqueiras com o GEMB e o Instituto Terramar e sabia que estar “munido” da vontade de realizar projetos com sucesso era algo que iria impor aos sujeitos envolvidos uma série de situações, cuidados e riscos.

Em relação a isso, uma das principais questões que pude perceber referiu-se ao planejamento das ações e metas a serem atingidas pelos projetos desenvolvidos no local. O envolvimento direto das marisqueiras, sejam lideranças ou não, com os processos de decisão e planejamento foi um elemento de fundamental importância para a garantia de sucesso dos trabalhos propostos. Sempre que as decisões tomadas pelos parceiros, por algum motivo, não passavam pelo “crivo” das marisqueiras, mais adiante acontecia algum tipo de entrave.

O envolvimento das marisqueiras no planejamento das ações foi e sempre será um grande desafio para o próprio grupo. Até porque os parceiros mudam e a dinâmica do grupo precisa se aprimorar cada vez mais, para que as dificuldades do dia-a-dia não se sobreponham à vontade que elas possuem de conquista de novos espaços.

Outro ponto que merece destaque é a necessidade que se faz presente de “lidar com as diferenças” que o grupo possui e, ao mesmo tempo, saber valorizá-las. Com certeza esta não é uma tarefa fácil, pois posturas como o imediatismo, o ativismo, a vaidade excessiva e a centralização são ameaças muito comuns, que acometem grupos de naturezas diversas. O melhor, então, é que estas posturas não encontrem campo fértil para se manifestarem. Algumas das marisqueiras já se aperceberam desses problemas que ameaçam concretamente, o seu trabalho, e preocupam-se com a dinâmica que o grupo pode vir a assumir.

Modos diferentes de pensar e de agir manifestaram-se em muitos momentos da construção dos processos de intervenção cotidiana, fazendo com que os objetivos dos projetos fossem, inclusive, modificados de acordo com a intensidade dos obstáculos encontrados.

Ao se engajarem no cotidiano das marisqueiras, técnicos do GEMB e do Instituto Terramar passaram a se deparar com situações antes já vivenciadas pelas lideranças locais, como no caso dos níveis diferenciados de participação das marisqueiras e os desafios organizacionais existentes.

Por outro lado, com a chegada dos parceiros, as marisqueiras de uma maneira geral, passaram a acreditar ainda mais que as coisas poderiam realmente melhorar, pois descobriram que outras pessoas também valorizam e se interessam pelo trabalho que desenvolvem em Fortim.

Hoje, além da Colônia de Pescadores e da projeção⁵² que o grupo vem tendo devido a seus esforços e à participação em projetos comunitários, novos espaços também estão sendo conquistados, como é o caso da Câmara de Vereadores. Basta constatar que, Lelete, uma marisqueira, foi eleita vereadora, sob a plataforma política de defesa dos direitos das mulheres e homens pescadores.

Ao perguntar para Lelete o que é ser uma mulher vereadora e marisqueira, obtive a seguinte resposta:

“É... pra mim não tem nenhuma diferença não. Não tem nenhuma diferença, porque o que eu fazia, o que eu fazia antes, eu faço agora. Só que tem mais trabalho, né. Eu tenho que ta na câmara toda sexta-feira.” (Luzirene “Lelete” – 42 anos, marisqueira, abr. de 2002).

De acordo com a narrativa de Lelete, ser também uma mulher vereadora não lhe proporciona atributos especiais, pois o trabalho que já desenvolvia anteriormente no dia-a-dia continua. No entanto, para mim, sua fala reafirma a capacidade de administrar várias situações, pois quem conhece Lelete sabe o quanto ela é solicitada pelas comunidades de Fortim. O trabalho assumiu outras conotações, mas a luta continua sendo a mesma, pela valorização e reconhecimento dos direitos de marisqueiras e pescadores. Além disso, a eleição de Lelete é um forte indicador de reconhecimento por parte dos homens com relação ao potencial político e organizacional de mulheres.

Lelete costuma contar como precisa reafirmar na Câmara de Vereadores o quanto se orgulha de ser marisqueira, para quebrar com os preconceitos

⁵² Durante o período de 2001 a 2003, algumas reportagens foram realizadas com as marisqueiras:

- Dia 30/04/2001 – O Povo – *As marisqueiras lutam por direitos;*
- Dia 21/07/2001 – O Povo – *Cultivo de ostras é fonte de renda para mulheres de Fortim;*
- Dia 09/12/2001 – O Povo – *Profissão: marisqueiras;*
- Dia 08/03/2002 – Diário do Nordeste – *Mulheres catadoras de ostras;*
- Dia 08/03/2002 – Diário do Nordeste – *O mar como desafio/ Colônia de Pescadores de Fortim investe na profissionalização feminina;*
- Dia 21/04/2002 – O Povo – *Pescaria de resultados;*
- Dia 06/07/2003 – Diário do Nordeste – *Marisqueiras reivindicam seus direitos.*

existentes. A divulgação da profissão, segundo ela, é fundamental para conquistas futuras e muito ainda precisa ser feito nesse sentido.

Temos aqui, então, novos espaços sendo conquistados, novos rumos a trilhar e antigos impasses a serem superados!

Mesmo dedicando a maior parte de seu tempo à realização do trabalho no manguezal, nos criatórios e também no ambiente doméstico, algumas marisqueiras ainda participam das reuniões da Colônia de Pescadores Z-21 de Fortim, buscando, através da organização, melhorar a dinâmica dos criatórios e conquistar reconhecimento profissional.

Como podemos observar, à luz da experiência das marisqueiras, os processos organizacionais que surgem no litoral cearense ⁵³ também dependem das mulheres, que são presença mais constante nas comunidades pesqueiras. Os homens chegam da pesca exaustos e, em geral, pouco acreditam na possibilidade de mudança dos rumos das Associações Comunitárias e Colônias de Pescadores, pois historicamente já vivenciaram em suas praias muitas situações de apadrinhamento e descaso político.

Desenvolvendo atividades que não as retiram das suas praias, como a pesca no mangue e o artesanato, as marisqueiras estão mais próximas dos problemas do dia-a-dia. Preocupam-se muito com o futuro dos filhos, com a falta de perspectivas de trabalho, com a saúde dos familiares e com o aumento da violência no litoral.

Envolvidas com suas questões de trabalho e de vida, as marisqueiras acabaram se diferenciando das outras mulheres da comunidade, por estarem mais próximas das ações organizacionais e educativas realizadas na Colônia de Pescadores de Fortim, assim como também pelas próprias características da atividade que realizam.

Vale lembrar que, dentro do grupo de marisqueiras, há diferenciações que podem ser observadas, tais como: as lideranças e as mulheres que não estão na linha de frente do trabalho comunitário; as mais velhas e as mais novas; aquelas que possuem um maior desempenho na pesca e aquelas com menor desempenho; as mulheres que acreditam que a mariscagem vai

melhorar e também aquelas que estão no trabalho, mas duvidam de um futuro promissor.

Especificamente sobre as lideranças, há um campo muito fértil para a pesquisa, pois estas se diferenciam pelo envolvimento com o trabalho comunitário, político e organizacional e pela visão que possuem do grupo como um todo. Não estou querendo, com isso, afirmar que suas atuações possuem maior valor, mas que elas efetivamente são mulheres que se doam muito para que o grupo avance em seus objetivos, fato que implica diversas possibilidades de análises.

As lideranças estão à frente do trabalho desenvolvido na Colônia e nos criatórios e representam o grupo em vários momentos, seja dentro ou fora de Fortim. Muitas vezes, as marisqueiras são chamadas para falar sobre sua experiência de organização e de trabalho em outras comunidades litorâneas e até em outros Estados.

Um dado interessante é que as mesmas lideranças durante um bom tempo realizaram a tarefa de representar o grupo de marisqueiras, mas atualmente estão tentando um esquema de revezamento das representações, no intuito de estimular um maior envolvimento de outras mulheres. Entretanto, a maioria delas ainda se intimida diante do desafio de falar em público, ou até mesmo de viajar, isso aliado ao fato da não-permissão e apoio de alguns maridos.

A respeito do ato de “representar”, existem infinitas questões a serem discutidas, pois em alguns momentos as lideranças são extremamente perspicazes no que trata das necessidades expostas pelo restante do grupo, mas também, em outros momentos, tornam-se centralizadoras, chegando, sem se aperceberem, a alimentar situações que geram dependência, em particular na “manutenção da palavra”.

Muitas das iniciativas que se relacionam à busca de parcerias, de informações, intercâmbios com outras comunidades litorâneas, comercialização das ostras, conquistas trabalhistas e visibilidade do trabalho partiram das lideranças. Tanto que o início do movimento organizado das

⁵³ Vale ressaltar que estou chamando de movimento organizado às práticas realizadas por um grupo de pessoas que possuem uma estrutura de organização e que sustentam, como objetivo, a conquista de novos espaços e ganhos políticos e sociais.

marisqueiras de Fortim possui uma relação direta, como já foi dito anteriormente, com a projeção de algumas líderes. Basta constatar a conquista da presidência da Colônia de Pescadores Z-21 por uma marisqueira e os avanços relativos aos ganhos trabalhistas.

Além destas questões, há todo um movimento interno que as lideranças travam no dia-a-dia, visando auxiliar o grupo a manter-se forte e unido. Assim mesmo, muitos conflitos ocorrem por causa de disputas de poder e opiniões contrárias entre as marisqueiras.

As lideranças seguem, tentando garantir que os projetos conquistados alcancem êxito. E em meio a essas tentativas, ocorrem problemas de organização e de falta de comunicação, que levam o grupo a uma convivência, por vezes, fragilizada.

*“Eu acho que é uma vida, como é que se diz... movimentada né, que elas, eu acho que aquele incentivo, elas se sentem aquele prazer de fazer aquele trabalho, só que tem umas que desvanece, acha que porque *ai isso lá vai ter futuro, a gente lá vai dá resultado*, porque elas queriam que fosse assim logo, logo já tivesse o comprador, quando as ostra tivesse boa de vender já tivesse o comprador. Aí quando a gente não tem logo o comprador, elas dizem que não vai dar resultado, pra ganhar, e elas querem logo ganhar muito. A primeira venda que a gente fez, que foi pouco né, que deu dez reais pra cada, teve umas que reclamaram foi muito, *ah, trabalhei tanto, tá com mais de ano que eu trabalho pra ganhar esse dinheiro*, eu digo: *mas foi a primeira vez, vocês vêem que das outras vezes ninguém nunca teve retorno, o primeiro ano que a gente ta tendo retorno é esse, depois que surgiu os projeto, que a gente foi lutando, foi o primeiro ano que você ta ganhando dinheiro. Quantos anos que nós já perdemos? Um vez foi embora tudo, outra vez foi mudado e roubaram né e agora que a gente ta tendo o retorno, vocês tem que compreender que, é aos poucos é que a gente vai vencendo neste trabalho dos criatório.*” (Gorete – 42 anos, marisqueira, jan. de 2002).*

Os anos que passaram no anonimato, as tensões às vezes enfrentadas em casa por causa do descrédito dos homens, os conflitos internos vivenciados no grupo e as dificuldades impostas pela natureza do próprio trabalho, dentre outros aspectos, levaram algumas marisqueiras a pressionar as lideranças por um retorno rápido e eficaz, suprindo às suas necessidades. Na narrativa de Gorete, podemos perceber as tentativas de soerguimento das “desvanecidas”, como ela mesma coloca.

Gorete se refere também a alguns episódios de perda de estoques, devido a acidentes ocorridos, como o problema de uma mesa do criatório que foi levada pela maré e o roubo de outra que tinha sido transferida para a comunidade de Baleia, situada no litoral oeste.⁵⁴

Essas manifestações de desagrado, se observadas cuidadosamente, chegam a ser mais positivas do que negativas, pois forçam as lideranças das marisqueiras a não se afastarem dos desejos e insatisfações do restante do grupo. Ao mesmo tempo, tais manifestações abrem margem para uma discussão sobre o papel das lideranças locais.

Em alguns momentos de convívio, pude perceber que as lideranças são apoio efetivo em vários aspectos, sejam eles de ordem prática ou psicológica. Essas mulheres, que muitas vezes também se cansam de estar à frente do movimento, desejam que outras marisqueiras, diante dos desafios impostos a todas, assumam mais tarefas.

Na ânsia de querer ver as coisas acontecerem, os processos de organização e mobilização acabam sendo voltados para aquelas que já conseguiram se desvencilhar de vários obstáculos, ou para as que não se importam em "alimentar divergências", mesmo que sejam com seus companheiros, porque querem, como elas mesmas dizem, "continuar na luta".

Por outro lado, as marisqueiras que não são lideranças garantem a continuidade dos processos desencadeados, procurando não se situar na linha de frente, mas partindo para a realização do trabalho. Conhecer essas mulheres possibilitou a percepção de outras vozes, outros desejos, outros olhares do movimento das marisqueiras, pois as lideranças possuem, de uma maneira geral, um discurso já bastante trabalhado e estruturado.

A elaboração do discurso das lideranças se dá pela observação constante do grupo e do contexto que vivenciam, pela experiência e trato com outras pessoas e instituições e pela participação em inúmeras reuniões, seminários e eventos, nos quais elas expõem o trabalho que vêm realizando

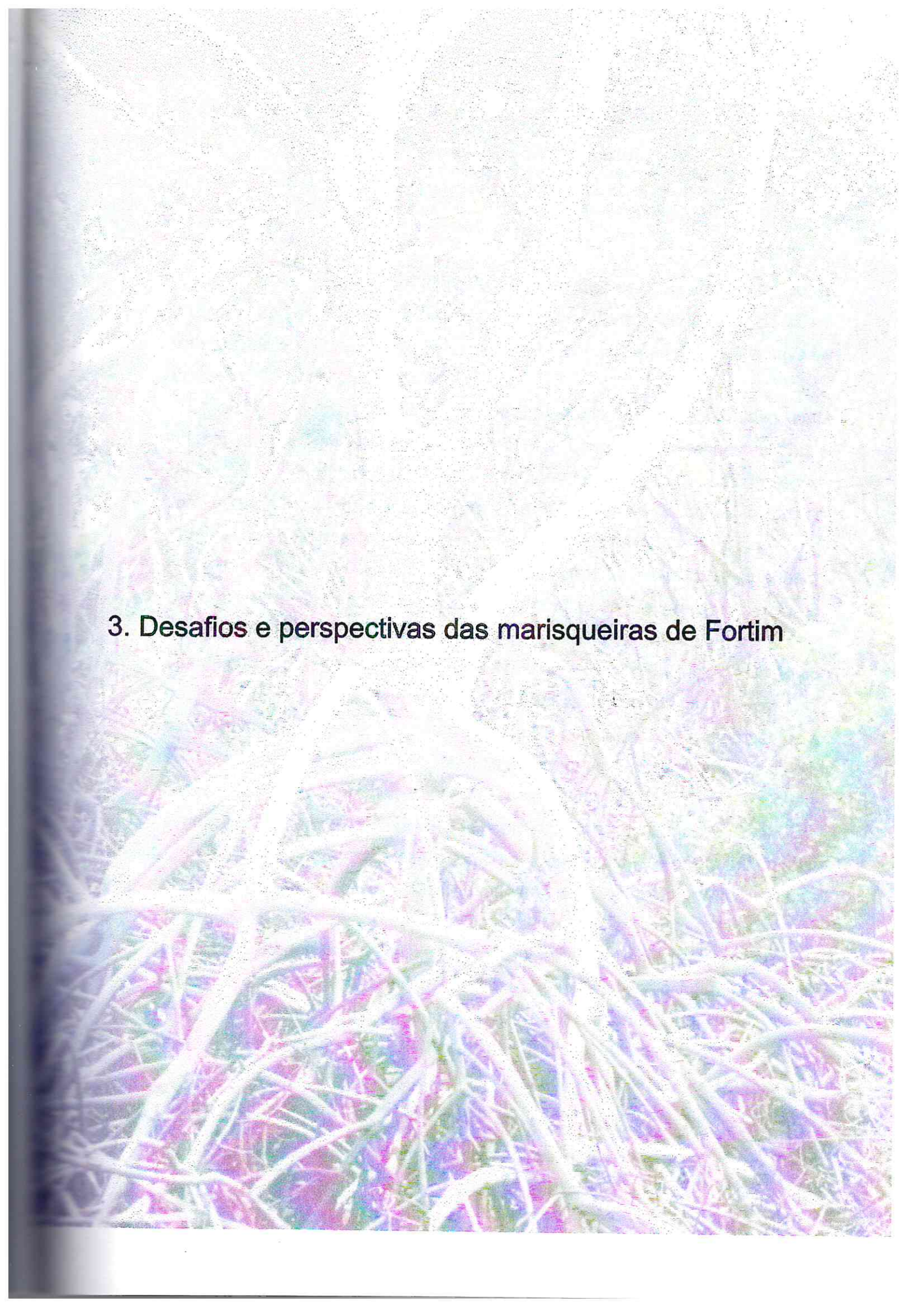
⁵⁴ Logo no primeiro ano (2000) do projeto dos criatórios de ostras, o nível da água do rio Jaguaribe aumentou, devido às chuvas de inverno. Os pesquisadores do GEMB ficaram temerosos em perder os estoques por causa da água doce que "envenena" as ostras, então eles escolheram a comunidade de Baleia do litoral oeste, que possui condições naturais favoráveis ao cultivo, para fazer a transferência temporária das mesas. A idéia não funcionou, pois as estruturas foram sabotadas e o estoque roubado. Até hoje não se tem notícia dos responsáveis pelo infortúnio.

em Fortim. Tanto que, atualmente essas mulheres que estão à frente do movimento organizado possuem uma agenda lotada de compromissos a cumprir e, às vezes até de entrevistas.

Com toda essa movimentação, as lideranças concretamente ensinam e aprendem muito. O próprio exercício de articulação de seus discursos lhes permite cada vez mais aprimorar informações sobre o cotidiano e sobre a pesca. Se por um lado esses aspectos são positivos, por outro, também podem levar a um “engessamento” dos pontos de vista.

Mesmo com todas essas dificuldades, as lideranças tiveram um papel importante no surgimento de uma nova consciência sobre a mariscagem, incentivando o fortalecimento e a renovação do grupo, que a cada dia trilha caminhos de acordo com suas possibilidades de atuação e com sua disponibilidade para o trabalho político e organizacional.

São essas mulheres, lideranças ou não, que elaboram estratégias de sobrevivência, para acompanhar as dinâmicas projetadas no tempo. Essas dinâmicas estão por sua vez, repletas de novos e antigos elementos, interligados e constituídos na memória, no manguezal, nas águas do rio e na lama, afirmando, assim, uma interminável história de vida e de luta.



3. Desafios e perspectivas das marisqueiras de Fortim

3. Desafios e perspectivas das marisqueiras de Fortim

Somos sujeitos porque desejamos, sonhamos, imaginamos e criamos; na busca permanente da alegria, da esperança, do fortalecimento da liberdade, de uma sociedade mais justa, da felicidade a que todos temos direito.

Paulo Freire¹

O "olhar prospectivo" é parte inerente das práticas do historiador e integra o conjunto das preocupações que alimentam o último capítulo deste trabalho, no qual questões anteriores são retomadas dessa vez na tentativa de promoção de um olhar para o futuro.

A imagem desse futuro se constrói fundamentalmente com base numa memória sobre a mariscagem, que se afirma nas experiências acumuladas e vivenciadas pelas marisqueiras no passado, no presente e nas projeções formuladas. Portanto, passado, presente e futuro serão, mais uma vez, compreendidos e tratados como tempos inter-relacionados.

Em relação ao contexto das marisqueiras, vale ressaltar a importância de questões como *sustentabilidade e conservação dos recursos naturais*, enquanto desafios que se projetam para o litoral cearense e para as comunidades ribeirinhas. Nessa perspectiva, as ações realizadas até então por estas mulheres e que foram discutidas e analisadas nos capítulos anteriores, acrescentadas por um levantamento e reflexão sobre seus sonhos, constituem-se como importantes contribuições, pois apontam para a construção de saídas locais, em relação a problemas que possuem muitas vezes dimensões globais, sendo, dessa maneira, vivenciados também por outras comunidades.

Mas, por que trabalhar o enfoque dos sonhos? Porque os sonhos enchem de significados as vidas das marisqueiras e também possibilitam uma investigação mais atenta às suas necessidades. Partir dos sonhos foi um percurso metodológico escolhido com o objetivo de incentivar as mulheres entrevistadas a fazer uma projeção e uma reflexão sobre o futuro. A análise dos sonhos propiciou o contato com novos e importantes elementos que também favoreceram um entendimento das práticas de hoje.

Sonhar, desejar, querer. Quais são os sonhos dessas mulheres? O que mais desejam as marisqueiras para suas vidas e de suas famílias? Esses

¹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido, saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

sonhos se harmonizam com os desafios do grupo? Em que patamar a memória sobre a mariscagem contribuiu para os desejos e perspectivas do grupo?

Estas questões são fundamentais para re-situar a importância de experiências como as das marisqueiras na construção da História do litoral cearense. A relação com a natureza, as transformações ocorridas com o trabalho, o movimento organizado da Colônia de Pescadores Z-21, as conquistas efetivadas através das parcerias, os conflitos frente às investidas de destruição das áreas de manguezal, os problemas relacionados com a pesca, o apoio e os entraves que os homens, de maneira diferenciada manifestam, dentre outras, projetam novas possibilidades para o grupo. Além das preocupações com o reconhecimento da mariscagem enquanto trabalho, as marisqueiras também anseiam por melhorias para suas famílias e comunidades.

3.1. Sustentabilidade e conservação dos recursos naturais

... não se trata de atribuir a perfeição a nenhum grupo social ou sociedade. Vários grupos humanos têm conseguido graus diferenciados de "sustentabilidade": ao mesmo tempo, conseguem sobreviver, manter seus padrões culturais (e aí até podemos questionar esses padrões) e possibilitar a reprodução do meio ambiente com o qual convivem, sejam florestas, manguezais, áreas litorâneas, cerrados ou outros. Neste sentido, sustentabilidade é sobrevivência, desde que isso implique também na preservação da qualidade ambiental.

Cristina Scheibe Wolff²

Para refletir sobre as possibilidades que se abrem para as marisqueiras e suas comunidades, é importante assentar a discussão sobre a problemática da sustentabilidade, situando-a historicamente, para melhor compreender como as experiências das mulheres do mangue se harmonizam com a perspectiva de mudança dos rumos da história do litoral cearense.

Existem diversas interpretações ou definições sobre sustentabilidade. Acredito que um bom caminho para compreender melhor a problemática que se configura sobre o assunto é o contato com a trajetória de projeção

² PROJETO HISTÓRIA. Nº 23. A construção da sustentabilidade nos seringais em crise: uma questão de gênero. Alto Juruá, Acre/Brasil: 1912 a 1943. In: *Natureza e Poder*. São Paulo: PUC, EDUC/ FAPESP, 2001, p. 252.

internacional e nacional da preocupação crescente com as questões sócio-ambientais. A opção por esse percurso possui uma relação direta com a necessidade de compreensão dos desafios que surgem concretamente para os sujeitos envolvidos com a utilização responsável dos recursos naturais, como no caso das marisqueiras.

Historicamente, duas questões se fazem muito presentes, mesmo que de maneira, diferenciada, nas reflexões realizadas por estudiosos sobre a problemática ambiental: a relação homem, cultura e natureza; e as revoluções científicas dos séculos XVI e XVII, que contribuíram para uma visão dos recursos naturais como "mercadoria inesgotável".

Segundo alguns autores, os problemas ambientais começaram a ocorrer há muito tempo, mais precisamente com as primeiras investidas do homem para dominar a natureza. O próprio surgimento da agricultura intensiva é destacado por Simon Schama como um acontecimento que marcou a mudança das relações nessa perspectiva.

"Diz-se, portanto, que a agricultura intensiva possibilitou todo tipo de males modernos. Rasgou a terra para alimentar populações cujas demandas (por necessidade ou por luxo) provocaram mais inovações tecnológicas, que por sua vez, ao exaurir os recursos naturais, impulsionaram mais e mais o ciclo exasperado de exploração ao longo de toda a história do Ocidente. E talvez não só do Ocidente. É possível, dizem os críticos mais severos, que toda a história da sociedade sedentária, dos chineses loucos por irrigação aos sumérios loucos por irrigação, esteja contaminada pela brutal manipulação da natureza."³

É claro que temos que considerar o fato das culturas possuírem relações de apropriação da natureza bastante diversificadas, dado fundamental a ser percebido e incluído nesta discussão. Todavia, não podemos negar que uma imensa exploração dos recursos naturais, pautada na percepção da natureza como algo inesgotável, constituiu-se como um elemento que favorece a idéia de que o valor atribuído ao mundo natural para algumas sociedades esteve relacionado essencial e historicamente a interesses econômicos.

Schama não condena o surgimento da agricultura, mas situa que a destruição ambiental é um acontecimento mundial, pois tanto o Ocidente como

³ SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, pp.23-24.

o Oriente, ávidos por dominar a natureza, contribuíram para o lamentável quadro de desequilíbrio vivenciado por boa parte das populações do planeta.

No plano da História internacional do pensamento ecológico, alguns acontecimentos são considerados como importantes, pois favoreceram mundialmente a emergência da discussão sobre o problema da sustentabilidade, tão abordado nos dias atuais.

As explosões das bombas atômicas, lançadas em agosto de 1945, sobre as populações de Hiroshima e Nagasaki constituíram-se como marcos importantes que transformaram a ameaça de destruição do planeta numa real possibilidade. Por outro lado, tal ameaça também significou a projeção de todo um movimento de reação, a favor de uma vida livre do medo e da destruição.

Da indignação de distintos grupos de "amantes da vida", projetaram-se idéias ambientalistas que impulsionaram seus primeiros passos rumo à paz mundial, através de mobilizações pacifistas e antinucleares.⁴

Por volta de 1960, uma preocupação ambiental assume proporções crescentes, devido aos fortes impactos físicos e sociais causados por "desastres" que começavam a afetar e a chamar a atenção da população mundial.⁵ Os problemas ambientais foram se intensificando e assumindo dimensões consideradas alarmantes.⁶

Este acelerado processo de degradação, se configurou como fruto de uma dinâmica global, marcada pelas desigualdades, pela apropriação predatória da natureza e pelo descaso com as gerações futuras.

No Brasil, as reflexões sobre os problemas ambientais também se constituíram como foco das atenções de alguns pensadores preocupados com

⁴ O movimento pacifista criticava um Estado bélico, autoritário, industrialista, centralizador e materialista, e através da rebeldia *hippie*, os pacifistas propunham uma contracultura voltada para a construção de uma sociedade alternativa, na qual a filosofia oriental, as diferenças étnicas, as práticas artesanais, o holismo, a paz, o amor e o respeito à natureza se constituíam como elementos fundantes para a construção de uma vida simples, pautada no crescimento espiritual e não material.

⁵ Em 1962, Rachel Carlson lança o clássico livro *Primavera Silenciosa* (Silent Spring), despertando a sociedade americana para o debate sobre as atrocidades promovidas por uma ciência moderna que cria tecnologias e promove irracionalmente o desequilíbrio ambiental. A obra sustentava a tese de que os pesticidas utilizados para garantir uma agricultura mais rentável foram responsáveis pela ameaça de vida de diversas espécies.

⁶ Ainda na década de 1960, um desastre ecológico provocado pelo derramamento de mercúrio na baía de Minamata, no Japão, causou a morte de cerca de trezentas pessoas (entre elas estavam pescadores e seus familiares). O desastre ganhou maiores proporções quando, da comercialização de peixes contaminados, foram intoxicadas milhares de pessoas, suscitando o debate e a preocupação com o descaso do setor industrial e do Estado, que ocasionaram problemas à saúde da população, associados a um quadro de desequilíbrio ambiental.

a exploração predatória dos recursos naturais. Segundo José Augusto Pádua, não datam de hoje as preocupações com os processos de destruição do ambiente natural ocorridos em solo brasileiro. O autor nos proporciona uma contribuição muito valiosa sobre o assunto, pois, segundo seus estudos, o Brasil dos séculos XVIII e XIX já era cenário de destruição e, conseqüentemente, de reflexões realizadas por intelectuais sensíveis à problemática.

O autor reforça que, ao contrário do que muitos podem imaginar, a crítica ambiental não é um fenômeno contemporâneo importado da Europa e dos Estados Unidos, mas sim, tem suas raízes históricas muito presentes também no Brasil.

“O valor do mundo natural, desta forma, repousava principalmente na sua importância econômica e política. A dinâmica da natureza poderia e deveria ser decifrada pelo conhecimento científico e pela experimentação consciente, que estabeleceria as condições para o correto aproveitamento. A degradação do território derivava da utilização de práticas tecnológicas e sociais rudimentares, originadas do passado colonial. Grande panacéia para estabelecer a sanidade ambiental da economia brasileira, após séculos de colonialismo predatório, estava na modernização tecnológica e operacional do sistema produtivo e das instituições sociais. A destruição do ambiente natural não era entendida como um ‘preço do progresso’, como na visão hoje dominante, mas sim como um ‘preço do atraso’.”⁷

Pádua afirma que, no passado escravista do Brasil, intelectuais já faziam duras críticas à destruição do mundo natural e situavam o problema, enquanto “crime histórico”, como conseqüência da utilização de práticas tecnológicas e sociais rudimentares.

O autor segue trabalhando com a história intelectual brasileira, enfatizando que, em meio a vários estudiosos que compunham um grupo interessado em construir uma crítica ambiental, as contribuições, de José Bonifácio merecem destaque pelo alerta que representaram em relação aos problemas ambientais, frutos da *ignorância* e do *atraso*.

De maneira mais recente, no século XX, outros importantes acontecimentos também marcaram a história ambiental do Brasil, dentre eles

⁷ PÁDUA, José Augusto. *Um sopro de destruição: Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002, p.13.

podemos destacar o surgimento do movimento em defesa da Amazônia, que significou a resistência e reação às ações internacionais e nacionais de exploração indevida da floresta.

As discussões sobre a sobrevivência dos povos da floresta e a diminuição progressiva da biodiversidade local afluíram na década de 1980, com força em todo o Brasil. A união dos seringueiros e índios em prol da biodiversidade chamou a atenção do país para a situação de desequilíbrio ambiental e tensão política instaurada pelo processo de uso e ocupação da terra na região norte. Os conflitos que se deram ocasionaram, lamentavelmente, o assassinato de trabalhadores e lideranças locais, dentre eles Chico Mendes, morto em Xapuri, no dia 22 de dezembro de 1988.

Paralelamente, estudos prognósticos, foram sendo realizados, objetivando analisar as relações socioambientais construídas no presente, com conseqüências que afetariam a vida, num futuro não muito distante.

A discussão sobre sustentabilidade ganha uma projeção maior a partir da década de 1990 e durante diversos encontros, reuniões, seminários e fóruns foram elaborados tratados, cartas e documentos, contendo princípios discutidos e estipulados por muitos líderes de Estado, representantes dos mais diversos países.

Uma concepção de mundo que considera, ao longo da história, a natureza como mercadoria inesgotável continua até os dias de hoje, sendo criticada por intelectuais e pelos movimentos sociais, que demonstram maior preocupação com questões que anteriormente não possuíam o destaque e a abrangência merecida.

Um quadro de desequilíbrio ambiental em todo o mundo, provoca nas décadas de 1980 e 1990, críticas à imprudentes ações como a destruição da camada de ozônio, a extinção de espécimes da fauna e da flora, a destruição dos manguezais, a poluição dos mananciais hídricos e outras, que resultaram na promoção ainda maior das desigualdades sociais.

Sobre o assunto, Simon Schama nos proporciona uma importante contribuição, alertando que, mesmo diante de tantas ações nocivas ao meio ambiente, não podemos ficar atrelados unicamente a tão duras constatações. E o autor chama a atenção para a existência de importantes elos que, por outro lado, foram construídos, com relação à cultura ocidental e a natureza. Afinal, é

o homem que atribui significados à natureza, fomentando, sobretudo, ricas relações que não podem se restringir a um quadro desanimador de destruição. *Não podemos estar presos ao mecanismo de nossa autodestruição* ⁸.

Diante da diversidade de opiniões a respeito dos problemas ambientais, um ponto nos leva as seguintes interrogações: É possível construir a sustentabilidade dentro dos moldes do sistema capitalista? É possível ir além da destruição, que é lugar-comum nas análises que intelectuais e os movimentos sociais realizam, para encontrar a riqueza dos significados que o homem atribui à natureza, como nos alerta Simon Schama?

Mas o que significa falar sobre sustentabilidade? E o que realmente está em jogo, quando estamos tratando desta questão?

Ignacy Sachs⁹ facilita a compreensão de toda essa problemática e chama a atenção para o que ele denomina de *as cinco dimensões do ecodesenvolvimento ou sustentabilidade*. As discussões que o autor realiza para definir essas cinco dimensões são esclarecedoras do ponto de vista das questões levantadas anteriormente.

A primeira dimensão corresponde à *sustentabilidade social*, que objetiva uma equidade na distribuição de renda e bens, para favorecer a redução e o contraste entre padrões de vida de ricos e pobres.

A segunda dimensão é a *sustentabilidade econômica*, que deve ser promovida através da alocação e do gerenciamento dos recursos naturais e também de um movimento mais constante de investimentos públicos e privados. A eficiência econômica deve ser avaliada tomando como ponto de partida o contexto macrossocial, e não apenas, privilegiando o modo de vida arrivista.

A terceira compreende a *sustentabilidade ecológica*, que o autor propõe: a utilização dos recursos naturais com um mínimo de danos aos sistemas de sustentação da vida; a limitação do uso de combustíveis fósseis e de outros recursos facilmente esgotáveis, substituindo-os por recursos mais abundantes e menos agressivos ao meio ambiente; a redução dos resíduos e da poluição, através da reciclagem e da conservação de energia; a promoção da

⁸ SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

⁹ SACHS, Ignacy. Estratégias de Transição para o século XXI. In: BURSZTYN, Marcel (org). *Para Pensar o Desenvolvimento Sustentável*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

autolimitação do consumo de materiais em todo o planeta, enquanto uma postura individual e coletiva; a intensificação da pesquisa para a conquista de tecnologias alternativas; a definição de normas adequadas à proteção ambiental, determinando a máquina institucional.

A quarta dimensão é a da *sustentabilidade espacial*, que consiste numa outra contextualização do rural e do urbano, de maneira mais equilibrada. Para tanto, o autor sugere: a redução da concentração nas áreas metropolitanas; o freio da destruição de ecossistemas frágeis;¹⁰ a promoção da agricultura, através da utilização de técnicas modernas; o incentivo à industrialização descentralizada, associada à nova geração de tecnologias, pensando no uso sustentável dos recursos naturais e, principalmente, por estas indústrias possuírem um importante papel de geração de empregos; e, finalmente, a criação de redes de reservas naturais, objetivando a proteção do meio ambiente.

E por fim, a quinta dimensão consiste na *sustentabilidade cultural*, que fundamentalmente incentiva a promoção de processos que respeitem e apoiem a diversidade cultural, visando à busca de soluções para os problemas existentes sob a perspectiva local.

Sachs não dissocia nenhuma dessas dimensões, pois afirma que todas elas trazem elementos que se inter-relacionam e sinalizam para novas perspectivas que não podem prescindir a justiça social, a qualidade de vida e o equilíbrio ambiental.

A partir das idéias de Sachs, podemos perceber que o conceito de sustentabilidade, que muitas vezes é banalmente utilizado, na verdade suscita a necessidade de transformação das estruturas de produção e de consumo das sociedades. Chegamos então a um questionamento de proporções mundiais, pois, segundo o autor, não bastam ações que minimizem os conflitos e as agressões socioambientais, é preciso que haja a existência de uma estrutura social, política, legal, organizacional e educativa adequada ao início e à continuidade de processos de mudança a serem desencadeados pelos sujeitos envolvidos com estas questões. Caso contrário, teremos, no máximo, avanços

¹⁰ Ecossistemas frágeis são aqueles tidos como ainda mais vulneráveis à ação do homem.

temporários e superficiais, insuficientes para garantir melhores condições de vida para as populações do planeta.

Tendo como base as análises de Sachs, podemos observar que as experiências das marisqueiras se constituem como iniciativas necessárias e importantes de redução das agressões socioambientais que foram instauradas ao longo da história do litoral cearense.

Ainda sobre o assunto, o estudioso Henrique Rattner¹¹ realiza uma reflexão sobre a *insustentabilidade econômica*, que vem sendo historicamente construída e permanece até os dias atuais, promovendo disparidades entre ricos e pobres, contribuindo também para a consolidação de políticas de concentração de poder aferidas pelos grandes blocos econômicos internacionais.

O crescente deterioramento da qualidade de vida das populações mundiais tem como conseqüências o empobrecimento e a redução do acesso a direitos básicos, como saúde, habitação, educação, trabalho e lazer. A cidadania é negligenciada, enquanto paralelamente um profundo desequilíbrio socioambiental é produzido, exemplificado na fome de milhares de pessoas e na degradação do meio ambiente.

As populações ribeirinhas de Fortim, assim como as de outras localidades do litoral cearense, também vêm tendo seus direitos básicos negados, a ponto de muitas vezes contarem apenas com o mínimo para viver. O problema da degradação ambiental agrava este quadro, como já vimos anteriormente, pois, tal ameaça contribui para a redução do acesso aos recursos naturais.

Na verdade, a problemática ambiental é bem mais complexa do que parece. As relações humanas são mais um elemento que precisa ser levado em consideração, quando o assunto é sustentabilidade.

Leonardo Boff,¹² outro estudioso preocupado com o futuro da vida no planeta, soma-se aos que ressaltam a necessidade de uma maior qualidade nas relações humanas. Para tanto, elementos como a ética e a solidariedade, aliados à descentralização de poder e à justiça, surgem em suas produções

¹¹ RATTNER, Henrique. *A ilusão do Crescimento*. São Paulo, 1997. (Mimeo).

¹² BOFF, Leonardo. *Ecologia - grito da terra, grito dos povos*. São Paulo: Ática, 1998.

como essenciais para a promoção de outras visões de mundo, onde a espiritualidade assume uma projeção significativa.

Boff identifica três cenários que se projetam como possibilidades para um futuro não muito distante.

O primeiro cenário corresponde às sociedades que continuam depredando o meio ambiente em benefício de uma minoria. Segundo o autor, essa minoria está contribuindo para o aumento da miséria mundial em prol de interesses financeiros, comprometendo, assim, a vida no planeta.

O segundo corresponde ao cenário construído por algumas sociedades que estão buscando desenvolver tecnologias alternativas, não-agressivas ao meio ambiente, sinalizando, assim, para a construção de "reformas" dos velhos esquemas de produtividade. Neste caso, uma crítica ao capitalismo não é realizada e se considera possível propor novas formas de lidar com a natureza dentro do próprio sistema.

E por último, o cenário que anuncia a necessidade de transformações urgentes e profundas nas formas de pensar e de agir, com relação à natureza e às populações mais pobres do mundo. Aqui a crítica ao capitalismo é realizada e considerada como elemento fundamental para a promoção de mudança.

Como podemos ver, uma gama de questões bastante complexas e polêmicas compõe as discussões sobre meio ambiente e sustentabilidade. Diante disso, política, economia, cultura, ecologia, sociedade e educação há muito deixaram de ser campos distintos e passaram a ser inter-relacionados, configurando diversas possibilidades de agir e pensar.

Mas como todas essas manifestações e discussões chegam até as marisqueiras e as permitem apreender suas experiências?

As marisqueiras e suas comunidades, também estão sofrendo localmente os impactos de toda esse cenário local, regional, nacional e mundial, que reforça efetivamente uma "cultura" de destruição. Até porque as ressonâncias são mundiais.

Essa destruição também pode ser observada em Fortim, pois o manguezal, segundo marisqueiras e pescadores da região, não possui mais a mesma extensão e abundância do passado. O "tempo da abundância" de peixe, de lagosta, de camarão, de caranguejo, das imensas florestas de manguezal passou!

A exploração da madeira do mangue para fazer lenha, construir artefatos de embarcações, cercas e o corte das raízes para obtenção dos cachos de ostras, juntamente com o aumento da população que vive às margens dos rios, foram fatores que contribuíram para a ameaça da existência do manguezal de Fortim. Todavia, como já foi dito nos capítulos anteriores, quanto à construção de processos educativos que instrumentalizam o uso e a conservação dos recursos naturais locais, permitem pensar em algumas mudanças que estão começando a acontecer.

Por outro lado, um dos maiores problemas vivenciados pelas comunidades ribeirinhas é a presença da carcinicultura, desenvolvida em áreas de manguezal para favorecer interesses privados.

A carcinicultura tem sido uma ameaça concreta não somente para Fortim, mas também para vários países da América Latina, como Honduras, Equador, Colômbia, México, Guatemala, pois os impactos causados pela atividade põem em risco a biodiversidade dos manguezais e do mar. Em favor de interesses econômicos, prejudica-se gravemente as populações que vivem desses ecossistemas.

“El incremento masivo industrial del cultivo de camarón en piscinas, a lo largo de toda la costa tropical de América Latina esta causando unos impactos sin precedentes en la historia de las costas de esta región. Algunas comunidades han sucumbido ante la prepotencia e impunidad con la cual estos desarrollos llegan a establecerse en las costas. Otras comunidades han luchado y mantienen un trabajo constante de denuncia por la destrucción de sus ecosistemas con el ánimo de poder sobrevivir como comunidad y como cultura.”¹³

Para construir os tanques, os carcinicultores destroem muitos hectares de mangue, sacrificando fauna e flora. Em seguida, eles contaminam os rios com resíduos que durante a despesca e a lavagem dos tanques são lançados nas águas.

Diante dessas investidas, pescadores e pescadoras de comunidades ribeirinhas latino-americanas têm, através da organização, reagido à rápida destruição causada por este tipo de atividade, denunciando as conseqüências

¹³ LOPEZ, Elmer. Apresentação, In: REDMANGLAR, *Buscando aliados para nuestras costas*. GREENPEACE, 2001.

nocivas da indústria camaroneira, a fim de se poder, como menciona Elmer Lopez, *sobrevivir como comunidade y como cultura*.

No Equador, por exemplo, a carcinicultura foi iniciada em 1969 - o que nos permite ter uma visão prospectiva em relação ao impacto dos empreendimentos realizados na área - e contou com o apoio dos governantes locais. O resultado consistiu na redução em 70% dos ecossistemas de manguezais do país¹⁴ e, conseqüentemente, no empobrecimento da população que sobrevivia dos recursos naturais das áreas envolvidas. Atualmente, as comunidades ribeirinhas equatorianas têm procurado, juntamente com ONG's, investir no reflorestamento dos manguezais, visando à recuperação das áreas afetadas. Os grupos de catadores de caranguejos buscaram inclusive o apoio da Universidade, para conseguir respaldar suas ações em favor dos manguezais e contra a carcinicultura.

Com base em leituras sobre a presença da carcinicultura na América Latina, é possível dizer que as principais características da atividade são: destruição acelerada das florestas de manguezais; desrespeito às comunidades ribeirinhas e às leis que protegem os mangues; uso irresponsável dos recursos naturais; redução da pesca nas áreas próximas aos mangues.

Lideranças de pescadores latino-americanos que há décadas vivenciam as conseqüências da carcinicultura em seus países afirmam que a atividade é também freqüentemente associada à corrupção e à violência.¹⁵

Outro dado importante, que vale a pena destacar em meio a essa discussão, é o fato de a produção da carcinicultura ser direcionada para países como Estados Unidos, Canadá e Japão, que atualmente são os principais compradores de camarões criados em viveiros. Na verdade, o camarão é considerado um *artigo de luxo*, consumido apenas por uma pequena parcela da população mundial ou pelas comunidades ribeirinhas que do mangue retiram seu sustento.

Em tempos de "fome" e pobreza, como vive uma parte importante da população mundial,¹⁶ certamente a carcinicultura não é uma atividade

¹⁴ Informações obtidas através da fala de um pescador do Equador, Tomas Canga, durante um Seminário Internacional sobre Manguezais e Carcinicultura, realizado no dia 25/05/03, no auditório do curso de Geografia da UFC.

¹⁵ O contato com os depoimentos de seis lideranças, representantes do Equador, Guatemala, Honduras e Colômbia se deu durante o Seminário Internacional sobre Manguezais e Carcinicultura, supracitado.

imprescindível para resolver esses graves problemas que assolam o planeta. Não seria muito mais útil e justo deixar o camarão cumprir a sua função de alimento para as espécies dos mangues e mares, ou ainda, favorecer as comunidades de pescadores artesanais, com relação ao seu consumo e venda, já que estes são os que mais necessitam gerir ações que visem o manejo¹⁷ das áreas de manguezal?

O manejo de áreas de manguezais é outro ponto polêmico, em meio aos que lidam com as questões ambientais. Segundo a Legislação Ambiental, os mangues são *Áreas de Preservação Permanentes*¹⁸ e, sendo assim, deveriam permanecer intocáveis. Entretanto, como existem várias comunidades que sobrevivem há muitas décadas dos recursos naturais dos manguezais, uma solução apontada pelos estudiosos sobre o assunto compreende a responsabilidade que as comunidades precisam assumir em zelar por esses ecossistemas, na perspectiva da efetivação de um manejo sustentável dos recursos naturais. Afinal, o mangue é o contexto de vida e de sobrevivência de muitas comunidades ribeirinhas que construíram ao longo do tempo uma cultura e uma relação com a natureza e que, não só por isso, precisam ser respeitadas.

Outro aspecto que possui relação direta com essa questão é a constatação de que, mesmo com todos os problemas, se as comunidades ribeirinhas não estivessem situadas às margens dos mangues, muito provavelmente, os empreendedores que só visam o lucro, encontrariam menos resistência e chamariam menos a atenção para os problemas que surgem em consequência do uso irresponsável dos recursos naturais dos manguezais.

Tratando-se dessas discussões, Diegues acrescenta:

¹⁶ De acordo com informações obtidas no site de pesquisa americano - New and Analysis online Publication, PRAVDA, aproximadamente 13,41% da população mundial passa fome, o que corresponde a 845 milhões de pessoas. A cada dez pessoas, uma e meia encontra-se em situação de extrema pobreza.

¹⁷ Manejo significa lidar de modo cuidadoso e adequado com os recursos naturais renováveis, objetivando a sua conservação.

¹⁸ Os manguezais estão protegidos por um significativo aparato legal, podendo ser citados, entre outros, O Código Florestal Federal (Lei nº 4.771/65); A Resolução CONAMA nº 303/2002, cujos artigos 2º e 3º definem e declaram consecutivamente os manguezais como Áreas de Preservação Permanentes; O Decreto Federal nº 750/93, que trata do corte, da exploração e da supressão da vegetação primária ou de regeneração da Mata Atlântica. O Decreto Estadual nº 24.221/96; A Constituição Estadual de 1989 – Art. 259 (Cf: *A Zona Costeira do Ceará, Diagnóstico para a Gestão Integrada*. Produzido pela AQUASIS – Associação de Pesquisa e Preservação de Ecossistemas Aquáticos, em 2003).

"A existência de diversas formas históricas de uso dos recursos naturais e da própria natureza (a pré-capitalista, a capitalista etc.), sobretudo nos países de Terceiro Mundo, exige uma análise mais detalhada das relações dessas diversas sociedades com a natureza. Nesse sentido, o que marca os países subdesenvolvidos é a existência de sociedades indígenas, de camponeses, de extrativistas articuladas com a sociedade urbano-industrial. Ora, grande parte das florestas tropicais e outros ecossistemas ainda não destruídos pela invasão capitalista é em grande parte, habitada por tipos de sociedades diferentes das industrializadas, isto é, por sociedades de extrativistas, ribeirinhos, grupos e nações indígenas. Muitas delas ainda não foram totalmente incorporadas à lógica do lucro e do mercado, organizando parcela considerável de sua produção em torno da auto-subsistência."¹⁹

As comunidades ribeirinhas realmente vivem do que pescam, mas, ao mesmo tempo, é interessante verificar que, no caso das marisqueiras, novas perspectivas também estão sendo criadas, pois a partir da experiência dos criatórios de ostras, as mulheres estão almejando investir na comercialização das mesmas. Essa é uma experiência ilustrativa de como as comunidades ribeirinhas podem implementar a gestão dos recursos naturais, de maneira pouco dispendiosa e não agressiva ao meio ambiente.

Voltando à questão da indústria camaroneira, além dos graves problemas já mencionados e ao contrário do que é propagandeado, a mesma efetivamente não tem gerado empregos para as populações ribeirinhas, pois para a realização do trabalho nos viveiros de camarão não é necessário despender uma grande mão-de-obra. Sendo assim, verifica-se que o real lucro com a venda do crustáceo fica nas mãos muitas vezes de apenas uma família de empreendedores. Essa situação representa efetivamente um contraste, se levarmos em consideração as numerosas famílias de pescadores que vivem dos recursos dos mangues.

"Los 'desarrollos' industriales sobre estas zonas han sido inicialmente una esperanza para las comunidades que dependen de los ecosistemas costeros para su alimentación y para sus ingresos. Paradójicamente, con el paso del tiempo, se han convertido en un desastre ambiental, económico y social. Los ejemplos recientes los encontramos en los desarrollos

¹⁹ DIEGUES, Antonio Carlos. *O mito da natureza intocada*. São Paulo: Hucitec, Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2000, p - 79.

turísticos masivos, el crecimiento urbano y en la construcción de estanques para la cría de camarón.²⁰

Como podemos ver, alguns problemas são globais, mas as saídas necessitam ser locais. Se, inicialmente, como ressalta Lopez, as indústrias camaroneiras podem parecer, aos olhos da população, uma esperança de emprego, com o passar do tempo, elas revelam uma realidade bem diferente. O problema é que uma vez instalados os viveiros de camarão, torna-se ainda mais difícil mudar o quadro de destruição das florestas de manguezais.

Lopez também situa a semelhança entre os grandes empreendimentos turísticos e os viveiros de camarão, pois ambos aproveitam todos os recursos que podem, e, quando não há mais interesse em uma determinada área, mudam-se, deixando para trás um rastro de destruição de dimensões sociais e ambientais.

Diante desse cenário, nasce a perspectiva de união entre os países da América Latina, contra esse tipo de empreendimento. Inclusive redes em defesa dos manguezais e das populações ribeirinhas do mundo já começam a surgir como resposta às investidas de destruição, que possuem, ao mesmo tempo, dimensões locais e globais.²¹

Em outros países da América Latina como Colômbia, Equador e Guatemala, os homens saem para pescar e as mulheres se responsabilizam por toda a venda do pescado. No Ceará, isso raramente acontece, pois em geral os atravessadores vão direto aos pescadores para comprar os peixes. Mesmo assim, talvez no passado as mulheres possam ter realizado a venda dos mariscos ou de peixes, mas atualmente, e até mesmo no caso das cooperativas de pesca, há pouco envolvimento das mulheres com a atividade da comercialização.

No que concerne a Fortim, as marisqueiras hoje estão tentando se inserir na comercialização, não a partir de interesses particulares ou

²⁰ LOPEZ, Elmer. Apresentação, In: REDMANGLAR, *Buscando aliados para nuestras costas*. GREENPEACE, 2001, p. 3.

²¹ A REDMANGLAR é uma rede composta por diversos países da América Latina, tais como Honduras, Equador, Colômbia, México, Guatemala e Brasil, que têm como objetivo principal a defesa dos ecossistemas costeiros e das comunidades de pescadores que são ameaçados, sob um ritmo insustentável, por interesses econômicos escusos. Desse trabalho de união, alguns documentos já foram escritos em favor dos mangues e das comunidades ribeirinhas. Somam-se a esse movimento várias ONG's e instituições, dentre elas o GREENPEACE. Atualmente, há perspectivas de adesão da Ásia e da África à rede.

exclusivamente pela influência dos parceiros do GEMB e do Terramar, mas, fundamentalmente, por desejarem mudanças na atividade da mariscagem.

Isto não quer dizer que as marisqueiras ao longo da história, nunca contribuíram para o desencadeamento de ações que afetaram a vida do manguezal, mas, certamente, nada pode ser comparado à intensidade das ações que os carcinicultores realizam e ainda podem realizar.

Algumas das marisqueiras inclusive afirmam que hoje têm mais cuidado com o mangue e que compreendem o quanto este é importante para as suas vidas e para as comunidades de Fortim. Algo mudou em relação ao trabalho. Novas maneiras de lidar e de perceber a natureza estão gerando novos significados que são, por sua vez, associados concomitantemente, ao conhecimento que vem sendo repassado culturalmente de geração em geração.

Mesmo com todas as diferenças que existem dentro do grupo, é evidente que as marisqueiras anseiam por um futuro melhor. E para isso, elas estão passando pela experiência da gestão compartilhada do trabalho nos criatórios de ostras. Muitos são os problemas, como já foram discutidos nos capítulos anteriores. Entretanto, a maioria dos envolvidos no trabalho, aposta na sustentabilidade do mesmo, ou seja, na viabilidade de uma atividade que, sem agredir o meio ambiente, se constitua como alternativa voltada para a melhoria da vida das comunidades locais.

Outro elemento importante para a discussão, por ser motivo de muita preocupação para marisqueiras e pescadores do litoral, que envolve a dimensão do equilíbrio das economias domésticas de parte das comunidades do Fortim e de outras praias cearenses, é a pesca predatória que atinge a dinâmica ambiental das áreas ribeirinhas e marítimas do estado.

A pesca predatória, que se contrapõe à pesca artesanal é realizada durante e fora do período do defeso e a lagosta tem sido o principal alvo desse tipo de prática. O "ouro do mar", como é conhecida a espécie, de acordo com o que o próprio termo sugere, é o produto até então, mais valorizado pelos pescadores, por ser um artigo de luxo que também é comercializado para fora do país.

Há algumas formas predatórias de pesca da lagosta. A primeira é aquela realizada através de barcos equipados com compressores. Os mergulhadores

descem até as áreas onde existem lagostas e as recolhem com as próprias mãos, trazendo exemplares de todos os tamanhos, inclusive as pequenas, cuja captura não é permitida.²² A segunda é aquela na qual é utilizada a cangalha,²³ feita de madeira e de rede de náilon, quando utilizada durante o período do defeso. O problema é que algumas vezes a “cangalha”, ou manzuá, como é mais conhecida no litoral, é utilizada com aberturas menores do que o permitido (14 cm), o que proporciona a captura de lagostas pequenas.

Vale ressaltar que o uso das cangalhas ou manzuás é uma prática culturalmente instituída pelos pescadores artesanais e, se for utilizada respeitando o tamanho correto da lagosta, não se enquadra na categoria de pesca predatória.

“A pesca de mergulho não é pra ter no mar. Não é pra pescar na época do defeso. É por isso que é a revolta, porque diz se *um traz, eu também vou trazer*”. (Francisco César – 33 anos, pescador, abr. de 2003).

É muito comum ouvir de outros pescadores do litoral cearense narrativas como essa de sr. Francisco César. A revolta da qual fala, tem sido inclusive, motivo de morte em alto-mar. É difícil fazer os pescadores pararem durante o período de defeso, quando eles ficam sabendo que outros estão trazendo a lagosta e eles não, o processo de conscientização torna-se praticamente inviável. O defeso precisa existir para todos, caso contrário não funcionará.

A pirataria praticada por mergulhadores que pescam com compressores revolta profundamente os pescadores e suas famílias.

Em meio a essa discussão sobre pesca predatória, a pesca industrial indiscriminada também significa uma ameaça aos pescadores artesanais, pois devido à ineficiência dos órgãos de fiscalização e de punição, tal tipo de pesca também não raras vezes, propicia a captura da lagosta miúda.

Há aqui uma questão que vai além da sobrevivência e também possui uma relação direta com a preocupação com gerações futuras. Afinal, pára-se

²² Existem dois tamanhos para as duas espécies mais encontradas na costa do Ceará. A pesca da lagosta verde (*Panulirus laevicauda* - Latreille) só é liberada se esta possuir a cauda com no mínimo 13 cm e a lagosta vermelha (*Panulirus argus* - Latreille), também com 13 cm. Há muitas divergências com relação a essas estipulações, pois estudiosos sobre o assunto acreditam que essas espécies precisam ser mais bem pesquisadas, devido a possíveis oscilações de tamanho com relação ao período de maturidade para a reprodução.

²³ A cangalha é uma armadilha artesanal que possui o formato semelhante ao de uma gaiola e é utilizada para pescar lagosta. O custo para confeccionar uma cangalha hoje está em torno de R\$ 25,00.

de pescar hoje com a finalidade de garantir a pesca amanhã! Como existem poucas alternativas de emprego no litoral para jovens e adultos, e os estoques naturais de peixes também têm diminuído, o período do paradeiro é muito escasso para as comunidades em geral. O seguro-desemprego ajuda, mas ainda é pouco para garantir o sustento de famílias, que são, na maioria das vezes, bastante numerosas.

As marisqueiras se angustiam e temem por seus maridos e filhos, pois dizem que “vai haver guerra do mar pro seco”.²⁴ É realmente esta guerra já está acontecendo desde o início dos anos 80, quando a pesca de compressor ou de mergulho começou a incidir no litoral cearense. As praias de Redonda, em Icapuí, Balbino, em Cascavel, Batoque, em Aquiraz, e outras já foram e continuam sendo cenário de conflitos de pescadores artesanais com mergulhadores, algumas inclusive, resultando em morte. *Esse negócio da violência é sério, porque na hora, homem e mulher se esquece dos direitos, se esquece de tudo! (Francisco César – 33 anos, pescador, abri. de 2003).*

O problema é realmente muito sério, como chama a atenção o sr. Francisco César. Os pescadores e suas famílias têm direito à segurança e, mesmo assim, acabam sendo obrigados a defender seus interesses, muitas vezes do jeito que eles julgam ser o melhor meio, já que a fiscalização realizada pelo IBAMA é insuficiente. É claro que a violência não é a saída ideal, mas ter todo o trabalho de meses roubado também é um tipo de violência. E os pescadores estão cansados de esperar que as autoridades responsáveis tomem as cabíveis atitudes com relação ao problema.

Por sua vez, os profissionais do IBAMA alegam trabalhar sob condições mínimas, daí a dificuldade para cobrir toda a extensão do litoral cearense, realizando a fiscalização. Segundo eles, não há recursos nem pessoas suficientes para desenvolver o trabalho satisfatoriamente e, além do mais, processos de caráter burocrático emperram uma atuação satisfatória.

Diante dessas limitações, o setor de fiscalização tem solicitado aos pescadores que denunciem os casos suspeitos e aguardem por atendimento. O problema é que muitas vezes, quando a fiscalização do IBAMA chega às praias, as evidências já foram apagadas ou os infratores já têm conseguido

²⁴ Esta observação foi feita por D. Sebastiana, marisqueira de 72 anos.

escapar. Por isso, os pescadores que vivem nas comunidades litorâneas onde as infrações ocorrem, resolvem muitas vezes não esperar pelo auxílio legal e acabam solucionando o problema a seu modo.

“O pescador artesanal ta quase sem direito de pescar. Vão pro mar, chega lá tem roubado. Roubam trinta manzuá às vezes. Os pobre trabalha de noite e de dia pra fazer os manzuá e quando vê foi tudo levado.” (Sebastiana – 72 anos, marisqueira abr. de 2003).

Segundo as marisqueiras e os pescadores, quem leva os manzuás são os mergulhadores. Quando termina o paradeiro ²⁵ (no dia primeiro de maio), fraudam as cangalhas que ficam submersas no mar, em geral de um dia para outro.

A pesca predatória da lagosta afeta todos os que vivem da atividade, principalmente as marisqueiras que são, na sua maioria, casadas com pescadores. As mulheres não somente sabem dos sacrifícios que envolvem a pesca no mar, como fundamentalmente sentem as conseqüências se o trabalho não obtiver êxito.

Sobre toda essa problemática, Franck Ribard reforça a necessidade de fomento de uma *nova consciência* capaz de se contrapor ao cenário de destruição e pobreza que vem se instituindo historicamente no litoral cearense:

“De fato destacam-se hoje: as agressões repetidas, de origem química ou em nome do desenvolvimento econômico, contra lagoas, mangues, rios...; a pressão imobiliária que sempre se coloca na perspectiva do monopólio e do lucro em nome de um direito único, próprio e privado: o da força e do dinheiro; a pesca predatória e a “pirataria” que tomam conta do mar através de embarcações armadas por verdadeiras quadrilhas e que não somente arruinam, em toda impunidade, os recifes e os fundos marinhos com técnicas proibidas de “arrastão” ou de mergulho, mas ameaçam fisicamente os pescadores de jangada, destruindo e roubando os seus materiais. Aqui estão as lógicas e suas ações, aquelas que não percebem o significado profundo da escassez do peixe, do sumiço da lagosta, da morte do mangue e do caranguejo. Elas inscritas nas posturas mais banais e também nos crimes qualificados já evocados, sublinham a importância de uma nova consciência, única capaz de se contrapor ao movimento de segura e lenta agonia dos universos marinhos, das suas riquezas e

²⁵ O defeso da lagosta termina no último dia útil de abril. A pesca começa de madrugada, durante os primeiros minutos do dia 1º de maio. O fim do defeso possui uma repercussão muito grande para as comunidades litorâneas, pois significa, entre outras coisas, o anúncio de dias melhores. Apesar da pesca da lagosta estar enfraquecendo, devido à diminuição dos estoques naturais da espécie, este período ainda é muito esperado, assim como também são intensos os preparativos para o momento da largada das jangadas rumo ao mar.

diversidades naturais, dos seus equilíbrios ambientais, das suas comunidades nativas e das suas culturas.”²⁶

O problema da pesca predatória da lagosta tem impactos ambientais e sociais. A diminuição dos estoques da espécie gera concretamente pobreza em meio às comunidades litorâneas. Basta observar o ritmo que a circulação do dinheiro com a venda da lagosta causa nas pequenas localidades do litoral. Dentre outras coisas, o comércio passa a ser mais movimentado, as casas são reformadas, as dívidas são pagas e os bares ficam repletos de pescadores. As pessoas relembram um “tempo de fartura” e de aparente inesgotabilidade dos recursos naturais. Um clima de alegria toma conta das comunidades litorâneas. Todavia, se a pesca não for boa, as comunidades parecem entristecer e as dificuldades passam a ser ainda maiores, restando os mangues e os rios, que se encontram, por sua vez, também ameaçados e escassos.

A natureza necessita de momentos de paradeiro, pois a exploração não pode se pautar na idéia de inesgotabilidade, e sim, na de equilíbrio. Diante dessa perspectiva, o desafio da “criatividade” se apresenta mais uma vez para os povos do mar, articulando-se com a necessidade de cobrança junto ao poder público, a fim de se garantir o comprometimento deste, com os pescadores e pescadoras artesanais.

Se houver super-exploração de uma espécie apenas, como é o caso da lagosta, um dia as comunidades irão se ver com sérios problemas. Na realidade, o ideal seria que o país possuísse políticas de incentivo à pesca, pautadas em um trabalho educativo de proteção ambiental, ordenamento, incremento e incentivo à captura de variadas espécies encontradas nas costas brasileiras. Assim, os pescadores e suas famílias poderiam ter mais opções, sem precisar sair da atividade ou de suas comunidades de origem.

É bem verdade que essas saídas não são simples de ser concretizadas, já que um trabalho de educação ambiental profundo e sério precisa ser realizado. Algumas ONG's estão, a seu modo, tentando investir nessa perspectiva, mas o maior esforço, neste caso, com certeza precisa ser despendido pelo poder público, que existe essencialmente para garantir o bem-estar e os direitos dos cidadãos.

²⁶ Trecho de uma reportagem exibida no jornal *Diário do Nordeste*, no dia 25 de janeiro de 2004.

Muito ainda precisa ser descoberto sobre os benefícios provenientes dos oceanos, mas é claro que, paralelo a isso, uma preocupação e, sobretudo, uma visão sustentável do uso responsável dos recursos marinhos precisa prevalecer. As políticas deveriam ser, então, aliadas à pesquisas voltadas para a preservação, a conservação e a sustentabilidade. Dessa maneira, certamente, os povos do mar poderiam contar com um efetivo apoio que há tempos estão necessitando, inclusive contribuindo com a experiência que possuem.

Comunidades ribeirinhas como as de Fortim passam, em período de chuvas, por um paradeiro obrigatório, como já foi dito no capítulo dois. As marisqueiras ficam por exemplo, impossibilitadas de mariscar, devido ao "envenenamento" natural das ostras e dos búzios e também por causa das más condições em que se encontram as áreas ainda mais lamacentas e inundadas dos mangues, isso tudo perfazendo, ao todo, quatro meses sem os mariscos.

Diante desse cenário preocupante, podemos ver que a (in)sustentabilidade se faz presente no litoral cearense.

Mesmo com a atuação de organizações governamentais e não-governamentais e dos Fóruns dos Pescadores dos litorais leste e oeste, as políticas públicas voltadas para beneficiar as comunidades litorâneas necessitam ser ampliadas e até mesmo melhoradas. Para tanto, os povos do mar precisam se fazer ouvir e também precisam desenvolver ações que os favoreçam.

Não é por falta de investimentos que a situação das comunidades litorâneas do Ceará tem permanecido sem melhorias mais significativas. Na verdade, os recursos estão sendo direcionados para os "outros alvos". Atualmente, verifica-se uma concentração de recursos na indústria do turismo e, por outro lado, um abandono da pesca artesanal. O governo do Estado tem assumido um discurso de preocupação com o meio ambiente, mas dá prioridade ao desenvolvimento de ações pontuais de pouco poder de mudança. O turismo que está sendo promovido na "terra do sol", como é conhecido internacionalmente o Ceará, é predatório do ponto de vista socioambiental, pois tem ocasionado, entre outros transtornos, a expulsão dos pescadores de suas terras para outros locais menos privilegiados em vários sentidos.

Dunas e falésias são muitas vezes destruídas para dar lugar a grandes hotéis de luxo. O argumento do governo para incentivar esse tipo de iniciativa nociva ao meio ambiente e por conseguinte, às populações das comunidades litorâneas, é o da geração de emprego. Entretanto, o que se sabe a respeito do assunto é que a rede hoteleira tem preferido, na grande maioria das vezes, contratar mão-de-obra especializada, vinda inclusive de outros Estados, em vez de investir na capacitação da comunidade local para desenvolver funções existentes. Os trabalhos que sobram para os pescadores e para suas famílias são aqueles de menor remuneração, sem perspectiva de ascensão.

Além de todos esses problemas, há também, não raras as vezes, a grave associação do turismo à prostituição e a negócios de natureza ilícita, como, por exemplo, lavagem de dinheiro e tráfico de drogas. A propaganda que incentiva o turismo no Ceará, por sinal nada educativa, relaciona sol e sexo apelando para a utilização da imagem do corpo da mulher como um produto que está disponível e à venda.

Diante desse panorama, considerado como um todo, pergunto-me: valeria a pena explorar os recursos naturais indiscriminadamente, mesmo que fossem gerados empregos para a população local?

Não seria mais valioso do ponto de vista socioambiental, incentivar um turismo mais alternativo e educativo, que respeitasse, aproveitasse e valorizasse o potencial e a cultura dos povos do mar?

Por que, ao invés de hotéis de grande porte, não incentivar a construção de pequenas pousadas para beneficiar as próprias pessoas das comunidades, em vez de favorecer investidores que não são, na maioria das vezes, das comunidades litorâneas?

Como podemos ver, as populações ribeirinhas estão "coagidas" em meio à competição desigual com a pesca industrial, a pesca predatória, a carcinicultura, a indústria do turismo predatório e, fundamentalmente, vivendo à mercê de políticas públicas pouco favoráveis ao crescimento da pesca artesanal.

E as saídas? Acredito firmemente que elas estão nas próprias comunidades litorâneas, sem querer dizer, com isso, que os parceiros não são importantes, mas que as ações precisam estar direcionadas para os desejos, o

respeito à cultura e o aproveitamento do conhecimento que as comunidades vêm acumulando durante toda a sua história.

Penso como Paulo Freire, quando ele diz: *A boniteza de ser gente se acha, entre outras coisas, nessa possibilidade e nesse dever de brigar*²⁷.

Sim, brigar pelos seus direitos é o que está posto como desafio maior para as populações do Ceará que vivem do mar, dos rios e dos mangues.

Em meio a tudo isso, os sonhos que sempre existiram e que vão continuar existindo são importantes indicadores de que há sempre possibilidades de mudanças!

3.2. Os sonhos

Sonho meu, sonho meu, vai buscar quem mora longe, sonho meu ...

Délcio Carvalho e Leonardo Braga²⁸

O que mais desejam as marisqueiras para suas vidas e suas comunidades? Quais são os seus sonhos? Essas perguntas e os depoimentos das marisqueiras como respostas nortearam toda a análise realizada neste item do terceiro capítulo, trazendo à tona elementos que elas consideram fundamentais para as gerações atuais e futuras.

O objetivo foi então, ressaltar ainda mais a "interioridade" dessas mulheres, como forma de fazer uma leitura sobre seus desejos, relacionando-os ao cenário que vem sendo construído no litoral cearense, ao longo do tempo. Segundo Rubem Alves, *a interioridade faz a diferença, em que as pessoas se definem por suas visões, paixões, esperanças e horizontes utópicos*.²⁹

Se toda uma análise foi feita até aqui sobre a história e sobre o trabalho das marisqueiras, vale ainda saber o que essas mulheres esperam para os dias que virão.

²⁷ FREIRE, Paulo, Op., Cit., p. 67.

²⁸ Trecho da música Sonho Meu gravado por vários cantores tais como: Clara Nunes e Maria Betânea.

²⁹ ALVES, Rubem Azevedo. *Conversas para quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez, 1993, p.15.

É sobre essa imensa interioridade que desejo falar. Como nos diz Bachelard, *A imensidão está em nós. Está presa a uma espécie de expansão do ser...*³⁰

Pensando assim, fui ao encontro das marisqueiras mais uma vez, para saber de seus desejos, perspectivas e, principalmente, das suas esperanças.

“A esperança é um condimento indispensável à experiência Histórica. Sem ela não haveria História, mas puro determinismo. Só há História onde há tempo problematizado e não pré-datado. A inexorabilidade do futuro é a negação da História.³¹”

A construção deste item é fundamentada nas narrativas de cinco marisqueiras - Gorete, Maria de Aquino, Rivanda, Francinete e Maria Teodoro (esta última até então não havia sido entrevistada). A escolha das referidas mulheres se deu pelas trajetórias de vida e personalidades diversificadas que possuem e pela inserção também diferenciada no grupo.

Compreendi, durante as entrevistas, que, a continuidade do trabalho realizado nos criatórios, a preocupação com o futuro dos filhos e com a existência do manguezal são os principais pontos de interesse dessas mulheres.

Em meio a esses pontos, foram ressaltadas mais uma vez as dificuldades enfrentadas pelo grupo de marisqueiras, que têm pela frente um vasto caminho a trilhar e, ao mesmo tempo, a esperança que elas possuem em conseguir realizar os seus sonhos.

“O meu sonho era que a minha filha fosse uma marisqueira forte que nem eu sou. Continuasse o trabalho. O sonho maior que eu queria é de nunca acabar nossos mariscos, num sabe! Nós continuar até o fim. O meu desejo é que eu fosse uma marisqueira forte que nunca deixasse de ser uma marisqueira!” (Gorete, 42 anos – marisqueira, agos. 2003).

A partir da narrativa de Gorete, identifiquei dois elementos importantes para a discussão: primeiro, a questão da continuidade da mariscagem, através da inserção das filhas na atividade e da transmissão de saberes; e segundo, a ameaça de fim do trabalho nos criatórios de ostras.

³⁰ BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. Seleção de textos de José Américo Mota Pessanha. Tradução de Joaquim Moura Ramos. São Paulo: Abril, 1978. Col. *Os Pensadores*, p. 317.

³¹ FREIRE, Paulo. Op. Cit., p.81.

Em relação à continuidade da mariscagem, as opiniões entre as marisqueiras se dividem, pois uma parte do grupo sonha em ver as filhas se dedicando a esse trabalho, já outra parte, acha que elas deveriam estudar para ter um futuro melhor. Apesar de muitas lutarem por reconhecimento e valorização, uma parcela do grupo acha que a atividade mesmo sendo prazerosa também é muito sacrificante e que as filhas deveriam se interessar por outro trabalho mais lucrativo.

Esta questão é bastante polêmica, pois há os que desejam que o trabalho desenvolvido pelas comunidades ribeirinhas não acabe, já que este dentre outras coisas, significa também a resistência de um povo que possui sua cultura e sua história. Por outro lado, se retomarmos as primeiras discussões sobre cultura presentes neste trabalho, baseadas nas idéias de Marshall Sahlins,³² passamos a olhar o desejo das marisqueiras como uma nova dinâmica que vem sendo construída. A mariscagem, tem mudado como elas afirmam, e vai continuar mudando de acordo com os interesses e as invenções que o grupo resolver assumir.

Seguindo essa perspectiva, acredito que mesmo que o trabalho nos criatórios não obtenha maiores resultados e finde, novas possibilidades serão idealizadas e conquistadas, pois o próprio grupo já iniciou um processo de organização que, embora passando por momentos difíceis, poderá ser retomado a cada novo desafio.

Por outro lado, se o trabalho obtiver sucesso e for ampliado, o que também pode acontecer, as marisqueiras terão que garantir um patamar ainda maior de organização e conscientização referentes ao mangue, às comunidades ribeirinhas e ao litoral cearense.

"Eu desejo que o trabalho com as ostras gere mesmo uma renda para a sobrevivência, porque até hoje é só uma complementação." (Maria de Aquino, 54 anos – marisqueira, abr. de 2003).

D. Maria de Aquino, assim como todas as mulheres que estão trabalhando nos criatórios, deseja, acredita e trabalha para que a experiência

³² SAHLINS, Marshall. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte I). *Revista Mana. Estudos de Antropologia Social*, vol. 3, número 1, abril de 1997, pp 41- 73.

com as ostras progrida e passe a gerar uma renda mais significativa para as marisqueiras. Talvez esse não tenha sido o desejo inicial do grupo de técnicos do GEMB, quando implementaram o projeto nas comunidades do Canto da Barra e Viçosa, pois nem mesmo eles podiam imaginar que um projeto experimental pudesse acabar significando tanto para as mulheres envolvidas.

Tamanho nível de expectativa possui relação com o volume de trabalho realizado. No início do projeto, as mulheres se engajaram, acreditando que poderiam mudar ou dar um outro sentido às suas vidas através desse novo trabalho. Com o passar do tempo, as verbas do projeto foram diminuindo e o processo de gestão não conseguiu acompanhar o aumento dos desafios que surgiram diante das marisqueiras e dos técnicos do GEMB. Atualmente, as dificuldades estão preocupando todos os envolvidos com os criatórios, pois o número de mulheres vem reduzindo e o desafio da ampliação vem se tornando cada vez mais difícil de ser concretizado.

“Os menino do GEMB faz tudo pra melhorar, mas coitado não pode fazerem nada, né. Que só é quando vem aquelas verba, faz algum pedido que é aprovado, aí os meninos consegue. Vontade eles tem muita de trabalhar. E a gente também tem, né.” (Francinete, 42 anos – marisqueira, agos. de 2003).

A experiência que possuo na articulação e implementação de projetos comunitários no litoral cearense me leva a crer que todo e qualquer trabalho desenvolvido junto às comunidades, passa normalmente por esses momentos de ganhos e perdas. Se as marisqueiras conseguirem superar essa fase difícil que estão vivenciando, existem possibilidades de ampliação do trabalho, ou até mesmo do surgimento de novas alternativas. Mas, para tanto, elas talvez ainda levem algum tempo complementando a renda familiar com a coleta de sururu e búzio, com artesanato ou com qualquer outra atividade.

“O esforço precisa melhorar mais, porque o grupo tá muito parado, eu acho! Se todas se reunisse e o grupo crescesse mais, eu acharia que as nossas ostras, elas iam aumentar mais. Não tem o esforço de todas, de algumas sim, de outras não. Quando começou, tinha muito interesse, hoje em dia não tem mais o mesmo interesse. Agora eu também digo que o interesse delas é assim, porque elas não tão vendo um ganho. Não tem aquele ganho certo dos mariscos, porque se tivesse aquele ganho certo, elas tinham continuado se esforçando mais, como não tem elas acham muito pouco, custa muito a renda, o negócio é a renda. Os nossos mariscos não têm aquela renda fixa pra todo mundo, aí por isso elas ficam triste e

não querem mais cuidar dos mariscos. Mas pra mim o meu sonho é ser uma grande marisqueira, é lutar por aquilo que a gente começou!" (Gorete, 42 anos – marisqueira, agos. de 2003).

Ter um ganho fixo, para as marisqueiras significa a materialização de um sonho. Não somente elas pensam assim, como também seus maridos e companheiros pescadores cobram um retorno maior neste sentido. Por ser necessário um esforço grande das mulheres para cuidar das ostras dos criatórios, a cobrança por um retorno financeiro também é grande.

Quando Gorete diz que o esforço precisa ser maior para que o ganho também seja, já está, de certa forma, apontando uma saída para o problema. Por outro lado, não é fácil para as lideranças e para os técnicos sustentarem essa idéia, já que são enormes as expectativas do grupo e o retorno ainda não corresponde a elas. *Esse negócio de marisqueira já tá muito falado, ave Maria que não melhore! Precisa melhorar! (Maria Teodoro, 55 anos - marisqueira, abr. de 2003).*

Para melhorar, terão que se fortalecer. As mulheres ainda esperam muito pelas lideranças, até mesmo para se engajarem no trabalho dos criatórios. Elas precisarão assumir uma outra postura diante das circunstâncias, já que também desejam usufruir dos benefícios que podem ser conquistados.

"Elas esperam muito por mim, se eu não for, elas não vão lá. As minhas da Viçosa saiu tudinho, só tá eu e a Lindalva. Só duas, aliás, tem três, mas tem uma que precisa eu mandar chamar pra vim pro trabalho, precisa eu dizer a hora, a maré, assim minha irmã, eu já tô esquentando o meu juízo..." (Francinete, 42 anos – marisqueira, agos. de 2003).

Por outro lado, isso não é fácil, pois a grande maioria das marisqueiras ainda está se adaptando às mudanças dos novos tempos e não imagina que será necessário, além do engajamento em outra dinâmica de trabalho, o que já é difícil, também uma mudança de postura enquanto mulheres trabalhadoras e cidadãs. Passada a empolgação inicial, as marisqueiras foram vendo que teriam de lidar com muitas situações, inclusive convencer os maridos da importância, do projeto para continuar trabalhando no mesmo.

"Não dá não minha filha é longe. Os marido não deixa! Olha você tirar todo dia dois real pra ir pro Canto da Barra, faça as conta pro mês, quanto não sai. Pra nós é muito sacrifício. Pra

nós aqui é muito ruim, porque nós cultivava as ostras, mas não tem venda. A não ser uma encomenda que eles traga de Fortaleza. Lá no Canto da Barra têm venda, porque todo mundo vai visitar, porque é o encontro do rio com o mar e é onde vevi mais os turista. Ali têm mais movimento. Aqui não têm. O certo mesmo era a gente arranjar uma pessoa que comprasse pra fora. O certo era isso.” (Francinete, 42 anos – marisqueira, agos. de 2003).

Francinete toca em duas questões importantes. A primeira é a expectativa e o investimento necessário para o deslocamento, e a segunda é a dificuldade causada pelas oportunidades desiguais para as comunidades envolvidas com o projeto, no que tange à comercialização das ostras.

Assim como as mulheres, os maridos também esperam e pressionam, com relação à lucratividade da experiência. No caso das mulheres que moram em comunidades mais distantes do Canto da Barra, onde estão fixadas as estruturas dos criatórios, fica ainda mais difícil manter um engajamento constante. Muitas vezes, elas voltam para suas casas a pé, porque não têm como garantir o dinheiro do transporte do dia.

A comercialização da ostra é um sonho que nasceu com a experiência dos criatórios, mas dependendo também da localização e dos atrativos paisagísticos das comunidades, pois a frequência dos turistas e compradores irá variar também de acordo com esses aspectos.

Segundo Francinete, o mais certo seria garantir a compra em grandes centros, como é o caso de Fortaleza. Os técnicos do projeto concordam com isso. Desta forma, com compradores firmados previamente, as marisqueiras poderiam se organizar e trabalhar em prol de um objetivo certo.

Projetam-se então, maiores desafios para todos os envolvidos com o trabalho nos criatórios, pois somente com o incremento das vendas é que surgirão possibilidades de vencer essa fase difícil pela qual estão passando. (...) *precisa ampliar os criatórios, as mulher se reunir e trabalhar.* (Rivanda, 41 anos – marisqueira, agos de. 2003). A necessidade que Rivanda identifica possui uma relação direta com o aumento do esforço, com o fortalecimento do grupo, com a melhoria dos processos organizacionais e com a comercialização das ostras.

Além das mulheres desejarem que o trabalho que desenvolvem nos criatórios de ostras progrida em vários sentidos, outras alternativas

concernentes à produtividade também já são vislumbradas por algumas marisqueiras. *Que também outras alternativas aconteçam: criação de peixe e sururu, búzio, algas etc. (Maria de Aquino, 54 anos – marisqueira, abril de 2003).*

Se com o tempo, o grupo e os parceiros avaliarem que a ostra não é o produto mais rentável e viável para as marisqueiras, nada mais legítimo do que se tentar uma outra alternativa, desde que esta não seja agressiva ao meio ambiente e que esteja em harmonia com o potencial e a capacidade local de produtividade.

Pensar a sustentabilidade das experiências produtivas é um requisito básico para impedir a implementação e/ou avanço de investidas deletérias, como a carcinicultura.

A criação de peixe, sururu e búzio, por exemplo, como situa D. Maria de Aquino, podem ser, no futuro, boas alternativas de renda para a população local. Mas por enquanto, os esforços estão concentrados no sucesso da produção de ostras.

As marisqueiras têm à frente o desafio de manter as parcerias com as instituições que já conhecem e confiam, para refletir sobre quais são as soluções mais viáveis em termos de melhores investimentos.

Outro sonho que é comum ao grupo corresponde à conquista da aposentadoria e do seguro-desemprego.

“O meu sonho é ter aposentadoria e o nosso seguro-desemprego se saísse, porque a gente trabalha, mas quando é época da água doce, tudo morre quando tá no inverno, a gente perde a ostra, perde o sururu, perde o búzio, perde tudo no mundo. Se a gente conseguisse o seguro-desemprego ia ser maravilhoso! O sonho da gente era esse.” (Francinete, 42 anos – marisqueira, agos. de 2003).

Quando Francinete diz: *O sonho da gente era esse*, afirma um desejo não apenas individual, mas coletivo. Afinal, os pescadores conquistaram esse direito e as marisqueiras querem também receber o benefício, já que durante os quatro meses de inverno, elas são obrigadas a parar de mariscar, por conta da perda dos estoques de moluscos, como já foi explicado no capítulo dois. A aposentadoria e o seguro-desemprego também significam o reconhecimento da mariscagem como trabalho, daí o seu valor para as mulheres.

A preocupação com o futuro dos filhos é outro importante elemento para a discussão, a qual se faz presente nas narrativas das cinco marisqueiras entrevistadas, tanto que o sonho de ver a cidade melhorar está diretamente relacionado a isso.

Percebi, em meio as narrativas, que o município de Fortim é sentido pelas marisqueiras como um ambiente que precisa possibilitar oportunidades à população, principalmente às futuras gerações.

Para as marisqueiras entrevistadas parece primordial que a cidade ofereça oportunidades em termos de acesso à educação e emprego.

“Eu tenho um sonho de ver melhorar a nossa cidade, com emprego pros jovem, porque a nossa família vai crescendo, vai tendo os filho, vai tendo os netos e cadê a nossa cidade? Não têm melhoramento, não têm uma indústria, não têm uma fábrica, pra futuramente a gente vê os filho da gente num bom emprego, fazendo uma boa faculdade. Aqui nossa cidade não têm isso. A gente para pra pensar o quê que vai ser dessas crianças no futuro, com uma cidade dessas que não têm desenvolvimento.” (Gorete, 42 anos – marisqueira, agos. de 2003).

O desenvolvimento de que Gorete fala, parece estar relacionado à idealização das grandes cidades, por conta da presença das faculdades e das indústrias. Em sua narrativa, ela expressa o desejo de ver seus filhos trabalhando com um salário certo todo mês, e frisa que as indústrias representam a materialização desse sonho. Quando ouvi Gorete falar sobre isso, lembrei-me de uma conversa que tive, num outro momento da pesquisa, com a marisqueira Eneida, que me chamou a atenção justamente pela saudade que ela dizia ter sentido do contato com a natureza de Fortim, ao passar pela experiência de trabalhar em São Paulo, numa indústria de brinquedos. As opiniões de Gorete me fizeram supor que os problemas ambientais que causam a maioria das indústrias, ainda são uma preocupação distante para ela, pois diante das oportunidades de emprego que podem surgir, esse tipo de questão se torna menos importante. Para comunidades que vivem da pesca artesanal, receber todo mês um salário mínimo é algo considerável, já que o mar, o rio e o mangue não oferecem mais a fartura de tempos atrás.

Tudo isso me faz acreditar que, mesmo que uma nova consciência sobre a problemática ambiental esteja sendo construída entre as marisqueiras, há muito que discutir sobre o assunto. Para que essa nova consciência ambiental

se afirme com mais força, para que as alternativas possam ser sustentáveis, a partir de todas as perspectivas que já foram discutidas anteriormente neste mesmo capítulo, será necessária a continuidade do trabalho que lideranças e parceiros vêm realizando com as marisqueiras, pois os riscos e impactos aferidos pelo desenvolvimento (in)sustentável, podem afetar a natureza e as populações ribeirinhas de maneira definitiva.

A poluição do rio, o problema do lixo, a poluição do ar e outros, são algumas das ameaças que podem surgir no local, se as indústrias também não passarem por processos de levantamento de impactos físicos ambientais, inspeção, bem como controle e denúncia por parte da população.

Há ainda a ilusão de que as grandes e "desenvolvidas" cidades podem oferecer mais benefícios do que desvantagens. Percebe-se, com isso, que outras formas de obtenção de recursos passam a fazer parte dos sonhos da população das pequenas cidades.

Mas, afinal, que desenvolvimento é esse que ainda permeia os sonhos das pessoas? Será que ele é sustentável do ponto de vista socioambiental?

De acordo com a maioria dos exemplos que temos, muito provavelmente não.

Segundo o que as próprias marisqueiras afirmam, o que mais atrai as pessoas para essa perspectiva de desenvolvimento é, sobretudo, a questão das oportunidades de trabalho.

A educação dos filhos também aparece na narrativa de Gorete como um elemento que possui relação direta com o trabalho.

"Não têm um bom colégio pra fazer uma faculdade, se você quiser que o seu filho faça uma faculdade pra melhorar, então você têm que tirar ele do lugar. Se você não tirar ele a capacidade dele é ser pescador. Se for homem o futuro é ser pescador e mulher é viver essa vida, fazer um bordado, ser uma professora ou marisqueira." (Gorete, 42 anos -- marisqueira, agos. de 2003).

As melhorias geralmente são relacionadas com a "saída do lugar",³³ como afirma Gorete. Esse tipo de depoimento também aparece em outras narrativas, o que me leva a crer que as expectativas das marisqueiras com

³³ Acredito que as marisqueiras gostariam que houvesse oportunidades no próprio município, mas como não é assim que acontece, então elas acabam preferindo que os familiares saiam em busca de oportunidades condizentes com seus sonhos.

relação às oportunidades que suas comunidades podem oferecer, como, por exemplo, escola, faculdade e trabalho, são limitadas diante do que sonham para seus filhos. As mulheres do mangue parecem resignadas tratando-se das suas vidas e as de seus companheiros, mas quando abordam o futuro dos seus filhos, desejam outras oportunidades que julgam ser melhores. Talvez isso se dê pelo fato de saberem que a sua luta ainda levará tempo para assumir conotações mais significativas. Referindo-se aos filhos e netos, as mulheres desejam resultados maiores, ganhos salariais melhores, uma vida menos sacrificada.

Apesar de as mulheres afirmarem que são marisqueiras com muito orgulho e de até algumas sonharem com as filhas dando continuidade à profissão, ainda existem problemas em meio a todo o processo de conquista por reconhecimento.

Esse tipo de manifestação é compreensível, já que, como vimos anteriormente, todo o movimento de enfrentamento da desvalorização e da invisibilidade ligadas à mariscagem começou emergir há bem pouco tempo.

Outro aspecto interessante presente na narrativa de Gorete se apresenta quando ela narra o que seria o destino dos homens e das mulheres das comunidades de Fortim. Mesmo com as mudanças que estão propondo atualmente, e com os desafios que elas enfrentam cotidianamente, ainda assim, os papéis culturalmente instituídos para mulheres e homens permanecem bastante definidos: *se for homem o futuro é ser pescador e mulher é viver essa vida fazer um bordado, ser uma professora ou marisqueira.*

Pude constatar que, independente das dificuldades, essas mulheres têm efetivamente "colocado em questão" o trabalho desenvolvido no manguezal e os problemas ambientais existentes em Fortim. Nisso consiste grande parte da importância do movimento de resistência e de mudança que as marisqueiras estão construindo.

"O meu sonho é ver os filho terminarem os estudo e se empregarem fora daqui, porque aqui não têm nada pra ninguém mesmo! O trabalho daqui é pescaria e nem todos os rapazinho quer mais pescar. Não querem, querem estudar. Eles querem andar tudo bem prontinho, a gente não têm condição, porque um pescador não diz que dá de um tudo pra um filho, porque não dá. Dá o que pode. Aqui a gente compra uma roupa pra cada um, ainda é de ano em ano na época da

festa de São Pedro." (Francinete, 42 anos – marisqueira, agos. de 2003).

Francinete, assim como Gorete, ressalta o problema da pouca oferta de trabalho para os jovens. Interessante como o trabalho está sempre em primeiro plano para as marisqueiras. Acredito que isso aconteça por ele ser uma valiosa manifestação de conhecimento, de memória, de resistência e sobrevivência que as mulheres constroem no dia-a-dia.

O fato de uma parcela dos jovens não desejar ingressar na pesca possui relação com uma particularidade vivenciada pelos pescadores do nordeste, pois a maioria deles é analfabeta. É como eles mesmos dizem pelo litoral afora: *se não deu pros estudos, então o jeito é ser pescador.*

Como é possível perceber, há um estigma relacionado à profissão do pescador artesanal que o dissocia dos estudos.

"Eu quero trabalho pros meus filhos. Porque eles estão só estudando, têm muito filho que estuda, termina e fica parado, não têm trabalho." (Rivanda, 41 anos – marisqueira, agos. de 2003).

Outro elemento importante para a discussão é destacado por Rivanda, quando fala sobre a gravidade do problema da falta de trabalho para os jovens, filhos de pescadores. Mesmo fazendo um esforço para terminar o segundo grau, os jovens se vêem nas comunidades do litoral cearense sem perspectivas. Muitos partem, para os grandes centros urbanos, com o apoio dos pais e na maioria das vezes, eles passam a trabalhar como pedreiros, mecânicos, eletricitas, pintores ou outra profissão.

Sem emprego, a violência tem aumentado entre os jovens, fato que preocupa bastante os pais, que sofrem por sua vez, por não conseguirem proporcionar melhores perspectivas para os filhos.

Diante desse grave quadro de desemprego, os projetos comunitários representam alternativas para a população, pois são possibilidades de renda. A mariscagem inclusive tem atraído mulheres mais jovens, na faixa de 25 a 30 anos.

"Cultivar é um trabalho e muita gente não dá valor, e é um trabalho bom que a gente não é mandado pelos outros. Precisa a pessoa ter coragem de enfrentar, não tem nada fácil, tudo é difícil. Tudo tem obstáculo no meio." (Rivanda, 41 anos – marisqueira, agos. de 2003).

Como a mariscagem é um trabalho que está ainda passando por um processo de aceitabilidade por parte da população local, muitos continuam não valorizando-a. O momento requer então, investimento e enfrentamento dos obstáculos.

Rivanda ressalta em sua narrativa que cultivar, ou seja, trabalhar nos criatórios de ostras é um trabalho bom, pois, entre outras vantagens, não há um patrão para mandar em todos. Essa fala remete à percepção de que as lideranças não funcionam como “fiscais”, mas, como já foi dito, como “pontes” entre as marisqueiras e os técnicos dos projetos. Todavia as líderes se sentem sobrecarregadas e gostariam de que as outras marisqueiras assumissem mais responsabilidades, dependendo menos da suas presenças e atuações.

Rivanda é uma das mulheres que começaram a ingressar nos projetos timidamente e depois passou a se destacar por sua positividade e engajamento. Hoje, ela é uma das líderes do grupo. Isso me fez pensar que as lideranças não são natas, mas sim que se formam no engajamento dos processos de reflexão e decisão sobre o trabalho. Rivanda se dispôs a sonhar, mesmo quando tudo se torna difícil, mesmo que poucas pessoas acreditem nesses sonhos.

“Meu sonho é cada vez progredir mais, que Deus me dê saúde, muita força, pra mim vencer e cuidar do meu trabalho, seguir em frente e não fracassar. Quero cada vez mais, ter força!”
(Rivanda, 41 anos – marisqueira, agos. de 2003).

Essa narrativa que se assemelha a uma prece, revela que as dificuldades são muitas e que a responsabilidade conferida a uma líder é igualmente grande. O receio de fracassar alimenta a sua perseverança.

Mas mesmo com a força que as marisqueiras aprenderam a desenvolver para enfrentar a vida, até quando poderão se manter? Um desafio que se faz urgente é a necessidade de discussão interna sobre o engajamento de mais pessoas nesse processo de luta por valorização e reconhecimento. Inclusive é importante conquistar os homens para que eles reconheçam, em sua maioria o valor da mariscagem e os benefícios que isso pode trazer para as famílias de Fortim.

Aparece também nas falas a preocupação com a existência e a continuidade do manguezal, ameaçado principalmente pela carcinicultura, que está sendo implantada no município.

“Uma coisa que eu tenho muita pena é que os nossos mangue tão se acabando. Não têm mais aqueles mangue que a gente tinha! Esse negócio que inventaram agora desses viveiro de camarão, tão acabando com os nossos mangue. Se você entrar nos mangue agora, você vê a destruição. Porque do outro lado, você vê aquela frente toda coberta, você diz assim: olha os mangue! Mas se você for daqui pro Cumbe, você vê a destruição do mangue. Fica besta! Têm muito, muito viveiro e cada vez eles acabando mais com o mangue. Não têm mais aquele manguezal, que a gente ia pras ostras, a gente ia pro outro lado, quando chegava lá a gente via aquele manguezal, agora nós não encontra mais. Tão destruindo mesmo o nosso mangue, aí o futuro é se acabar! Quando acabar o mangue pronto. De onde é que nós vamo tirar nossas ostras, as nossas sementes? Só no nosso criatório mesmo, ali criando. A gente têm mais é que batalhar pra ele nunca se acabar mesmo, nosso criatório. Porque dos mangue mesmo, a gente não espera mais nada!” (Gorete, 42 anos – marisqueira, agos. de 2003).

Essa mesma narrativa traz muitos pontos para a discussão. Gorete primeiramente lamenta a destruição que pode ser observada apenas por aqueles que entram no manguezal e também pelos que conheceram o mangue de Fortim antes do início dos viveiros de camarão. A fala me chamou a atenção para o fato de Gorete estar revelando uma estratégia dos donos dos viveiros, já que a parte da frente do manguezal que fica à vista de todos continua intacta, por justamente funcionar como um “paredão” para esconder os viveiros que são construídos ilegalmente na parte de dentro do manguezal. Como os mangues são protegidos por leis, esse tipo de ação se torna criminosa, e os subterfúgios realizados para encobrir o aumento dos viveiros de camarão, são investidas contra o mangue e, conseqüentemente, contra a população ribeirinha que vive da pesca artesanal.

É possível observar também que a narrativa de Gorete possui um tom negativo, quando ela ressalta que *tão destruindo mesmo o nosso mangue, aí o futuro é se acabar! Quando acabar o mangue pronto*. Muitos pensam como Gorete. E o mais interessante é que os criatórios de ostras aparecem em sua fala como uma alternativa diante do problema. Mas se o mangue for realmente destruído, a experiência dos criatórios possui condições efetivas para continuar? Os criatórios não podem ser a alternativa que irá se sobrepor à

própria existência do manguezal, devido à importância que este possui para a vida marinha e para as comunidades locais.

E mais, o que pode significar o fato de Gorete afirmar que *dos mangue mesmo, a gente não espera mais nada*, mostrando-se assim descrente com relação ao movimento de resistência das próprias marisqueiras, no que se refere à desigualdade de correlações de força diante dos donos dos viveiros de camarão? Talvez Gorete hoje pense assim porque está afastada do grupo, desenvolvendo outras atividades mais ligadas à venda de artesanato. O fato também me fez refletir sobre como a convivência do grupo é importante para manter viva a esperança por dias melhores. No caso de Gorete o distanciamento acabou contribuindo para esse tipo de pensamento.

Mesmo com o poder dos carcinicultores, ameaçando o mangue e as comunidades litorâneas, se as marisqueiras quiserem continuar seu trabalho, têm pela frente o grande desafio de acreditar que podem reverter essa situação. A própria iniciativa que as mulheres estão tendo, de buscar parcerias, de enfrentar as dificuldades e de procurar soluções, já significa um obstáculo para aqueles que desejam obter lucro rápido e fácil com a exploração irresponsável do manguezal.

Mesmo com as fragilidades que o grupo de marisqueiras possui, ainda assim, elas representam um “entrave” para os investidores da indústria de camarão, já que estão chamando a atenção até da imprensa para as suas questões, há sempre uma possibilidade de mudança do quadro atual de destruição.

De qualquer forma, o caminho está aberto para novos passos, no sentido de uma crescente consciência sobre o assunto, pois são vidas que estão em jogo.

“Um sonho muito bom seria a gente ter a sede própria da gente. Têm mudança aí de política, ninguém sabe, a gente têm que tá preparada pra tudo, porque de repente pode ter a vira volta, e a gente tendo a sede da gente é muito bom.” (Rivanda, 41 anos – marisqueira, agos. de 2003).

Quando Rivanda fala sobre possíveis mudanças dos rumos da política, está se referindo às próximas eleições para prefeito. E, ao mesmo tempo, ela ressalta o sonho da sede própria. Mesmo com dificuldades, as lideranças estão

sempre lançando para o grupo novas perspectivas. Isso demonstra que muita coisa ainda pode acontecer e mudar para melhor. Atualmente, algumas líderes estão analisando a possibilidade de financiamento de uma sede própria que funcionaria de maneira independente e, ao mesmo tempo, em parceria com a Colônia de Pescadores Z-21 de Fortim. Os parceiros do Terramar estão apoiando esse sonho e acreditam que há viabilidade quanto à sua realização. Em conversas com D. Maria e Rivanda, fiquei sabendo que existem muitas idéias sendo amadurecidas. As marisqueiras já estão pensando em movimentar a sede com a realização de cursos para pescadoras e pescadores, eventos culturais e hospedagem para pessoas que procuram Fortim com fins não meramente turísticos.

Esse é um sonho que, se concretizado, pode ajudar muito o grupo a conquistar ainda mais uma projeção e visibilidade. Inclusive, quem sabe até proporcionar outro ânimo às mulheres e aos seus companheiros pescadores.

A felicidade de que tanto falam as marisqueiras, quando estão se referindo ao trabalho realizado no manguezal, é algo que no futuro poderá até mudar, mas vêm persistindo, fazendo parte de uma memória sobre a mariscagem que se reafirma no presente enquanto experiência concreta.

As marisqueiras são iguais a todas as outras pessoas, querem ser felizes, sonham em ser felizes. E estão aprendendo e ensinando que a felicidade de cada mulher que pertence ao grupo dependerá da união, da parceria que precisam cultivar e da compreensão sobre a existência das singularidades e das diferenças.

Em meio a todos os processos que pude acompanhar de perto, a atitude das marisqueiras de estarem, na grande maioria das vezes, disponíveis para o novo e para o desconhecido é o que considero uma postura característica, imprescindível e promissora para o futuro do grupo.

São diversos e imensos os sonhos, desafios e perspectivas que se abrem, mas uma coisa é certa: a História dessas mulheres não pára por aqui, pois muito ainda há para ser lembrado, desejado, construído e conquistado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

... assim é a alma humana, eternamente dividida entre o mar, seus perigos, sua juventude, sua liberdade, de um lado, e os portos, ancoradouros, sua segurança, velhice e monotonia, do outro.

Rubem Alves¹

Durante todo o tempo de estudo e de convívio com as marisqueiras de Fortim, tentei refletir sobre as experiências de vida e de trabalho dessas mulheres, sob vários prismas e talvez seja esta, a maior contribuição que proporcionei aos leitores interessados no assunto.

Escrevendo agora as considerações finais, deparo-me não somente com o “fim”, mas novamente com o início e com toda a trajetória dos estudos. Lembro-me da escolha do objeto, da chegada a Fortim, dos momentos de partilha de informações durante as entrevistas, das manhãs e tardes mariscando no mangue, das angústias ocasionadas pela responsabilidade de escrever sobre as vidas das pessoas do litoral, dos meses de produção e de discussão sobre as fontes de pesquisa, metodologia de trabalho, escrita, problemática e etc. Lembro-me ainda das viagens que me proporcionaram contato com outros profissionais e estudantes também interessados pelo trabalho das marisqueiras e dos grupos de mulheres sentadas à beira do rio Jaguaribe, limpando e separando as ostras dos criatórios, enquanto conversavam sobre a vida. Lembro-me dos momentos bons e das dificuldades.

Ao longo do processo de elaboração deste trabalho, percebi que sempre estive diante da fronteira tênue entre o passado e o presente. Quantas vezes me perguntei se seria essa a melhor maneira de lidar com a problemática do trabalho das marisqueiras de Fortim! Com o tempo e com o aprofundamento das leituras textuais e das leituras de vida, fui percebendo que não existe a melhor maneira, e sim as melhores maneiras; que não existe apenas um olhar, e sim vários olhares. Compreendi, então, que fundamentalmente minhas escolhas conduziam ao caminho que mais me seduzia enquanto pesquisadora.

¹ ALVES, Rubem. *Navegando*. Campinas, SP: Papyrus, 2003, pp. 74-75.

Durante a trajetória no Mestrado em História Social, fui aprofundando as discussões relacionadas ao objeto escolhido e entendendo que passado e presente possuem uma natureza complementar e indissociável, realçados ainda pelos desafios futuros. Pensando assim, uma “ponte” revelou-se entre os “tempos”: a *memória*.

Memória, um campo de estudo que causa muita polêmica entre os historiadores, mas que, entretanto, tem favorecido o crescimento da História, a medida que os “objetos” de estudo vêm extraordinariamente se ampliando, enriquecidos pelo diálogo com a Antropologia, a Literatura, a Arqueologia, a Ecologia e outros campos de conhecimento.

Acredito que a história das comunidades ribeirinhas e litorâneas cearenses, muito ainda pode nos revelar, pois a aparente simplicidade se observada sob um olhar atento, revela um universo complexo de relações e de manifestações de vida em sociedade. A cultura, as visões de mundo, a relação com a natureza são instigadoras de potencialidades e limitações que podem ser projetadas como elementos reflexivos.

Pensar o trabalho das marisqueiras favoreceu discutir gênero, meio ambiente, cultura e História, o que significou, em uma perspectiva mais ampla, também refletir sobre as relações humanas.

O trabalho feminino desenvolvido no manguezal de Fortim é uma herança cultural. Os relatos sobre a existência da mariscagem no passado fazem referência aos moradores mais antigos e a parentes mais velhos. Os anos de grande seca aparecem em alguns depoimentos das marisqueiras como marcos de chegada de migrantes à localidade que vieram na sua maioria do sertão, em busca de melhores oportunidades de sobrevivência e que, ao entrarem em contato com a população local, se depararam com a prática da pesca no mangue.

Há uma memória sobre a mariscagem que se afirma no conhecimento repassado de geração em geração, através das vias da oralidade, referente às dinâmicas de funcionamento da vida no mangue, fauna, flora, marés e também à utilização das artes de pesca.

O trabalho realizado pelas marisqueiras de Fortim possui conotações que ao longo da História transitaram entre os aspectos da subsistência, do lazer e, mais recentemente, da lucratividade.

As elaborações das marisqueiras são valiosas justamente por serem expressão de manifestações individuais e coletivas resultantes de experiências e de conhecimentos diversificados. O conhecimento que elas possuem foi construído através destas experiências e da remodelagem de uma cultura que transita entre o passado e o presente constantemente. A memória aqui favorece uma ligação entre individualidade, coletividade e história.

A mariscagem está passando por importantes mudanças, nas quais antigas e novas práticas se mesclam de acordo com os interesses e desafios sociais, políticos, ambientais e econômicos postos ao grupo de mulheres do mangue.

Os dados da pesquisa realizada com base nas atas de reunião da Colônia de Pescadores de Fortim Z-21 revelaram que processos organizacionais ocorridos notadamente no período que vai de 1997 a 2001 marcaram uma nova fase de participação feminina em reuniões e projetos comunitários, afirmando um significativo crescimento. Os processos de organização comunitária das mulheres através da Colônia de Pescadores Z-21 auxiliaram o nascimento de importantes parcerias com ONG's e a Universidade Federal do Ceará.

A busca pelo reconhecimento da mariscagem enquanto uma atividade profissional e a conquista da aposentadoria para marisqueiras por tempo de serviço comprovado, têm contribuído para o aumento da participação das mulheres em estâncias que eram tidas, no passado, como essencialmente masculinas.

O projeto comunitário dos criatórios de ostras, implantado em 1999 pelo GEMB (Grupo de Estudos de Moluscos Bivalves), ligado à Universidade Federal do Ceará, contribuiu para mudanças em relação à mariscagem. Após a implantação dos criatórios, as idas ao mangue diminuíram, mas não cessaram por completo, pois o mangue continua sendo uma forte referência de trabalho e de vida para as marisqueiras de Fortim. Os criatórios se harmonizam com a perspectiva de

elaboração de alternativas sustentáveis para a melhoria de vida das populações ribeirinhas e marcam uma nova etapa da história do trabalho das marisqueiras.

Para todos os envolvidos com o projeto dos criatórios, lança-se o desafio do aumento da comercialização das ostras e da quantidade de estruturas, visando, com isso, à obtenção de um retorno financeiro mais significativo para as marisqueiras.

O trabalho de Educação Ambiental desenvolvido pelo Instituto Terramar foi outra contribuição importante para garantir avanços com relação à mariscagem. Os conhecimentos que as marisqueiras já possuíam sobre a vida e a pesca no manguezal, foram considerados como sendo valiosos para a vida das comunidades litorâneas. Ao mesmo tempo, algumas práticas antigas como a retirada de ostras em cachos foram combatidas, reduzindo significativamente os cortes das raízes do manguezal (é importante frisar que o GEMB também contribuiu para o surgimento desse novo quadro). Por outro lado, os processos educativos só puderam ser efetivados devido ao esforço das marisqueiras em articular e gerir os projetos no local.

Quanto à problemática dos viveiros de camarão, que ameaçam os ecossistemas dos manguezais, a vida marinha e a vida das populações das comunidades ribeirinhas e litorâneas, é imprescindível que se façam cumprir as leis já existentes que protegem as áreas de manguezal e, concomitantemente, que seja implementada a fiscalização e a punição dos responsáveis pelo extermínio das florestas de manguezal.

Há uma necessidade urgente de se pensar e implementar políticas de ordenamento e fiscalização da pesca no Ceará. Para tanto, o incentivo à pesca artesanal e à mariscagem pode constituir-se em alternativa que reduza, associadas a um trabalho de educação ambiental, os impactos físicos e ambientais sobre as comunidades litorâneas.

As marisqueiras irão necessitar do Poder Público Municipal para apoiar novos projetos e iniciativas que contribuam com a melhoria da qualidade de vida local e, para tanto, elas precisam pensar em estratégias de "convencimento" e de atuação.

São diversos os desafios e as mulheres do mangue estão construindo novas lógicas e valores, tendo por base a memória da mariscagem e o contexto atual. Talvez os desafios mais complexos estejam no plano das relações de gênero. É possível afirmar que mudanças começaram a acontecer, mas muito ainda precisa ser feito para que as desigualdades entre mulheres e homens nas comunidades estudadas deixem de existir.

O valor do manguezal, bem como do trabalho feminino, precisam ser reconhecidos; do contrário, continuará sendo mantido e reproduzido o desequilíbrio ambiental. Para que haja qualidade de vida e sustentabilidade nas comunidades litorâneas se faz necessária a efetivação de ações voltadas para a melhoria das relações humanas e da relação com a natureza.

As lideranças do grupo de marisqueiras tiveram um importante papel em todo o processo de conquista de direitos, mas necessitam refletir sobre sua atuação e estratégias que terão que construir para descentralizar tarefas e promover o surgimento de novas líderes.

Problemáticas como a violência, o papel das lideranças, a saúde dos trabalhadores da pesca e a sexualidade constituem-se como algo que merece futuras pesquisas e trabalhos, se possível, realizados com auxílio de parceiros especializados no assunto.

O turismo é também uma temática que requer discussão ampla por parte das comunidades de Fortim, pois as saídas para os problemas existentes devem ser encontradas coletivamente. É importante refletir sobre um turismo sustentável para a região, visando a uma redução do quadro de desequilíbrio ambiental, geração de emprego e renda, redução da migração das populações do litoral para os grandes centros urbanos, de forma a beneficiar as pessoas das localidades. Um intercâmbio com comunidades que já avançaram nesse sentido é favorável em tempos futuros.

Muito provavelmente novas experiências de aproveitamento dos recursos sustentáveis e de manejo irão surgir e, inclusive novos parceiros também, mas cabe fundamentalmente às marisqueiras, como grupo organizado, preparar-se

para o enfrentamento dos problemas futuros e para a escolha dos melhores rumos a seguir.

Lista de fotos

Foto 1 - Pedra do Chapéu em 1968	35
Foto 2 - Pedra do Chapéu em 2004	35
Foto 3 – Canhão	36
Foto 4 - de Rivanda e Gorete / Marisqueiras – 07/2002.	
Floresta do manguezal de Fortim.	56
Foto 5 - de Maria de Aquino e Francinete / Marisqueiras - 07/2002.	
Vegetação do mangue, tendo como fundo o rio Jaguaribe.	58
Foto 6 - de Rivanda e Gorete / Marisqueiras - 07/2002. Raízes do mangue, repletas de ostras.	60
Foto 7 - de Maria de Aquino e Francinete / Marisqueiras - 07/2002.	
Siris do Rio Jaguaribe.	62
Foto 8 - de Rivanda e Gorete / Marisqueiras - 07/2002. Lama do mangue.....	63
Foto 9 - de Maria de Aquino e Francinete / Marisqueira - 07/2002.	
Fogueiras feitas à sombra do manguezal.....	65
Foto 10 - de Rivanda e Gorete / Marisqueiras - 07/2002. Rivanda recolhendo sacos plásticos que estavam enterrados na lama do mangue.	67
Foto 11 - de Maria de Aquino e Francinete / Marisqueira – 07/2002.Homem pescando siri no rio Jaguaribe.	69
Foto 12 - de Rivanda / Marisqueira - 07/2002. Gorete retirando ostras com uma faca das raízes dos mangues.....	70
Foto 13 - de Rivanda e Gorete / Marisqueiras - 07/2002. Raízes aéreas de mangues vermelhos e brotos de vegetação nascendo em meio aos galhos... ..	71
Foto 14 - de Maria de Aquino e Francinete / Marisqueiras - 07/2002.	
Mangues vermelhos e suas raízes aéreas.	72
Foto 15 - de Rivanda e Gorete / Marisqueira - 07/2002.Tronco seco e sacos plásticos enterrados na areia do mangue.	73
Foto 16 - Marisqueiras trabalhando.....	87
Foto 17 - Criatórios de Ostras.....	100
Foto 18 – Fazenda de Cultivo de Camarão.	129

Lista de mapas

Mapa 1 – Fortim e suas comunidades	33
Mapa 2 – Localização dos criatórios de ostras.....	103

Lista de gráficos e tabela

Gráfico 1 – Participação relativa das Marisqueiras por local de moradia.	110
Gráfico 2 - Participação relativa de Marisqueiras por estado civil.	112
Gráfico 3 - Tempo de mariscagem.	112
Gráfico 4 - Participação relativa anual por gênero nas reuniões da Colônia Z-21 de Fortim.	132
Tabela Nº 1 – Relação ano e Nº de reuniões da Colônia de Pescadores.	133

Fontes

- Entrevistas (Nome, profissão, data da entrevista)

1. Valdenora Rebouças – marisqueira – 11/08/01
2. Francinete – marisqueira - 09/10/01
3. Pedro – pescador de caranguejos /agricultor – 09/10/01
4. Maria de Aquino – marisqueira – 29/12/01
5. Maria Helena – marisqueira – 30/12/01
6. Eneida – marisqueira -09/01/02
7. Gorete – marisqueira - 09/01/02
8. Miguel - Pescador – 09/01/02
9. Rivanda – marisqueira - 13/04/02
10. Esmeralda – professora / poetisa – 13/04/02
11. Luzirene (Lelete) – marisqueira – 13/04/02
12. Francisco César – pescador – 26/04/03
13. Maria Teodoro – marisqueira – 27/04/03
14. Sebastiana – marisqueira – 27/04/03
15. Mundoca – comerciante – 11/01/04

- Livros de atas das reuniões da Colônia de Pescadores Z-21 de Fortim.
Período de 1993 a 2001.

Referências Bibliográficas

- ABONG. *Gênero, o olhar que transforma*. São Paulo: Editora Peres, 1997.
- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. *Masculino/feminino: tensão insolúvel – Sociedade brasileira e organização da subjetividade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de si. Uma interpretação Antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de século edições, 1995.
- ALVES, Rubens. *Navegando*. Campinas, São Paulo: Papirus, 2003.
- AQUASIS – Associação de Pesquisa e Preservação de Ecossistemas Aquáticos. *A Zona Costeira do Ceará. Diagnóstico para a Gestão Integrada*. Fortaleza, 2003.
- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. Seleção de textos de José Américo Mota Pessanha. Tradução de Joaquim Moura Ramos. São Paulo: Abril, 1978. Col. *Os Pensadores*.
- BARTH, Fredrik. Os grupos étnicos e suas fronteiras, In: *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1998.
- BARBOSA, Ivone Cordeiro. Nos caminhos da História e da Literatura – Introdução. In: *Sertão: Um lugar-incomum: o sertão do Ceará na Literatura do século XIX*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Fortaleza-CE: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000.
- BESSA, Karla Adriana Martins (org). *Trajetórias do Gênero, masculinidades...* Cadernos de Pagu. São Paulo: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1998.
- BOFF, Leonardo. *Ecologia - grito da terra, grito dos povos*. São Paulo: Ática, 1998.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade, Lembranças de Velhos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- BOSI, Alfredo. *Cultura Brasileira. Temas e Situações*. São Paulo: Ática, 1992.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e Etnia. Construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BRUCKER, Pascal e FINKIELKRAUT, Alain. *A nova desordem amorosa*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

- BURKE, Peter (org). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.
- CARDOSO, Roberto, de Oliveira. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo: Pioneira, 1976.
- CARVALHO, Gilmar de. *Madeira Matriz: Cultura e Memória*. São Paulo: Annablume, 1998.
- CASTRO, Edna e Florence Pinto. *Faces do trópico úmido. Conceitos e Questões sobre desenvolvimento e meio ambiente*. Novas perspectivas em etnoecologia : Saberes tradicionais e gestão dos recursos naturais, e Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais. Belém: Editora Cejup : UFPA-NAEA, 1997, pp 187-200 e 221-242 respectivamente.
- CAVALCANTE, Gustavo Bezerril. *Educação Ambiental : um Instrumento na Construção da sustentabilidade no litoral cearense*. Fortaleza: Monografia de Especialização em Saúde, Trabalho e Meio Ambiente para o Desenvolvimento Sustentável, 1999.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.
- CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência. Aspectos da Cultura Popular no Brasil*. 2ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- COLE, Sally. *Mulheres da Praia: o trabalho e a vida numa comunidade Costeira portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote, 1994.
- CORBIN, Alain. *O Território do Vazio. A praia e o imaginário ocidental*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina. *Uma Questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1992.
- CRUZ, Anette Goldberg Velasco e. Os Movimentos de liberação da mulher na França e na Itália (1970 – 1980) primeiros elementos para um estudo comparativo do novo feminismo na Europa e no Brasil. In: LUZ, Madel T. *O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual*. Rio de Janeiro: Graal, 1982, pp 44-45.
- D'ÁVILA, Maria Inácia & VASCONCELOS, Naumi de. (orgs.) *Ecologia, Feminismo, Desenvolvimento*. Rio de Janeiro: EICOS – UFRJ, Série Documenta N.º 1, 1993.

- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Mulheres sem História*. Revista de História, São Paulo, nº 114, jan/jun 1983, pp 31-45.
- _____. Teoria e método dos estudos feministas: perspectiva Histórica e hermenêutica do cotidiano. In: COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina (org) *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. 39-53 p.
- DIEGUES, Antonio Carlos. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- _____. *Povos e Mares*. São Paulo: Editado pelo Núcleo de apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras - USP, 1995.
- DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário: introdução à arqueologia geral*. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos: mitos e Histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- ELIADE, Mircea. *Images et symboles Essais sur le symbolisme magico-religieux*. France: Gallimard, 1999.
- FARIA, Nalu & NOBRE, Miriam. *Gênero e Desigualdade*. São Paulo: Cadernos Sempre Viva. 1997. 51p.
- FENELON, Déa Ribeiro. Trabalho, cultura e história social. Revista *Projeto História*. São Paulo: EDUC Nº 4, 1984.
- FERREIRA, Leila da Costa. *A questão Ambiental*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1998.
- FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2000.
- FIGUEIREDO, Luciano. *O avesso da memória: cotidiano e trabalho da Mulher em Minas Gerais no século XVIII*. Rio de Janeiro: José Olímpio / Brasília Edumb. 1993.
- FRANCO, Augusto de. *Porque precisamos de Desenvolvimento local Integrado e Sustentável*. Brasília - DF: Instituto de Política Milenium, 2000.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido. Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- GOLDBERG, Anette. *Feminismo e Autoritarismo: A metamorfose de uma Utopia de liberação em ideologia liberalizante*. Rio de Janeiro: UFRJ. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. 1987.
- GONÇALVES, Nuno. *O canto das onças*. In: revista Arraia Pajéurbe Nº 2. Fortaleza, 2003.
- GREER, Germaine. *Sexo e Destino: A política da fertilidade humana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- GUATARRI, Félix. *As Três Ecologias*. Campinas – São Paulo: Papirus, 1993.
- IANNI, Octavio. *A Era do Globalismo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- IMOPEC. *Propostas Alternativas. O vale do Jaguaribe, Natureza e diversidade cultural – I*. 1999.
- IMOPEC. *Propostas Alternativas. O vale do Jaguaribe, Natureza e diversidade cultural – II*. 2000.
- IMOPEC. *Propostas Alternativas. Memória e Patrimônio Cultural do Ceará. diversidade cultural – III*. 2001.
- JARA, Carlos Júlio. *A Sustentabilidade do Desenvolvimento local, Desafios de um Processo em Construção*. PRORURAL: DF – Brasília, 1998.
- LEONARDI, Victor Paes de Barros. *Os historiadores e os rios. Natureza e Ruína na Amazônia brasileira*. Brasília: Paralelo 15: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 2ª. Ed. Campinas: UNICAMP, 1992.
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *A outra face do feminismo*. São Paulo: Ática, 1984.
- LIMA, Tânea. *Brenhas*. Fortaleza: Mangues & Letras, 2003.
- LOPES, Maria Antônia . *Mulheres, espaço e sociabilidade*. Lisboa: Livros Horizonte, 1989.

- LOWENTHAL, David. Como Conhecemos o Passado. In: *Projeto História*, N.º 17. São Paulo:PUC, 1998.
- MALDONADO, Simone Carneiro. *Pescadores do Mar*. São Paulo: Ática, 1986.
- MALUF, Marina. *Ruídos da Memória*. São Paulo: Siciliano, 1985.
- MEIRELES, Cecília. *Mar absoluto/Retrato natural*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1983, Coleção Mestres da Literatura Contemporânea.
- MURARO, Rose Marie & BOFF, Leonardo. *Feminino e Masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- DANTAS NETO, Maximiano Pinheiro, *A ostreicultura como atividade Sustentável em Fortim, Ceará*. Dissertação de Mestrado em Meio Ambiente pela Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2001.
- NEVES, Berenice Abreu de Castro. *Do mar ao Museu: a saga da jangada São Pedro*. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História – A Problemática dos Lugares. In: *Projeto História*, N.º 10. São Paulo: PUC, 1993
- PÁDUA, José Augusto. *Um sopro de destruição: Pensamento político e Crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- PEDRO, Joana Maria. Relações de Gênero na Pesquisa Histórica. *Revista Catarinense de História*. Florianópolis 3º Milêni. N.º 2. 1994, pp 35-44.
- PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe*. Florianópolis: EDUFSC, 1994.
- PERELMUTTER, Daisy & ANTONACCI, Maria Antonieta. *Ética e História Oral*. *Revista do Programa de Estudos Pós – Graduados em História e do Departamento de História da PUC*. São Paulo: EDUSP, 1997
- PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A, 1992.
- PILLAR, Maria do et al. *A Pesquisa em História*. Editora Ática, 1989 (Série Princípios).
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*, V.2 N.º 3. Rio de Janeiro: FGV, 1989.

- _____. Memória e Identidade Social. In: *Estudos Históricos*, V.5 N.º. 10. Rio de Janeiro: FGV, 1992.
- PORTO ALEGRE, Sylvia. Vaqueiros, Agricultores, Artesãos: Origem do Trabalho Livre no Ceará Colonial. *Revista de Ciências Sociais*. Fortaleza, UFC(20-21), 1/2:1-29, 1989/90.
- PRIORE, Mary Del. *Ao sul do corpo: Condição feminina: maternidade e mentalidades no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: José Olímpio/ Brasília: Edunb, 1993.
- _____. *Mulheres no Brasil Colonial. A mulher no imaginário Social mãe e mulher, honra e desordem religiosidade e sexualidade*. São Paulo: Contexto, 2000.
- PROGRAMA de Pesquisa e Conservação de Áreas Úmidas no Brasil. *Inventário de Áreas Úmidas do Brasil*. São Paulo, 1990.
- PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO & TECNOLOGIAS DO INSTITUTO TERRAMAR. *Perfil da Marisqueira de Fortim*. 2001.
- PROJETO HISTÓRIA N.º 12. *Diálogos com E. P. Thompson*. São Paulo: PUC, 1995.
- PROJETO HISTÓRIA N.º 15. *Ética e História Oral*. São Paulo: PUC, 1997.
- PROJETO HISTÓRIA N.º 17. *Trabalhos da Memória*. São Paulo: PUC, 1998.
- PROJETO HISTÓRIA N.º 22. *História e Oralidade*. São Paulo: PUC, EDUC/ FAPESP, 2000.
- PROJETO HISTÓRIA. N.º 23. *Natureza e Poder*. São Paulo: PUC, EDUC/ FAPESP, 2001.
- PROJETO HISTÓRIA. N.º 24. *Artes da história & outras linguagens*. São Paulo: PUC, EDUC/ FAPESP, 2002.
- PROJETO HISTÓRIA. N.º 25. *Corpo & Cultura*. São Paulo: PUC, EDUC/ FAPESP, 2002.
- RATTNER, Henrique. *Liderança para uma sociedade sustentável, Globalização versus ação local tecnologia e desenvolvimento para todos ? A busca de um modelo alternativo*. São Paulo: Nobel, 1999.
- _____. Henrique. *A ilusão do Crescimento*. São Paulo, 1997, (Mimeo).
- RIBARD, Franck Pierre Gilbert. Seguindo as águas do mar, in: *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 25/01/2004.

- RIGOTTO, Raquel M. (org). *As Tramas da (in)Sustentabilidade: Trabalho Meio Ambiente e Saúde no Ceará*. Fortaleza: Inesp, 2001.
- ROHDE, Geraldo Mário. Mudanças de Paradigma e Desenvolvimento Sustentado. In: CAVALCANTI, Clóvis (org.). *Desenvolvimento e Natureza: estudos para uma sociedade sustentável*. São Paulo: Cortez, 1995.
- SACHS, Ignacy. Estratégias de Transição para o Século XXI. In BURSZTYN, Marcel (org.). *Para Pensar o Desenvolvimento Sustentável*. São Paulo: Brasiliense, 1994, pp. 29-56.
- SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- _____. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte I). *Revista Mana. Estudos de Antropologia Social*, vol. 3, número 1, abril de 1997, pp.41- 73.
- _____. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte II). *Revista Mana. Estudos de Antropologia Social*, vol. 3, número 2, outubro de 1997, pp.102-150.
- SANTOS, Boaventura Sousa. *A Construção Multicultural da Igualdade e da Diferença*. Conferência em 1995 (mimeografado).
- SILVA, Carolina Joana da & SILVA, Joana A. Fernandes. *No ritmo das Águas do Pantanal*. São Paulo: NUPAUB/USP, 1995.
- SOLER, Angelica & MATOS, Maria Izilda (org.). *Gênero em debate: Trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea*. SOIHET, Raquel. Enfoques Feministas e a História: Desafios e Perspectivas, pp 55-109. São Paulo: EDUC. 1997.
- STUDART, Heloneida. *Mulher objeto de cama e mesa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1979.
- THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural: mudanças de atitude em relação as plantas e os animais, 1500-1800*. Tradução de João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*. Tradução de Rosaura Eichenberg São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros: uma*

crítica ao pensamento de Althusser. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VIOLA, J. Eduardo *et al.* *Meio ambiente, Desenvolvimento e Cidadania, desafios para as Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez, 1995.